



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**



JÉSSICA MAIANA RIBEIRO DOS SANTOS

**“TU EDUCASTE TUA MULHER?”:
UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO DISCURSO
SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER EM *ECONÔMICO* DE XENOFONTE**

**FEIRA DE SANTANA-BA
2024**

JÉSSICA MAIANA RIBEIRO DOS SANTOS

**“TU EDUCASTE TUA MULHER?”:
UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO DISCURSO
SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER EM *ECONÔMICO* DE XENOFONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Brian Gordon Lutalo Kibuuka

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

FEIRA DE SANTANA-BA
2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Jéssica Maiana Ribeiro dos
S235t "Tu educaste tua mulher?": uma análise enunciativo-discursiva do
discurso sobre a educação da mulher em *Econômico* de Xenofonte/
Jéssica Maiana Ribeiro dos Santos. - 2024.
100f.: il.

Orientador: Brian Gordon Lutalo Kibuuka

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Análise do discurso. 2. Estudos de gênero. 3. *Econômico* (livro).
4. Xenofonte. I. Kibuuka, Brian Gordon Lutalo, orient. II. Universidade
Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

JÉSSICA MAIANA RIBEIRO DOS SANTOS

**“TU EDUCASTE TUA MULHER?”:
UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DO DISCURSO
SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER EM *ECONÔMICO* DE XENOFONTE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 25 de abril de 2024.

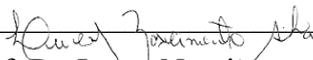
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras
(Orientador)



Profa. Dra. Camila Alves Jourdan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(Examinadora Externa)



Prof. Dr. Lucas Nascimento Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana
(Examinador Interno)

Ao Amor, Jesus.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. A todas elas minha gratidão e reconhecimento. Algumas, porém, por sua efetiva participação em cada momento dessa caminhada, gostaria de agradecer de forma especial.

A Deus que, com sua infinita bondade e misericórdia, me deu forças e me permitiu chegar até aqui;

À minha filha Júlia Beatriz, minha motivação diária, por preencher meus dias de vida e sorrisos;

Aos meus pais Jeconias e Vera, por todo cuidado na minha vida e por estarem sempre presentes nessa trajetória;

Aos meus irmãos Jacson e Jeferson pelo carinho. Carrego a certeza de que nunca estarei só;

Ao meu companheiro Eliezer, por permanecer firme nos momentos mais difíceis e celebrar comigo as alegrias;

À minha amiga Emanoela, que desde o início desta caminhada esteve presente;

Ao meu querido Prof. Dr. Brian Kibuuka, que tem sido mais que um grande orientador e maior incentivador. Aproveito ainda para destacar minha imensa admiração e respeito, pelo conhecimento a mim proporcionado e pelo incentivo; pela competência profissional e, principalmente, por ser um grande exemplo de ser humano.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Lucas Nascimento e Profa. Dra. Camila Jourdan, pelo interesse e disponibilidade.

Por fim, aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) pelos conhecimentos, ensinamentos e momentos partilhados.

Enquanto houver vida, há esperança.
Eclesiastes 9:4

RESUMO

O livro VII da obra *Econômico* de Xenofonte apresenta o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério a respeito da educação de uma esposa. As características linguísticas e enunciativas do diálogo são submetidas neste trabalho à análise enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau, (2005, 2008, 2013, 2015), com o objetivo de examinar de que modo as manobras linguísticas do enunciador constituem o interdiscurso, a encenação discursiva e o *êthos* discursivo. As análises enunciativas explicitam e evidenciam como os pressupostos de autoridade masculina e da obrigação feminina subjazem na forma de interação conversacional com vistas à aparente obtenção da boa administração do lar pelo casal, tema do *Econômico*. O objetivo da pesquisa é demonstrar como a análise do discurso aplicada ao texto xenofonteano evidencia que a emulação de uma conversa em ambiente público, marcada por regularidade e produtividade do efeito de espontaneidade, visa naturalizar e hegemoneizar a perspectiva da masculinidade cidadã e proprietária de terras em relação ao feminino. A análise de discurso e pragmática, neste trabalho, permitiram concluir que por trás da didática de educar a esposa para que fosse capaz de administrar a casa, havia uma retórica convencional da economia em que concebia o casamento como um aspecto de subordinação às relações e estruturas cívicas, reforçando a pedagogia educacional como um modo de regulação e disciplina da mulher como figura contida no lar

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Estudos de Gênero; *Econômico*; Xenofonte.

ABSTRACT

The book VII of Xenophon's *Economics* presents the dialogue between Socrates and Ischomachus in the portico of the temple of Zeus Eleutherius regarding the education of a wife. The linguistic and enunciative characteristics of the dialogue are submitted in this work to the enunciative-discursive analysis proposed by Maingueneau, (2005, 2008, 2013, 2015), with the objective of examining how the enunciator's linguistic maneuvers constitute the interdiscourse, the discursive enactment and the discursive *êthos*. The enunciative analyzes make explicit and show how the presuppositions of male authority and female obligation underlie the form of conversational interaction with a view to the apparent achievement of good administration of the home by the couple, theme of the Economic. The objective of this work is to demonstrate how the discourse analysis applied to the Xenofontean text shows that the emulation of a conversation in a public environment, marked by regularity and productivity of the spontaneity effect. This discourse aims to naturalize and hegemonize the perspective of citizen and landowner masculinity in relation to the feminine. Discourse and pragmatic analysis, in this work, allowed us to conclude that behind the teaching of educating the wife so that she was capable of managing the house, there was a conventional economic rhetoric in which marriage was conceived as an aspect of subordination to relationships and structures. civic, reinforcing educational pedagogy as a way of regulating and disciplining women as a figure contained in the home.

KEYWORDS: Discourse Analysis, Gender Studies, *Economics*, Xenophon.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Passos para a análise do discurso.....	39
Tabela 2: Análise do <i>êthos</i>	41
Tabela 3: Análise da cenografia	43
Tabela 4: Passos na análise pragmática dos atos de fala.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - O DISCURSO XENOFONTEANO EM <i>ECONÔMICO</i> DE XENOFONTE ..	19
1.1	O <i>ECONÔMICO</i> DE XENOFONTE 20
1.2	A crítica ao <i>Econômico</i> de Xenofonte 21
1.3	O discurso de Xenofonte: “Economia” na teoria e na prática 22
1.4	Sócrates, Iscômaco e a piedade religiosa na administração do <i>oikos</i> 28
1.5	<i>Econômico</i> : entre a ironia e a instrução..... 29
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ANÁLISE DO DISCURSO.....	33
2.1	DISCURSO, ENUNCIÇÃO E ENUNCIADO 33
2.1.1	O discurso..... 33
2.1.2	O enunciado e a enunciação 35
2.2	A análise do contexto de enunciação, da relação entre as estâncias do discurso e das cenas do discurso de <i>Econômico</i> de Xenofonte 36
2.3	Análise discursiva e pragmática dos enunciados..... 40
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DISCURSIVO-ENUNCIATIVA DE <i>ECONÔMICO</i> DE XENOFONTE VII	48
3.1 ANÁLISE DISCURSIVA DE CENAS DO <i>ECONÔMICO</i> SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER ..	48
3.1.1. Análise do discurso e encenação discursiva de <i>Econômico</i> de Xenofonte	49
3.1.2. Destaque de enunciados para a análise pragmática	52
3.1.3. Cenas da enunciação	53
A) Cena I – Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a administração do patrimônio familiar (I.20-23).....	54
B) Cena II - Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a educação da mulher (III.10-15).....	56
C) Cena IV – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa: assimetrias de gênero (VII.22-30)	61
D) Cena V – A casa, como espaço de submissão e trabalho (VII.35-36)	64
E) Cena VI – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a virtude da ordem (VIII.1-3)	66
F) Cena VII – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre o papel da esposa (IX.15-16)	68
G) Cena VIII – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a submissão feminina (IX.18-19).....	71
H) Cena XI – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a enganiosidade da formosura (X.9-13).....	72
3.2 Análise de enunciados do <i>Econômico</i> sobre a educação da mulher	74
3.2.1. Cena I - Administração do patrimônio familiar (I.20-23).....	75
A) Enunciado 1	75
B) Enunciado 2.....	75
C) Enunciado 3.....	76
D) Enunciado 4	77
3.2.2. Cena II - Educação da mulher (III, 10- 11 - 12 - 13 - 14-15)	77
A) Enunciado 1	77
B) Enunciado 2.....	78
C) Enunciado 3.....	78
D) Enunciado 4	79
E) Enunciado 5.....	79
F) Enunciado 6.....	80
G) Enunciado 7	80
H) Enunciado 8	81
I) Enunciado 9.....	81
3.2.3. Cena III - Educação da mulher (VII. 4.5.7).....	82
A) Enunciado 1	82
B) Enunciado 2.....	82

C)	Enunciado 3.....	83
D)	Enunciado 4.....	83
3.2.4.	Cena IV - Assimetrias de gênero (VII. 22.23.24.30).....	84
A)	Enunciado 1.....	84
B)	Enunciado 2.....	84
C)	Enunciado 3.....	85
D)	Enunciado 4.....	85
E)	Enunciado 5.....	86
3.2.5.	Cena V – A casa, como espaço de submissão e trabalho (VII – 35-36).....	86
A)	Enunciado 1.....	86
B)	Enunciado 2.....	87
3.2.6.	Cena VI - A virtude da ordem (VIII – 1-2-3).....	87
A)	Enunciado 1.....	87
B)	Enunciado 2.....	88
C)	Enunciado 3.....	88
3.2.7.	Cena VII – O papel da esposa (IX – 15-16).....	89
A)	Enunciado 1.....	89
B)	Enunciado 2.....	90
C)	Enunciado 3.....	90
3.2.8.	Cena VIII - Submissão feminina (IX – 18-19).....	91
A)	Enunciado 1.....	91
B)	Enunciado 2.....	91
3.2.9.	Cena IX –Enganosa é a formosura (X-9-10-11-12-13).....	92
A)	Enunciado 1.....	92
B)	Enunciado 2.....	92
C)	Enunciado 3.....	93
D)	Enunciado 4.....	93
E)	Enunciado 5.....	94
F)	Enunciado 6.....	94
G)	Enunciado 7.....	95

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO.....97

REFERÊNCIAS.....101

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é uma investigação das relações de gênero presentes no livro VII da obra *Econômico* de Xenofonte. Neste, o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério evidencia uma utilização da emulação do gênero conversacional para naturalizar papéis de gênero através de argumentos genderizadores do discurso, os quais pressupõem atribuições diferentes e assimétricas para o masculino e o feminino, com prevalência de direitos e senhorio ao primeiro em detrimento do segundo.

Seguindo por essa via, o trabalho esclarece que o contexto sociohistórico do *Econômico* de Xenofonte é de estereotipação de gêneros, considerados a partir do binarismo, com papéis de gênero bem definidos e distintos: homens atuavam em espaços públicos praticamente sem restrições à circulação e à fala, sendo as mulheres limitadas ao âmbito familiar e sujeitas ao silenciamento. A vista disso, ao colocar os personagens masculinos esgrimindo a gestão feminina do ambiente familiar em uma conversação a respeito das orientações que devem ser dadas às mulheres, o *Econômico* de Xenofonte se coaduna adequadamente ao seu contexto de produção de discurso.

A visão geral de Atenas, a cidade que Xenofonte menciona nos diálogos provavelmente após ser exilado, perpassa as representações e imaginário dos participantes do *Econômico*. O aparente anacronismo da consciência de Sócrates sobre a morte de Ciro e outros eventos contemporâneos é proporcional a esse amplo alcance, pois Xenofonte constrói seu conhecimento e experiência em um mundo aberto à análise.

O momento de rememoração e retrospecção iniciado pelo *Econômico* é também de recreação: a especificidade na ação (falando de Sócrates) combina-se com a imprecisão do cenário (“era uma vez” – em grego, *pote*), produzindo um ambiente propício à investigação da *oikonomia*. Esse jogo construtivo entre rememoração e investigação sustenta o *Econômico*, estruturando a ação e a experiência do leitor que, sozinho ou em companhia, pode ter lido a obra em voz alta e dado voz aos argumentos dos protagonistas, ou ouvido outros fazendo isso.¹

Após o breve prefácio autoral, o diálogo continua da maneira esperada, com Sócrates engajando Critóbulo em uma exploração do tópico escolhido por meio de questionamento e

¹ Em relação à leitura em voz alta de obras como *Econômico*, ver as contribuições de JOHNSON, W. A. “Towards a sociology of reading in Classical Antiquity” *AJP* 121, 2000, p. 593-627; e HOBDEN, F. “Reading Xenophon’s Symposium”, *Ramus*.

resposta, começando com uma tentativa de definição (1–6).² No entanto, logo Sócrates introduz uma conversa anterior com Iscômaco, a quem ele encontrou uma vez no lazer na stoá no templo de Zeus Eleutério na ágora ateniense (7.1). É essa conversa relatada que compreende a maior parte do trabalho (7-21).

Iscômaco relata uma discussão anterior com sua esposa a respeito de seus deveres domésticos (7-10), e no processo, detalha um encontro anterior com o timoneiro de um navio mercante fenício, também em sua casa (8.15-16). Nesta conjuntura, em que esta pesquisa é introduzida, se propõe a seguinte questão: quais protagonismos sociais masculinos e femininos são impostos aos enunciatários do livro VII da obra *Econômico* de Xenofonte, papéis que podem ser inferidos a partir dos gêneros discursivos utilizados e dos enunciados do discurso?

Para tal percepção, a presente pesquisa objetiva investigar qual discurso Sócrates e seus enunciados representam naquele contexto sócio-histórico e como esse discurso funciona em suas regularidades. Desta maneira, pretende-se, nesta pesquisa, observar quais são as regularidades discursivas e pragmáticas que apontam, no âmbito, discursivo, para certos discursos, como o da naturalização do lugar da mulher naquela sociedade e o lugar da ordem.

Esta pesquisa se justifica por ser a temática de gênero fundamental em um contexto atual marcado pelo feminicídio, misoginia, homofobia e sexismos em geral. Justifica-se ainda porque a análise de discurso aplicada a um *corpus* proveniente da Antiguidade dá horizonte histórico para a análise do patriarcado. Aborda-se em tal *corpus* o discurso educativo, genderizado e submetido ao “mascaramento de suas intencionalidades por meio da sua adequação e acomodação em cenografias cujo efeito no enunciatário pode ser previsto” (MAINGUENEAU, 2008, p. 77).

Abordar as relações de gênero, sobretudo, a respeito da representatividade feminina tem sido meu objeto de estudo desde a minha graduação através da vinculação com a equipe executora do Projeto de Pesquisa “Gênero e Sexualidade na Educação”. Esta investigação permitiu o aprofundamento das questões já trabalhadas durante dois anos de Iniciação Científica PIBIC-FAPESB, e um ano de atividade na Iniciação Científica PIBIC-CNPQ.

A incorporação neste projeto ensejou um estudo mais aguçado a respeito das relações de gênero, das questões sociais e, sobretudo, das representações construídas historicamente a respeito da mulher, destarte, as concepções sociais sobre o feminino que acabam sendo naturalizadas através dos discursos interessam a mim enquanto pesquisadora, sendo a

² O método de questionamento-resposta utilizado por Sócrates em *Econômico* de Xenofonte é analisado por NATALI, C. “Socrate dans L’Économique de Xénophon”, In ROMÉYER DHERBEY, G.; GOURINAT, J.-B. (eds.). *Socrate et les Socratiques*. Paris: Vrin, 2001.

assimetria de gênero que subalterniza o feminino, analisada, uma importante proposição para que sejam desvendados e desbaratados os mecanismos da subalternização operantes em várias épocas e contextos.

Escoltando essa linha, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, surgiu a oportunidade de aprofundamento das reflexões acerca desta problemática e, com ela, a possibilidade de contribuir com o estudo das concepções das feminilidades e masculinidades por meio da análise enunciativo-discursiva do livro VII da obra *Econômico* de Xenofonte. A análise do *Econômico* de Xenofonte se justifica por ser um texto que visa orientar homens a controlarem o *oikos*³ por meio da instrução e controle das mulheres.⁴ Logo, o texto grego xenofonteano, acessível a leitores em língua portuguesa por meio da boa tradução feita por Anna Lia Amaral de Almeida Prado, permite identificar a caracterização do feminino em seu contexto de enunciação como delicado, caprichoso, submisso, do lar, destinado ao espaço privado. Sob outro enfoque, masculino é caracterizado como provedor, chefe de casa e destinado a espaços públicos. Deste modo, o discurso educacional de *Econômico* de Xenofonte serve de ponto de observação das representações do gênero feminino, pois nele existe uma recorrência da existência de papéis de gênero.

Sucintamente, o quadro teórico desta pesquisa se constitui com base nas contribuições pertencentes ao conjunto de instrumentos da Análise Enunciativo-Discursiva, a fim de analisar de que modo as manobras linguísticas do enunciador constituem o interdiscurso, a encenação discursiva, particularmente, as noções de êthos propostas por MAINGUENEAU, (2005, 2008, 2013, 2015), evidenciam os pressupostos de autoridade masculina em detrimento da feminina presentes na forma de interação conversacional visando estabelecer uma boa administração do lar pelo casal, temática central do *Econômico*.

A metodologia adotada leva em consideração as pesquisas em análise do discurso, análise de enunciados e análise de gênero. A abordagem adotada converte o *Econômico* de Xenofonte em *corpus*, com ênfase no livro VII da obra, que apresenta o diálogo entre Sócrates e Isômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério. O *corpus* é neste trabalho submetido à análise: primeiro, discursivamente, tanto de maneira geral, quanto específica e restrita ao discurso. A análise discursiva, após realizada, permitiu a segmentação de enunciados que dizem

³ Oikos (o lar) era “uma unidade social e de produção que comportava em primeiro lugar pessoas: uma família nuclear composta por pai, mãe e filhos”. (FLORENZANO, M. B. B. Pólis e oikos, o público e o privado na Grécia Antiga. São Paulo: Labeca – MAE-USP, 2001).

⁴ XENOFONTE. *Econômico*. Trad. de Ana Lia A. Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

respeito à temática de gênero. Neste sentido, os capítulos seguintes estão organizados da seguinte forma:

- Capítulo 1 - Este capítulo equivale a uma apresentação pormenorizada do autor, do *corpus* mais geral e do *corpus* específico que será submetido à análise, com um destaque à importância nos estudos de gênero de *Econômico* VII, visando apresentar o autor, Xenofonte, a obra, *Econômico*, e o livro VII da mesma.
- Capítulo 2 - Este capítulo descreve as abordagens teórico-metodológicas da dissertação. São definidos: interdiscurso, encenação discursiva e analisados cada um dos *êthos* discursivos e pré-discursivos para dar destaque aos sentidos dos discursos relacionados às intencionalidades subjacentes às suas próprias declarações. A partir dessas análises, é viabilizada a segmentação e análise pragmática de enunciados, que permite colocar em destaque aqueles enunciados que abordam instruções direcionadas ao feminino.
- Capítulo 3 – Este capítulo propõe a análise discursivo-enunciativa de fragmentos da obra de *Econômico*. A abordagem aqui adotada converte o *Econômico* de Xenofonte em *corpus*, enfatizando o livro VII da obra, que apresenta o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério. Neste capítulo, o *corpus* é, primeiramente, analisado discursivamente, em resposta aos quadros de análise, onde serão definidos os interdiscursos e encenação discursiva. Seguida a essa análise, é feita a segmentação e análise pragmática de enunciados, que permitem colocar em destaque aqueles enunciados que abordam o discurso da educação da mulher e instruções direcionadas ao feminino.
- Capítulo 4 – Este capítulo é dedicado às conclusões relacionadas ao gênero advindas das análises enunciativos-discursivas. Os sentidos, intencionalidades e estratégias discursivas, uma vez elucidados, permitem a abordagem particular a respeito da identidade feminina, das estratégias de “educação”, e submissão em *Econômico* VII.

Em síntese, espera-se demonstrar por meio da análise enunciativo-discursiva do livro VII de *Econômico* de Xenofonte que havia, na Atenas clássica, um processo de genderização e imposição de estereótipos de gênero. Por meio de discursos de gênero, regulados por mecanismos de controle social, os enunciatários eram estimulados a subscreverem papéis de gênero estereotipados. Reforça essa iniciativa a utilização, nos discursos, de personagens

ilustres, como Sócrates, reconhecido socialmente por ser sábio e influente em círculos aristocráticos.

CAPÍTULO 1 - O DISCURSO XENOFONTEANO EM *ECONÔMICO* DE XENOFONTE

Este capítulo equivale a uma apresentação pormenorizada do autor, do *corpus* mais geral e do *corpus* específico que é submetido à análise, com um destaque à importância nos estudos de gênero de *Econômico* VII. Ele visa apresentar o autor, Xenofonte, a obra, *Econômico*, e o livro VII desta obra.

Xenofonte, nasceu em Érquia nas proximidades de Atenas, na Grécia, por volta do ano de 430 e 425 a.C. Foi historiador, filósofo, general grego, oriundo de uma família favorecida economicamente e influente em Atenas, sua carreira literária foi marcada por escritos históricos e discursos sócráticos de sua autoria. Além de conviver com Sócrates, tornou-se seu adepto e admirador, escrevendo, assim, diálogos em sua homenagem.⁵

Xenofonte foi aluno de Sócrates, um administrador imobiliário de Ciro e um líder dos Dez Mil, que era tanto um exército quanto uma instância política. Por meio dos diálogos de *Econômico*, Xenofonte apresenta sua expertise em *oikonomia*, uma atividade fundamentada na moralidade pessoal que mescla as atividades e interesses do indivíduo com o bem comum.

A rotina social de uma dada sociedade num tempo específico, pode representar muito mais que pensamentos ou comportamentos. O filósofo passou por variáveis externas que influenciaram o modo como ele concebeu as suas personagens e os seus objetos no interior de suas obras, e as suas atividades como soldado, como proprietário de terras e vivências com Sócrates parecem exercer muita importância. Sua preocupação com uma educação social está alicerçada nas condutas políticas, militares, administrativas e sociais de um líder de sua época, o que parece se conectar com as experiências de sua vida, e também pelos ensinamentos de Sócrates. Todos esses aspectos condicionaram o desenvolvimento de seu discurso em muitos de seus escritos.

⁵ Entre os diálogos escritos por Xenofonte que retratam Sócrates como personagem, temos *Memorabilia*, em que são apresentadas conversas entre Sócrates e Aristipo sobre autocontrole e prazer; entre Sócrates e Eutidemo sobre piedade e justiça; entre Sócrates e Antifonte sobre educação e conhecimento; entre Sócrates e Péricles sobre liderança e governo; e entre Sócrates e Critóbulo sobre a arte administrar a casa e a família; *Symposium ou Banquete*, em que Sócrates está presente junto com outros filósofos e intelectuais discutindo sobre amor, beleza e sabedoria; *Apologia de Sócrates*, em que Xenofonte apresenta sua própria versão da defesa de Sócrates durante seu julgamento; e *Hieron*, que não é um diálogo no sentido tradicional, mas inclui uma conversa entre Sócrates e o tirano Hieron sobre poder e felicidade.

1.1 O *ECONÔMICO* DE XENOFONTE

De acordo com a maioria dos escritos de Xenofonte, é impossível estabelecer com precisão quando a obra *Econômico* foi produzida. A obra é uma reconstrução imaginativa do filósofo Sócrates em ação, e pertence a uma tradição em desenvolvimento a respeito de sua pessoa e de suas ideias, que o levaram a ser condenado pelos jurados atenienses em 399 a.C. por introduzir novos deuses e corromper os jovens.

O desenvolvimento dessa modalidade de texto tem como seu melhor exemplo o enorme *corpus* de diálogos atribuídos a Platão. Ainda assim, muitos outros conjuraram Sócrates com vistas à reabilitação, explicação e/ou exploração nos anos seguintes à sua morte.⁵ O *Econômico* pertence a essa tendência de escritos reabilitadores, sendo ao lado de *Banquete*, *Memorabilia* e *Apologia de Xenofonte*, obras que apresentam Sócrates como protagonista.

Não se sabe ao certo qual a datação da obra *Econômico*, nem se ele é anterior ou posterior a *Banquete*, *Memorabilia* ou *Apologia*. Esse debate ainda está aberto. Cada texto trabalha com Sócrates de uma maneira única: colocando-o em um simpósio, ou em uma conversa com jovens atenienses sobre tópicos éticos e políticos, ou dando voz à sua defesa no tribunal, ou se relacionando com os seus amigos.

A sobreposição e a continuidade em termos de perspectiva e tema entre essas obras, e também entre essas e *Anábase* e *Ciropedia*, evidenciam a sua interconectividade, mas não necessariamente lançam luz sobre a ordem de sua composição.⁶ Em vez de fixar o *Econômico* em uma data precisa, é mais útil vê-lo como parte da obra experimental em expansão de Xenofonte, que inclui reminiscências de Sócrates e se desenvolve no ambiente intelectual da primeira metade do século IV a.C.

Uma referência de Sócrates à morte de Ciro, o Jovem (*Econômico* 4.19) parece permitir uma datação do diálogo que atravessa a obra em uma data próxima à morte de Sócrates. A morte de Sócrates ocorreu vinte anos após o encontro no *Banquete* entre Sócrates e Critóbulo, seu

⁶ Diógenes Laércio afirma que Xenofonte foi o primeiro a dar à humanidade as conversas de Sócrates por meio da *Memorabilia* (2.48), tornando-o não apenas o primeiro diálogo socrático, mas a primeira versão xenofonteana de Sócrates. Essa informação parece não corresponder à realidade, conforme Delebecque, que propõe que *Econômico* foi composto quando Xenofonte residia em Scillus em cerca de 381 a.C. (DELEBECQUE, E. *Essai sur la vie de Xénophon*. Paris: C. Klincksieck, 1957). Segundo o autor, Xenofonte escreveu *Econômico* na mesma década que a *Apologia* e *Memorabilia* (mais a *Constituição dos Espartanos*, *Anábase* e *Arte da Equitação*), e em seguida escreveu o *Banquete* (antes da *Cyropaedia*) em Atenas em 362-361 a.C. Delebecque parece ser excessivamente esquemático em sua combinação de biografia e texto, e em sua suposição de que o *Econômico* se divide em duas partes escritas separadamente. Isso ilustra as dificuldades na datação e a possibilidade de que as obras de Xenofonte tenham coexistido e evoluído durante e além de sua concepção inicial.

principal interlocutor no *Econômico*.⁷ Além disso, a obra está muito além do período de atividade sugerido por suas interações com jovens atenienses como Crítias e Alcibíades (e novamente Critóbulo) na *Memorabilia*. É nesse momento que ocorre⁸ a conversa do *Econômico*. Da mesma forma, a Atenas imaginada é uma composição familiar de espaços como as casas, campos, mercado; e processos políticos, como liturgias e tribunais.

Cada conversa “histórica” compreende perguntas e respostas, assim como uma breve discussão entre o rei espartano Lisandro e o jovem Ciro, que Sócrates narra (4.20-5). O *Econômico* contém, portanto, várias conversas relatadas, cada uma conduzida de maneira interrogativa, inseridas umas nas outras e projetadas em outros tempos e lugares. Assim, junto com o autor, o leitor do *Econômico* testemunha Sócrates e Critóbulo conversando entre amigos; toma conhecimento de Lisandro e Ciro em seu jardim em Sardes; se junta a Critóbulo enquanto ele ouve o relato de Sócrates sobre sua discussão com Iscômaco; e ouve Iscômaco falar com sua esposa, e sabe sobre o timoneiro do navio fenício. Logo, o *Econômico* é uma interrogação multivocal da *oikonomia* em que Sócrates flutua entre os papéis de inquisidor-chefe e respondente, professor e aluno, especialista e novato. Através das conversas o *Econômico*, constrói-se uma análise coerente da teoria e prática “econômica”.

1.2 A crítica ao *Econômico* de Xenofonte

O *Econômico* de Xenofonte é uma obra que oferece um testemunho da misoginia grega no período clássico. No texto, Iscômaco, marido de uma esposa jovem e inexperiente, a instruí a administrar o *oikos*, espaço restrito de sua circulação.⁹ Há leituras da obra que colocam Xenofonte na vanguarda no que diz respeito à posição das mulheres na sociedade.¹⁰ Nesse tratamento do diálogo, o fato de o marido permitir à esposa seu próprio espaço - o lar (como distinto da fazenda ao ar livre) - e ensinar-lhe suas próprias atividades - trabalho doméstico e a

⁷ Para a datação do *Banquete* em 422 a.C., ver BOWEN, A. J. (ed.) *Xenophon: Symposium*. Warminster: Aris and Phillips, 1998, p. 9. Ao contrário dos estudiosos atuais, entretanto, a datação precisa de *Banquete* e *Econômico* pode não ser possível de estabelecer. Ver: POMEROY, S. B. *Xenophon: Oeconomicus. A Social and Historical Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 18-19.

⁸ HUSS, B. “The dancing Sokrates and the laughing Xenophon, or the other ‘Symposium’”, *AJP* 120 (3), 1999, p. 398-401.

⁹ KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. *Mulheres Masculinas, Homens Femininos: Representações e Identidade de Gênero no Teatro de Eurípides*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2021, p. 134. Ver ainda: LORAUX, N. *The Invention of Athens: The Funeral Oration in the Classical City*. Cambridge: Harvard University Press, 1986, p. 24.

¹⁰ TOO, Yun Lee. “The Economies of Pedagogy: Xenophon’s Wifely Didactics”. *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 47, 2001, p. 65.

administração dos escravos domésticos - demonstra um grau considerável de respeito pela esposa e pelo valor da mulher. O diálogo chega até a mencionar o intelecto masculino (10.1) da esposa, o que seria uma evidencia de sua condição privilegiada.¹¹

A obra organiza seus temas muitas vezes em termos binários opostos e/ou complementares. Pode-se esquematizar o diálogo nas seguintes dicotomias: masculino/feminino, no que se refere aos protagonistas do diálogo; riqueza/deficiência, no que diz respeito à economia do trabalho; ao ar livre/dentro de casa, em que as esferas de atividade estão em questão; e misógino/pró-mulher, em que está em jogo a ideologia do diálogo e a recepção do leitor. Alternativamente, pode-se caracterizar a obra de Xenofonte como uma apresentação de pares complementares: marido e mulher, professor e aluno, orador e entrevistado, autor e público. O dualismo é puro, administrável, mas contido, e falha em admitir que Xenofonte é um autor complexo cujos textos podem se prestar a leituras que podem surpreender.

1.3 O discurso de Xenofonte: “Economia” na teoria e na prática

A investigação sobre a gestão doméstica começa com a seguinte questão:

Diga-me, Critóbulo, *oikonomia* é o nome de alguns saberes como medicina, bronze e carpintaria? (I.1).

O consentimento de Critóbulo à proposição de Sócrates leva à questão adicional de saber se uma atividade central pode ser identificada para *a oikonomia* como para esses outros ofícios, ao que ele responde:

... o bom administrador doméstico administra bem sua própria casa (I.2).

A capacidade de uma pessoa de administrar a casa e entender esse ofício, de ganhar dinheiro e ampliar a casa é então estabelecida quando Sócrates questiona Critóbulo um pouco mais (I.3-4). A discussão constrói uma definição do *oikos* como propriedade, e da propriedade como tudo o que é útil e como riqueza; portanto, para que algo seja útil e se transforme em riqueza, é preciso saber como usá-lo (I.5-15). Esta conclusão é então qualificada de forma mais extensa por Sócrates:

¹¹ POMEROY, S. B. *Xenophon: Oeconomicus. A Social and Historical Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 12, 16.

... o conhecimento é inútil quando uma pessoa é governada por “amantes enganosas que fingem ser prazeres” como jogos de dados e más companhias, ou ele é escravizado pela gula, luxúria, bebida de vinho ou um amor tolamente caro pela honra (I.16-23).

Com as perguntas de Sócrates e as respostas de Critóbulo conduzindo a discussão, a conversa é produtiva. Juntos, os palestrantes estabelecem uma maneira de pensar sobre *a oikonomia* em abstrato, fundamentada na aplicação prática e no resultado, dentro de uma estrutura moral. A ênfase inicial no conhecimento torna-se central para a conversa, mas a construção do conhecimento é complicada pela autodenominação de Sócrates como um *Econômico* com poucas habilidades. De acordo com a discussão inicial, a ambição de Critóbulo é aumentar seu *oikos*, e ele busca o conselho de Sócrates sobre o que fazer (2.1).

No entanto, Sócrates declara uma completa falta de experiência nos aspectos práticos da administração doméstica. A competência econômica é um pré-requisito para o sucesso político, que Critóbulo deseja, mas esse não é um objetivo compartilhado por Sócrates, cujas escassas posses atendem às suas necessidades simples (II.1-10). Portanto, o filósofo se oferece para demonstrar a Critóbulo como gerir o *oikos*, mas com limites de suas próprias competências:

Outros são muito mais inteligentes do que eu sobre esses assuntos que podem fazer de Critóbulo um homem de negócios extremamente inteligente. (II.16,18)

Mas, embora Sócrates não tenha nenhuma experiência pessoal para se basear, ele observou homens que são mais conhecedores sobre seus assuntos particulares (II.17) e oferece uma visão sobre seu sucesso:

Pois eu vi aqueles que empreenderam essas atividades sem propósito sofrerem perdas, e observei aqueles que se comportaram diligentemente com determinação séria, empreendendo mais rapidamente, mais facilmente e com maior lucro. (II.18)

A relevância dessa hipótese para a esfera econômica logo se torna aparente a partir do momento que leva Critóbulo primeiro a reconhecer as várias atividades que compõem *a oikonomia*, ou seja, construir casas, organizar pertences, administrar escravos, cultivar terras, manter cavalos e treinar uma esposa.

Sócrates, em seguida, evoca um mundo persa, em que o rei adota uma abordagem prática a um aspecto: a agricultura. O rei examina sua terra, recompensa os governadores que maximizam seu cultivo, pune aqueles que a negligenciam e cuida de seus jardins com suas próprias mãos, fornecendo assim evidências de que ele atende com cuidado tanto as questões da agricultura quanto as da guerra. Essa diligência, que é notada explicitamente e representada pela concessão do jovem Ciro dos maiores dons para cultivo a si mesmo (IV.4, IV.9, IV.12, IV.13, IV.14; IV.16), corresponde ao pré-requisito geral de Sócrates para o sucesso.

Mais tarde, Sócrates apresentará Critóbulo a Iscômaco porque ele não tem experiência direta em administrar o *oikos*, no entanto, a um nível mais teórico tem conhecimento para partilhar. Em conversa com Critóbulo, Sócrates demonstra uma apreciação geral das áreas necessárias de empreendimento e recomenda um estilo *Econômico* adequado, que Critóbulo pode colocar em prática, pois sua digressão persa é precedida por uma pergunta importante:

Certamente, não devemos ter vergonha de imitar o rei persa? (IV.4)

Tendo avançado essa proposição, Sócrates, em um monólogo, faz uma defesa ética da agricultura. Observando que mesmo os indivíduos mais abençoados não podem evitar a agricultura, ele afirma:

Pois a diligência na agricultura parece ser ao mesmo tempo um prazer e um meio de aumentar a família e treinar o corpo para ser capaz de fazer o que convém a um livre homem. (V.1)

Em contraste com os prazeres fingidos que impedem o sucesso (I.20), o prazer da agricultura traz resultados positivos: comida para viver, luxos para desfrutar; adornos físicos, animais para os sacrifícios, resistência e força do corpo por causa do trabalho, cavalos para guerra e para a agricultura, ímpeto para defender a terra e habilidades para fazê-lo, e um ambiente agradável para toda a família na fazenda (V.1-11). Outras lições aprendidas no cultivo da terra são a defesa da Justiça, as habilidades de sobrevivência em tempos de guerra, o empreendimento de ações militares conjuntas, o encorajamento dos homens na batalha e a firmeza (V.12-17). Os benefícios são materiais, físicos e militares:

... a agricultura é a mãe e nutridora de todos os outros ofícios. (V.17)

O impacto positivo da atividade no campo é afirmado, posteriormente, quando Sócrates conclui sua revisão da discussão afirmando a superioridade da agricultura, como a melhor atividade para *kaloï kagathoi* (VI.8). Além de beneficiar o indivíduo, a agricultura é valorizada pelas cidades:

... porque parece produzir os melhores cidadãos, mais leais à comunidade. (VI.10)

Critóbulo deseja o conhecimento da *oikonomia* para ajudar a aumentar sua propriedade e financiar seu estilo de vida político. Aqui, Sócrates confirma que a *oikonomia* é desejável em relação à política, mas por razões diferentes. Os atributos promovidos pelas atividades agrícolas e o conhecimento da *oikonomia* são essenciais para qualquer um que aspire a ser *kalos kagathos*

- alguém que combine beleza e bondade como resultado de sua excelência moral, tornando-se o mais valioso cidadão.

Ao conduzir Critóbulo através das questões pertinentes, Sócrates desenvolve uma perspectiva teórica sobre a natureza da *oikonomia* e a melhor maneira de abordá-la, ao mesmo tempo em que delinea sua missão geral e exalta seus benefícios para o indivíduo e a comunidade. No entanto, para detalhes precisos do que ele deve empreender (VI.11), o filósofo apresenta sua conversa anterior com Iscômaco, um homem que ele procurou para aprender o base para sua reputação como *kalos kagathos* (VI.12-17).

O que mais impressiona na conversa a seguir não é que Sócrates ocupe temporariamente o papel de aluno de Iscômaco. É que, em conteúdo e caráter, a visão da *oikonomia de Iscômaco* coincide com a já apresentada por Sócrates. Embora desenvolvido através de episódios específicos - não apenas as questões de Iscômaco com Sócrates, mas suas conversas relatadas com sua esposa - há um efeito cumulativo. Através da repetição de ideias, a apresentação anterior de Sócrates é reforçada. A atenção à sua progressão destaca ainda mais as ideias centrais que sustentam a lembrança de Xenofonte do que Sócrates disse uma vez sobre *oikonomia*.

Para começar, algumas das principais atividades econômicas já identificadas por Sócrates são mencionadas durante as instruções relatadas por Iscômaco para sua esposa. Esta seção é mais conhecida pela proposta de que a esposa supervisione seu reino interno como uma “abelha rainha em sua colmeia” (ou mais precisamente, líder [*hêgemôn*]) (VII.17, 32-34, 38). Suas atividades vão desde a supervisão dos escravos domésticos e de produtos trazidos por eles (III.4; VII.35-43) até o armazenamento de objetos em locais apropriados e em boa ordem (III.2-3; VIII.1-9.10). Soma-se a essas atividades a nomeação e o treinamento de subordinados na hierarquia doméstica, como a governanta (IX.11-19) e o desenvolvimento do seu corpo e de sua aparência, que devem se mostrar saudáveis por meio do exercício (V.4; X.1-13). Iscômaco, em sua conversa com Sócrates, chega a mostrar até como é possível treinar uma esposa de modo que ela seja encorajada a perguntar como pode contribuir para o crescimento do *oikos* (VII.4,16).

A descrição de Iscômaco da indústria econômica não apenas corresponde à visão mais ampla de Sócrates, mas sua família é direcionada para o mesmo objetivo. Além disso, Iscômaco possui a consciência de Sócrates do efeito prejudicial do prazer na indústria: a governanta é escolhida primeiro por seu grande autocontrole em relação ao estômago, vinho, sono e companhia masculina (IX.11). O mesmo ocorre com os mordomos, que devem ser diligentes (XII.9-14). Finalmente, os dois homens compartilham uma compreensão teórica de como o trabalho dentro do *oikos* deve ser distribuído. O conselho de Iscômaco baseia-se na noção de

que marido e mulher ocupam papéis complementares no *oikos*, um dentro e outro fora, conforme determinado por suas naturezas divinamente estabelecidas. Assim, eles contribuem igualmente para o seu sucesso (VII.18-28). Essa noção concorda exatamente com o comentário de Sócrates a Critóbulo sobre o próprio tópico de ensinar esposas:

Considero que a esposa que é uma boa parceira no *oikos* é inteiramente equivalente ao marido na obtenção do bem, porque a maior parte da propriedade entra na casa por meio das ações do marido, mas é gasta principalmente nas tarefas domésticas da esposa. E quando essas coisas são bem-feitas, as famílias crescem, e quando são mal administradas, as famílias diminuem. (III.15)

Em retrospecto, o filósofo parece ter absorvido a lição de Iscômaco. Esta é uma lição que Critóbulo e o leitor do *Econômico* recebem duas vezes, primeiro por meio da breve declaração de Sócrates, que conclui a proposta de que o sucesso *Econômico* depende de como um homem treina sua esposa (III.10-16); e depois por meio da extensa reflexão de Iscômaco.

Paralelos também surgem durante o relato de Iscômaco sobre como ele supervisiona e administra seus campos e trabalhadores (VII.11-15). A presença pessoal na propriedade oferece uma oportunidade não apenas para observar o trabalho agrícola em andamento, mas também para exercícios matinais, como caminhar ou correr nos campos e realizar exercícios de cavalaria (XI.14-18). Essa combinação de atividades encanta Sócrates por melhorar saúde, força, perspicácia militar e riqueza simultaneamente, e sua eficácia é comprovada na pessoa de Iscômaco, que ele observa ser saudável e forte, sedo um dos melhores cavaleiros e um dos homens mais ricos de seu tempo (XI.19-20). Por meio dessas ocupações diárias, Iscômaco incorpora alguns dos benefícios cumulativos da *oikonomia* exaltados por Sócrates a Critóbulo (V.4-8).

A predileção de Iscômaco por exercícios antes do café da manhã também combina com a preferência do Ciro de Sócrates (IV.24). Ele também treina o seu mordomo, inculcando nele a lealdade. A estratégia para o treinamento é recompensar o mordomo quando ele compartilha coisas boas (XII.6-7), e ensiná-lo a trabalhar diligentemente (XII.9). Iscômaco explica:

Sempre que vejo homens agindo diligentemente, eu os elogio e tento honrá-los, mas sempre que os vejo agindo sem diligência, tento dizer e fazer o tipo de coisa que os magoa. (XII.16)

Este é exatamente o método que Sócrates afirma ser o utilizado pelo rei persa quando ele examina as maneiras pelas quais ele exerce o seu domínio (IV.5-16). A diligência é a chave para o sucesso (II.18), sendo tal o ponto ao qual Iscômaco retorna. Se um homem deixa de cultivar a terra, fazer vinho ou colher azeitonas, em cada caso uma única explicação é suficiente: “ele não é diligente” (XX.4). De modo mais geral, lucros e perdas são explicados pela atitude

de um homem para com seus trabalhadores, quer ele se preocupe que eles preencham suas horas de trabalho; quer não se importe (XX.16). Esta é uma lição aprendida com a instrução e prática diária de seu pai:

Para os homens capazes de diligência, que cultivam com energia, o retorno da agricultura é rápido (XX.22).

Os sentimentos expressos por Sócrates, o rei persa mencionado por Sócrates, por Iscômaco e pelo pai de Iscômaco são semelhantes. Além disso, o princípio de recompensa e punição que Iscômaco aplica no campo não apenas espelha a estratégia do rei persa de Sócrates, mas também coincide com a estratégia recomendada à sua esposa para supervisionar a governanta (IX.12-13). Sua transmissibilidade entre as diversas áreas de atividade do *oikos* é ampliada pela recomendação específica de que, em sua esfera doméstica, a esposa – já descrita como a “líder” de sua colmeia – se torne como guardiã das leis das *póleis*, pois elas foram escolhidas para o papel porque elogiam quem cumpre as leis e punem os infratores. Ela deve se comportar como uma rainha que elogia e honra os dignos, mas repreende e castiga os que o merecem (IX.14-15). Uma estratégia aplicada na esfera econômica é igualmente válida na política e vice-versa.

Para Iscômaco, a capacidade de agir conforme a ameaça e a punição é um dado comum a potros, cachorros, homens e escravos. Todos podem ser direcionados à obediência por meio da promessa de recompensa e ameaça de punição (XIII.6-10). Assim, o mordomo pode ser ensinado a governar os trabalhadores (XIII.3). Sócrates leva essa proposta a sério:

Observe bem: quem é capaz de torná-los aptos para governar os homens, claramente também é capaz de ensiná-los a serem mestres de homens, e quem os torna mestres também é capaz de torná-los aptos a serem reis. Portanto, o homem capaz de fazer isso não me parece digno de ridículo, mas de grande louvor. (XIII.5)

Iscômaco propõe assim um modelo de gestão que Sócrates endossou a Critóbulo por meio de seu relato de como o rei persa supervisiona seu *oikos*. De fato, ele afirma explicitamente implementar as leis do rei persa, ao usar o sistema de recompensa e punição para ensinar a justiça (XIV.6-7). Quando Sócrates convida Critóbulo a imitar o rei persa em sua diligência na agricultura, ele antecipa (ou segue) o método *Econômico* de Iscômaco.

A digressão persa de Sócrates e o conselho de Iscômaco demonstram que a guerra e a economia não são apenas mutuamente dependentes e relacionadas às mesmas técnicas de administração (IV.5-12, 15), mas o são instrumentos que podem ser aplicados desde a realeza até ao *oikos*. Uma pessoa que governa seu *oikos* está apta para governar um reino.

1.4 Sócrates, Iscômaco e a piedade religiosa na administração do *oîkos*

O diálogo entre Sócrates e Iscômaco é rico em ideias sobre como administrar o *oîkos*, ao mesmo tempo em que está lastrado na discussão “anterior” de *Econômico*, construindo um conjunto coerente de princípios sobre os quais o gestor do *oîkos* pode obter sucesso *Econômico* e contribuir para a vida política.

Quando Sócrates propõe que Critóbulo pode se tornar um homem de negócios extremamente inteligente, porém, ele estabelece outro fator necessário ao sucesso no empreendimento: a vontade divina (II.5-6, 18). Sócrates comenta:

Eu pensei que você soubesse, Critóbulo, que os deuses são guardiões dos trabalhos da agricultura, tanto quanto da guerra. E suponho que você notou que na guerra, antes de iniciar o combate, os homens conquistam os deuses e perguntam por meio de sacrifícios e presságios o que devem ou não devem fazer. E quanto ao empreendimento agrícola, você acha que é menos necessário suplicar aos deuses? Saiba bem (ele continuou) que homens de moderação o fazem para a prosperidade de seus frutos, colheitas, gado, cavalos, ovelhas e para todas as suas posses, conforme a vontade dos deuses. (V.19-20)

Esta é uma lição que Critóbulo aceita prontamente, reconhecendo a autoridade divina sobre a paz e a guerra e, assim, comprometendo-se a iniciar todas as atividades com a ajuda dos deuses (VI.1). Como os deuses têm o poder de conceder ou negar a felicidade mesmo para aqueles que são conhecedores e diligentes, uma pessoa diligente de verdade sempre começa o seu empreendimento com a piedade religiosa (VII.7, XI.8). Iscômaco, por exemplo, só inicia a instrução de sua esposa depois de realizar sacrifícios e orações. No entanto, isso não significa que o esforço humano seja totalmente inútil. Iscômaco explica que depois de cuidar dos deuses, ele precisa agir de forma a alcançar aquilo por que orou: saúde, corpo forte, honra na cidade, lealdade dos amigos, segurança na guerra e aumento da riqueza (XI.8). Sócrates aceita a eficácia das medidas de Iscômaco e, ao mesmo tempo, atribui seus resultados à ajuda dos deuses (XI.20). Em sua compreensão das raízes do sucesso *Econômico*, o fazendeiro e o filósofo concedem prioridade aos deuses, embora reconheçam que os deuses ajudam aqueles que se ajudam.

Nesse paradigma, a atividade econômica se confunde mais uma vez com a vida política. A observância religiosa é um pré-requisito para todos os empreendimentos futuros e permite o tipo de prosperidade que torne um homem útil para seus amigos e para a *pólis*. Isso é enfatizado no capítulo final do *Econômico*. Tendo afirmado explicitamente que a arte de governar é comum

aos campos da agricultura, da política, da economia e da guerra (XXI.2), Iscômaco reitera a noção de que o estilo com que um homem assume seus deveres determina o resultado.

O diálogo ainda afirma que os bons governantes, que motivam seus seguidores e alcançam o sucesso, são aqueles que são “divinos” ou que agem sob proteção divina (XXI.5-8). O líder que sustenta seu sucesso solicita o favor dos deuses e obtém sucesso e favor por meio de esforços que o elevam acima de outros homens. Essa impressão é reforçada nas linhas de encerramento:

Mas eu digo que a educação é necessária para quem pretende ser capaz dessas coisas e ter uma boa disposição natural e acima de tudo ser divino. Pois este bem aqui não me parece inteiramente humano, mas divino: a regra do querer. Claramente isso é dado aos verdadeiramente iniciados com moderação. Mas eles dão tirania sobre os relutantes, assim me parece, para aqueles que eles acreditam dignos de viver como Tântalo no Hades, que dizem que passa toda a eternidade temendo morrer uma segunda vez. (XXI.11–12)

Pouco antes disso, Iscômaco afirmou que não era prometendo recompensa ou ameaçando punir que um mestre entusiasmava seus subordinados, mas pela posse de uma parte da disposição de um rei (XXI.9-11). Agora, o governante bem-sucedido depende da educação, bondade inata e divindade, e as recompensas são concedidas acima de tudo ao homem que pratica a moderação. Em última análise, porém, são os deuses que distribuem a liderança, decidindo quem merece a vida mais arriscada de um tirano, cuja autoridade se estende sobre súditos relutantes.¹² É reconhecendo a centralidade dos deuses para uma liderança bem-sucedida que Iscômaco (falando com Sócrates), Sócrates (conversando com Critóbulo) e Xenofonte (dirigindo-se ao leitor) terminam sua lição sobre *oikonomia*.

1.5 *Econômico*: entre a ironia e a instrução

A estrutura distintiva do *Econômico* é crucial para o desenvolvimento de uma discussão completa sobre *oikonomia*. Abordar todos os aspectos da gestão doméstica com a devida diligência é essencial para o sucesso, e inculcar isso nos subordinados é tão importante quanto mostrar isso a si mesmo. Para este fim, um esquema de recompensa e punição é mais eficaz. Com efeito, as competências desenvolvidas para a gestão do lar são eminentemente transferíveis para o domínio político (e vice-versa), tornando *a oikonomia* uma formação perfeita para a liderança.

¹² Ver em ARISTÓTELES, *Pol.* 1313a, a distinção entre monarquia e tirania, e a ideia de que os tiranos vivem com medo de súditos rebeldes.

Na configuração de gestão do *oikos* e da capacidade correspondente de performance adequada na *pólis*, aqueles que não conseguem controlar seus desejos não terão sucesso, e a diligência deve ser acompanhada pelo cuidado com os deuses. Por maior que seja o conhecimento de um indivíduo, os deuses determinam seu sucesso. Esta conclusão positiva está em desacordo com as interpretações que consideram o *Econômico* profundamente irônico.¹³

Os que consideram a obra *Econômico* um texto em que Sócrates está se utilizando majoritariamente de ironia, tanto ele, Sócrates, quanto Iscômaco estão em oposição. De fato, há falhas no raciocínio de Iscômaco que são reveladas por desacordo e dissonância. Prevalece, no entanto, a consistência no amplo padrão de pensamento entre Sócrates e Iscômaco. Logo, é possível afirmar que há sim momentos de crítica socrática no diálogo, mas estes são mais produtivos do que perturbadores. Para dar um exemplo, no final da conversa, Sócrates brinca que o “amor pela agricultura” que Iscômaco atribui a seu pai é como o amor de um comerciante pelo seu produto, porque ele aumenta o seu valor e depois o vende (XX.27-28). Aquilo que pode ser interpretado como o desprezo de um homem cujas próprias necessidades são limitadas é amenizado quando Sócrates concorda que os homens amam tudo o que acreditam ser útil (XX.29).

A questão da ironia em *Econômico* está presente ainda na discussão sobre se os homens que amam o lucro podem aprender a diligência. Depois que Iscômaco defende essa proposta, Sócrates leva a discussão adiante, modificando-a para cobrir aqueles que são autocontrolados e amam o lucro em medida razoável (XII.15-16). Em ambos os casos, as questões e qualificações de Sócrates convidam à consideração de onde estão os limites entre utilidade, lucratividade e extrema ganância. Eles não negam as propostas de Iscômaco. Sócrates continua sendo o Sócrates de Xenofonte: um homem que dominou seus desejos e não tem necessidade de participar da vida política, mas que, no entanto, deseja e é capaz de treinar jovens nos empreendimentos necessários para sua própria contribuição bem-sucedida à *pólis*.¹⁴

¹³ Consideram o *Econômico* um texto eivado de ironias: STRAUSS, L. *Xenophon's Socratic Discourse: An Interpretation of the Oeconomicus*. Ithaca: Cornell University Press, 1970; PANGLE, T. L. “Socrates in the context of Xenophon's political writings”, in VANDER WAERDT, P. A. (ed.). *The Socratic Movement*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 126-150; STEVENS, J. “Friendship and profit in Xenophon's Oeconomicus”, in VANDER WAERDT, P. A. (ed.). *The Socratic Movement*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 209-237; AMBLER, W. H. “On the Oeconomicus”, In BARTLETT, R. C. (ed.). *Xenophon: The Shorter Socratic Writings*. Ithaca: Cornell University Press, 1996, p. 102-131 e KRONENBERG, L. *Allegories of Farming from Greece and Rome: Philosophical Satire in Xenophon, Varro and Virgil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

¹⁴ Sobre as diferenças entre o Sócrates de Xenofonte e o de Platão, ver: DORION, L. “Xenophon's Socrates”, In SHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. (eds.). *A Companion to Socrates*. Malden, Oxford: Routledge, 2006, p. 93-109.

Pode-se levar a questão adiante considerando a continuidade de pensamento entre o *Econômico* e outras obras de Xenofonte. Por exemplo, a transferibilidade de técnicas como “recompensa e punição” entre as esferas econômica, militar e política e a aptidão do “homem *Econômico*” (*oikonomikos*) para administrar assuntos públicos são lições recebidas por Nicomaquides de Sócrates em *Memorabilia* (III.4.1-12). Mais do que a maioria, essa conversa cristaliza a proposição geral desse trabalho de que os jovens procuravam Sócrates “para que eles pudessem se tornar *kaloï kagathoi* e serem capazes de servir bem à sua casa, família, amigos, cidade e cidadãos” (I.2.48) – exatamente a lição que Critóbulo recebe no *Econômico*.

O outro tema, a piedade religiosa e a consideração das divindades, é retomado na insistência em outros diálogos à recomendação de que cada tarefa seja iniciada com sacrifícios. Tal conduta governa as atividades de Xenofonte na *Anábase*, por exemplo, quando ele contempla apresentar-se como general (VI.1.21-4).¹⁵ Ciro, o Velho, age de igual modo durante as suas campanhas militares, estimulado talvez pela lição que recebeu de seu pai, Cambises:

Bem, meu filho, (disse ele), você se lembra do que resolvemos uma vez, que os homens que aprendem o que os deuses concederam se saem melhor do que aqueles sem conhecimento, e os homens que trabalham realizam mais do que os ociosos, e os homens que são diligentes vivem com mais segurança do que aqueles que são descuidados com eles, e assim nos pareceu adequado para aqueles que se prepararam como é necessário também peçam coisas boas aos deuses? (I.6.5)

Cambises defende as vantagens da diligência, tornando-a um pré-requisito para solicitar o favor divino. Como Sócrates e Iscômaco, ele propõe que o favor dos deuses é essencial, mas atende ao indivíduo primeiro maximizando suas próprias capacidades. Ciro concorda (I.6.6), e mais tarde, quando sua conspiração cuidadosa com Gadatas para assumir um forte fronteiro assírio rende sucesso, ele creditará a alegria que a notícia do sucesso traz à ajuda dos deuses (V.3.19).¹⁶ O esforço humano e o favor divino contribuem para a obtenção do resultado desejado.

As ideias propostas durante as conversas do *Econômico* aparecem eventualmente nas obras de Xenofonte, onde são expostas por Sócrates, reis e príncipes persas, o sábio Simônides e o próprio autor. O *Econômico*, portanto, contribui para as investigações contínuas de Xenofonte sobre o ambiente sociopolítico contemporâneo, revisitando e retrabalhando questões

¹⁵ Sobre Xenofonte e a religião, ver PARKER, R. “One man’s piety: the religious dimension of the *Anabasis*”, In LANE FOX, R. (ed.). *The Long March: Xenophon and the Ten Thousand*. New Haven: 2004, p. 131-153.

¹⁶ TUPLIN, C. “Xenophon’s *Cyropaedia*: fictive history, political analysis and thinking with Iranian kings”, In MITCHELL, L.; MELVILLE, C. (eds.). *Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds*. Leiden: Brill, 2013, p. 83, nota 72.

de maneiras que estão em consonância com os padrões de pensamento mais amplos de seu autor.

Ao mesmo tempo, as personagens encenam capacidades que são distintas das que de fato têm. Logo, os temas recorrentes são enunciados de forma díspar: Sócrates, o sábio, se apresenta como se não o fosse; Hierão, habilidoso, carece do socorro de Semônides. Assim, obtém-se um jogo narrativo que, na tensão entre ironia e instrução, constroem-se argumentos cuja solidez gravita na sua repetição e reafirmação constantes.

Este capítulo apresentou autor, obra e tema: Xenofonte, *Econômico* e a questão de gênero. Indicou-se a dificuldade de estabelecer com precisão a data da obra *Econômico*, bem como a relação entre o diálogo xenofonteano e os diálogos atribuídos a Platão. Concluiu-se, nos limites das fontes, que a obra parece ter sido composta em uma data próxima à morte de Sócrates, cerca de vinte anos após o encontro entre Sócrates e Critóbulo. Destacou-se ainda como o *Econômico* é uma interrogação multivocal da *oikonomia* em que Sócrates flutua entre os papéis de inquisidor-chefe e respondente, professor e aluno, especialista e novato. As respostas amplamente divergentes da crítica ao *Econômico* foram submetidas à análise, optando-se por aquela que destaca a oposição binária entre opostos-complementares como a mais adequada. Abordou-se ainda como a reflexão abstrata sobre a *oikonomia* está fundamentada na aplicação prática e no resultado, sendo a competência econômica um pré-requisito para o sucesso político.

Em relação às questões de gênero e a estruturação argumentativa do diálogo, foram colocadas em destaque a estratégia de apresentar Sócrates como inexperiente, o que ensejou a apresentação de Critóbulo a Iscômaco, *kalos kagathos* que tornou o filósofo, temporariamente, um aluno. Destacou-se ainda o princípio de recompensa e punição, a recomendação específica de que a esposa se comportasse no *oîkos* como uma rainha que elogia e honra os dignos, mas repreende e castiga os que o merecem. Mais do que a mera indicação da submissão, há um jogo discursivo que relaciona piedade religiosa, saúde, corpo forte, honra na cidade, lealdade aos amigos, segurança no *oîkos* e na guerra, aumento da riqueza – um conjunto de fatores que relaciona atividade econômica e vida política.

No próximo capítulo, serão descritos os recursos teórico-metodológicos que, utilizados no diálogo xenofonteano, permitirão que se destaque as questões relacionadas ao tema: a educação da mulher em *Econômico*.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo descreve as abordagens teórico-metodológicas desta dissertação. Serão definidos: interdiscurso, encenação discursiva e analisados cada um dos *êthos* discursivos e pré-discursivos para dar destaque aos sentidos dos discursos relacionados às intencionalidades subjacentes às suas próprias declarações. A partir dessas análises, será viabilizada a segmentação e análise pragmática de enunciados, que permitirão colocar em destaque aqueles enunciados que, em *Econômico* de Xenofonte, abordam instruções direcionadas ao feminino.

2.1 DISCURSO, ENUNCIÇÃO E ENUNCIADO

Esta seção teórica visa apresentar os conceitos adotados nesta pesquisa de discurso, enunciação e enunciado, explicitando as estâncias analíticas que serão consideradas para que sejam extraídas delas as informações a respeito da mulher e de sua educação em *Econômico* de Xenofonte. Predomina em nossa abordagem as contribuições de Dominique Maingueneau, cujas ferramentas de análise discursivo-enunciativa serão elencadas no que segue.

2.1.1 O discurso

O termo ‘discurso’, em seu emprego usual, não designa uma atividade específica, mas se refere às diversas atividades verbais que produzem dinamicidade nos sentidos. O ponto de partida para entender seu funcionamento é compreendê-lo como uma forma de ação sobre o outro, como uma instância interativa que, envolvendo a atividade verbal através da troca comunicativa entre interlocutores, os quais enunciam retoricamente com base nas atitudes do outro “e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre ele.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 25)

O discurso pode ainda ser definido como “uma organização situada para além da frase” (MAINGUENEAU, 2001, p. 58)

. No entanto, não quer dizer aqui que a noção de discurso advém de uma organização totalmente distante do contexto das frases, mas se depreende de um arcabouço estrutural cuja ordem parte da frase para o texto, ultrapassando o sentido da frase.

Os discursos, quando são unidades transfrásticas, como é o caso mais frequentemente, são submetidos a regras de organização. Elas operam em dois níveis: as regras que governam o gênero de discurso em vigor em um grupo social determinado (consulta médica, *talk-show*, romance, tese de doutorado) e as regras transversais de gênero, que governam um relato, um diálogo, uma argumentação, uma explicação.

O ponto de partida para entender o funcionamento do discurso é compreendê-lo como uma forma de ação sobre o outro; sendo, portanto, interativo, numa relação que envolve a atividade verbal por intermédio da troca oral entre interlocutores. Estes, enunciam retoricamente com base nas atitudes do outro “e percebem imediatamente o efeito que suas palavras têm sobre ele.” (MAINGUENEAU, 2001, p. 25)

A vista disso, o discurso, é contextualizado, tendo em vista que “fora de um contexto não é possível atribuir sentido aos enunciados”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 25). Nesta perspectiva, as palavras só passam a ter um sentido completo quando inseridas em um contexto proveniente de troca linguísticas que possibilite o seu alcance.

Assim, o discurso só passa, com efeito, a ser empregado e entendido como tal quando se direciona a um sujeito – ou, nas palavras de Maingueneau, “a um EU, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 25). Essas fontes são elementos cruciais, pois servem como base para as atitudes seguintes que o sujeito irá tomar em relação ao que diz, direcionando-se ao seu destinatário.

Cada ato da linguagem é regido por normas específicas e o discurso, assim como qualquer outra atividade verbal, sobretudo, nos meios sociais, também, quando empregado pelo sujeito no ato de enunciação, é regido por normas e tem como alicerce um intradiscurso. Por isso, “para interpretar o menor enunciado é necessário relacioná-lo conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras”.(MAINGUENEAU, 2005, p. 28). É dito isso pelo fato de que, ainda que o locutor não se refira diretamente a algo já dito, não significa dizer que o discurso não se alimente de algo já foi mencionado anteriormente.

Nesta conjuntura, tanto nas interações sociais orais entre duas pessoas quanto nas produções referidas a um público amplo e diverso, o discurso é construído por meio do uso institucionalizado da linguagem. Logo, o sentido advindo deste discurso, construído nas múltiplas vozes dentro de um contexto interacional, não é estável, acessível, nem decifrável quando presente no enunciado, mas “continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 29)

2.1.2 O enunciado e a enunciação

A marca verbal da enunciação é o enunciado. É o que se diz relacionado com um evento real de acontecimentos. Sua compreensão não se refere à gramática ou ao dicionário, mas à mobilização de significações e ressignificações mediante o contexto dado. Aplica-se também o enunciado quando uma sequência verbal é designada no âmbito de uma comunicação completa na esfera de algum gênero do discurso. Deste modo, “[...] compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é preestabelecido e estável”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 20)

O enunciador, seja por meio da fala, seja por meio da escrita, assume uma identidade alicerçada na ideia que ele irá construir em seu enunciado. Por essa maneira, fora do contexto, não é possível atribuir sentido ao enunciado, dado que este sentido só é construído em um lugar, momento específico, com um sujeito que se dirige a um ou mais sujeitos que interpretam tendo como base as indicações presentes no enunciado produzido. Portanto, “a própria ideia de um enunciado que possua um sentido fixo fora do contexto torna-se insustentável”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 20) Por meio dos mecanismos linguísticos, os sentidos são transmitidos ao destinatário e à pessoa que interpreta o enunciado proferido no ato da comunicação, reconstruindo o sentido a partir das pistas linguísticas deixadas pelo enunciador; no entanto, o sentido reconstruído nem sempre entra em consonância com as representações do enunciador.

Com efeito, todo ato de comunicação desenvolve-se por meio da enunciação, que “torna o ato de “significar” a atividade mais importante da linguagem, sendo o sentido construído pelo enunciador e interpretado pelo coenunciador”(KIBUUKA, 2021, p. 19). Ela está, portanto, articulada com o social e manifesta-se nos gêneros de discurso ou nos campos discursivos, seja o religioso, o político, o científico, ou outros. A partir do momento em que se enuncia, os atos de fala não ocorrem no abstrato e sem condicionantes, mas no interior de um gênero. Esses gêneros estão articulados com o espaço social, com os diversos lugares e circunstâncias enunciativas criadas pela sociedade. Assim, dependendo de cada situação, teremos diferentes gêneros do discurso.

O conjunto de enunciações voltados para o coenunciador ocorre em um momento, em um lugar, sendo, portanto, envolta por elementos que remetem à enunciação em um contexto histórico e social. Por essa razão, para entendermos o sentido de um enunciado, é necessário a compreensão de quem fala (enunciador), a quem fala (enunciatário ou destinatário), onde fala

(lugar de enunciação) e quando fala (momento de enunciação). São os "protagonistas da interação da linguagem" de que fala Maingueneau: o “[...] enunciador e coenunciador, assim como sua ancoragem espacial e temporal (EU E TU, AQUI, AGORA)” (MAINGUENEAU, 2001, p. 121). Desta forma, é necessário a compreensão de que discursos não são operantes de uma forma puramente textual. Eles são, portanto, acontecimentos envoltos numa configuração sociohistórica vinculada com a organização dos conteúdos e com a legitimação da cena discursiva.

2.2 A análise do contexto de enunciação, da relação entre as estâncias do discurso e das cenas do discurso de *Econômico* de Xenofonte

O conjunto de evidências vivenciadas em um dado momento histórico remete-nos ao entendimento de que os enunciados se ancoram em outros discursos já ditos anteriormente. Conforme afirma (MAINGUENEAU, 2015, p. 18), “para interpretar um enunciado é preciso relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras”.

Ainda em consonância com Maingueneau, o trabalho com o interdiscurso implica na presença de outro sendo, portanto, heterogêneo uma vez que ocorre a relação de discursos articulados com o dito agora, antes e depois por meio da articulação entre os enunciados. Logo, o discurso ganha sentido quando relacionado com outros discursos. Tratar de interdiscurso significa, portanto, pensar na memória, a qual possui características próprias, quando referida ao discurso. O interdiscurso, (a memória do dizer), diz respeito a algo já falado antes em outro lugar independentemente:

[...] é apresentado com um sentido restritivo (conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros) e com um sentido amplo (conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita). (MAINGUENEAU, 2014, p. 254)

Olhando mais atentamente, é possível destacar o discurso como atravessado por uma interdiscursividade sucedida de outros discursos inseparáveis do contexto de produção e que mantêm uma relação discursiva entre si, dividida em: *universo discursivo*, o conjunto heterogêneo de formações discursivas que interagem em determinada conjuntura; *campo discursivo*, o conjunto concorrente de formações discursivas que delimitam-se um núcleo específico no universo discursivo, a exemplo: político, religioso, literário, pedagógico; *espaço*

discursivo, o subconjunto delimitado de enunciados condizentes a uma formação discursiva em relação ao objeto analisado centrado em um campo discursivo específico.

O universo do discurso pode ser compreendido em sua totalidade. Ele “[...] representa necessariamente um conjunto finito, mesmo que ele não possa ser apreendido em sua globalidade” (MAINGUENEAU, 2005, p. 33). Esse universo não é homogêneo, uma vez que é composto por um conjunto heterogêneo de formações discursivas entrelaçadas em determinada conjuntura e, da interação dessas formações, originam-se os campos discursivos suscetíveis de serem estudados.

O conjunto de formações discursivas demarcadas em uma região do universo discursivo, denomina-se campo discursivo. No interior de cada campo, constituem-se diferentes discursos, tendo em vista sua heterogeneidade, mediante esses aspectos, “[...] é preciso entender um conjunto de formações discursivas que se encontram em “*concorrência*”, e delimitam-se em uma região determinada do universo discursivo [...]”, ”(MAINGUENEAU, 2005, p. 34), tal concorrência, diz respeito à aliança ou imparcialidade entre discursos constituídos no interior do campo religioso, do campo político, do campo literário, do campo filosófico dentre outros, que se encontram em diferentes palcos no interior de cada formação discursiva.

Formado pelos subconjuntos das formações discursivas existentes no campo discursivo e seus elementos sociodiscursivas. Nele está a presença de diferentes gêneros do discurso, que são cruciais para compreensão do imaginário discursivo, pois “no interior de um espaço discursivo anterior, é compreensível que o discurso segundo remeta no todo ou em parte ao Outro através do qual ele mesmo se constituiu” (MAINGUENEAU, 2005, p. 33). Trata-se, portanto, de um recorte resultante de hipóteses alicerçadas em conhecimentos de mundo e da história que podem ser confirmados ou rejeitados no decorrer da pesquisa.

O próprio discurso atravessado em si mesmo, pelo interdiscurso, recebe o nome de intradiscurso. Existe um discurso, já dito, que serve com peça fundamental para compreensão do funcionamento do discurso e suas relações com os sujeitos. De acordo com (ORLANDI, 2005), o discurso já é conhecido, portanto então, “o intradiscurso surge como um meio de possibilidades de ressignificação destes discursos, formando uma cadeia significativa interna que concede coesão ao discurso, tornando-o um eficiente meio de interação comunicativa” (KIBUUKA, 2021, p. 56).

De acordo com Maingueneau, o conceito de cena enunciativa parte de uma tríade composta por cena englobante, cena genérica e cenografia. Para melhor compreensão das atividades discursivas, é preciso evitar noções como situação de comunicação de ordem estritamente linguística, ou de situação de comunicação no sentido de que tal é puramente

sociológica, sendo neste caso a fala descrita a partir do que está na sua dimensão exterior. (KIBUUKA, 2021, p. 56).

O termo “cena”, por sua vez, designa o espaço bem delimitado em que as cenas são desenvolvidas. As sequências de cunho verbal ou não verbal executadas no espaço definem, deste modo, as posições do enunciador e coenunciador. “De fato, o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero” (MAINGUENEAU, 2015, p. 118). Ainda conforme nos afirma (MAINGUENEAU, 2008), as cenas de enunciação podem ser comparadas a uma cena de teatro, tendo em vista que, em gêneros do discurso que são estabelecidos, no ato da comunicação, os sujeitos são mais conscientes de que estão a desempenhar um papel previamente imposto. Logo, “um gênero de discurso mobiliza seus participantes por meio de um papel determinado, mas não em todas as suas determinações possíveis”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 118). Nossa personalidade é construída pelos diferentes papéis sociais a nós conferidos, socialmente.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, podendo este remeter-se ao literário, político, publicitário, religioso ou outros categorizados mediante sua respectiva função social. Esta cena situa o leitor para interpretação da narrativa analisada, sendo que

Os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta: assim, um político deve ser “um homem de convicções”, um funcionário “devotado” ao serviço público etc. (MAINGUENEAU, 2015, p. 119)

O tipo de discurso é resultante das interações sociais do sujeito na sociedade e caracteriza-se por um conjunto de gêneros de discurso. A enunciação, por sua vez, realiza-se através de um gênero do discurso em que a cena englobante é o que determina a que tipo de discurso o enunciado faz parte.

Quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso ele pertence: religioso, político, publicitário etc., ou seja, qual é a cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de quê o referido folheto interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado. (MAINGUENEAU, 2015, p. 119)

A cena englobante atua numa relação entre locutor e interlocutor, administrando as prioridades que são específicas do tipo de discurso. Mediante essa perspectiva, o locutor apresenta traços do seu *êthos* prévio, isto é, em uma cena englobante religiosa, o pregador deve representar um *êthos* de um homem conservador, envolvido com assuntos do Cristianismo, correto ou corrupto. A cena genérica por sua vez opera na definição de papéis que serão

desempenhados na cena de enunciação de acordo com o tipo de cada gênero em questão, direcionando as normas que regem as possibilidades destinadas a cada um.

Os gêneros do discurso podem ser autorais, a exemplo da tragédia, comédia ou até mesmo meditação, todos são permeados por discursos, que são inseridos em determinada classe de textos que se relacionam entre si. Além destes, existem também os gêneros de rotina que circulam no meio social com finalidades específicas. “Os gêneros conversacionais são menos institucionalizados por permitir as relações interpessoais, mas aparecem mais instabilizados e nem sempre de forma clara.” (KIBUUKA, 2021, p. 57)

Os gêneros do discurso definem as especificidades dos papéis no ato da enunciação com o uso dos recursos linguísticos, o tempo e o lugar adequados para a construção da cena, uma vez que cada gênero possui sua finalidade comunicativa. Logo, “as cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas a cada gênero” (MAINGUENEAU, 2015, p. 120), como: os locutores capazes de atribuir as finalidades específicas das atividades de cada gênero a fim de regular o processo de produção e interpretação dos enunciados atribuindo papéis para os parceiros com competências específicas: professor, pastor, interrogador. Assim, “todo locutor tem à sua disposição um repertório mais ou menos extenso de variedades linguísticas”, (MAINGUENEAU, 2015, p. 122) que atribuem sentido ao enunciado. As análises do discurso presente nos diálogos de *Econômico*, que possibilitam a análise dos enunciados, proposta neste trabalho, é a que segue:

Tabela 1: Passos para a análise do discurso¹⁷

Passos para a análise do discurso		
PRIMEIRO PASSO Contexto de enunciação do <i>Econômico</i> de Xenofonte	Primeira etapa Contexto mais amplo do <i>Econômico</i>	Época de encenação
		Local de encenação
		Temas em debate
	Segunda etapa Interações no contexto do <i>Econômico</i>	Tema do diálogo
		Implicações do tema na época, local e diante dos temas em debate
		Relações entre o diálogo e o público virtual
		Relações entre o diálogo e o público específico
		Motivações e sentidos do drama

¹⁷ Tabela extraída e adaptada da tese KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. Mulheres Masculinas, Homens Femininos: Representações e Identidade de Gênero no Teatro de Eurípidos. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2021, p. 58.

SEGUNDO PASSO Relação entre estâncias do discurso	Interdiscurso	Universo discursivo	Conjunto heterogêneo de formações discursivas entrelaçadas em determinada conjuntura e, da interação dessas formações, originam-se os campos discursivos suscetíveis de serem estudados.
		Espaço discursivo	Formado pelos subconjuntos das formações discursivas existentes no campo discursivo, que são de fundamental importância para compreensão dos discursos. O recorte resultante de hipóteses alicerçadas em conhecimentos de mundo e da história, estes conhecimentos, podem ser confirmados ou rejeitados no decorrer da pesquisa.
		Campo discursivo	O conjunto de formações discursivas demarcadas em uma região do universo discursivo.
	Intradiscurso	Existe um discurso, já dito, que serve com peça fundamental para compreensão do funcionamento do discurso e suas relações com os sujeitos.	
TERCEIRO PASSO Análise das Cenas do Discurso	Cena de enunciação O termo “cena” designa o espaço bem delimitado em que as cenas são desenvolvidas. As sequências de cunho verbal ou não verbal executadas no espaço, definem, deste modo, as posições do enunciador, coenunciador.	Cena englobante	corresponde ao tipo de discurso, podendo este, remeter-se ao literário, político, publicitário, religioso ou outros categorizados mediante sua respectiva função social. Esta cena situa o leitor para interpretação da narrativa analisada.
		Cena genérica	trabalha com a definição de papéis que serão desempenhados na cena de enunciação de acordo com o tipo de cada gênero em questão, direcionando as normas que regem as possibilidades destinadas a cada um.
		Gêneros autorais	Tragédia, comédia ou até mesmo meditação, todos são permeados por discursos, que são inseridos em determinada classe de textos que se relacionam entre si.
		Gêneros de rotina	Circulam no meio social com finalidades específicas, como: dar aula, fazer campanha, vender e outros.
		Gêneros conversacionais	São menos institucionalizados por permitir as relações interpessoais, não obstante, aparecem mais instabilizados e nem sempre de forma clara.

2.3 Análise discursiva e pragmática dos enunciados

A análise pragmática, próximo passo para análise, diz respeito ao estudo da língua em uso no contexto de comunicação. Considerando o contexto comunicacional, o texto, seja ele oral ou de escrito, atende condições específicas para cumprir o propósito comunicativo. Cada propósito, logo, nos mostra sujeitos são históricos, interpelados ideologicamente pelas normas, culturas e valores de uma sociedade, desta forma, ao enunciar, “o fazem dentro de um contexto sociocognitivo, do conjunto de suposições e saberes dos interlocutores que estão em operação quando há interação comunicativa”. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 64)

Em consonância com (MAINGUENEAU, 2001), o posicionamento exercido, o modo de proferir as ideias e a sua postura, alinhada às representações sociais, constituem o *êthos*. A análise do *êthos* do discurso não está ligada somente a dimensões verbais do mesmo, mas, sobretudo, ao conjunto de descrições; textos escritos, descrições físicas, psicológicas referentes ao enunciador.

Tabela 2: Análise do *Êthos* ¹⁸

Análise do <i>êthos</i>					
<i>Êthos</i> do discurso	<i>Êthos</i> do discurso O texto escrito não está ligado tão somente a dimensões verbais do discurso, mas, sobretudo, ao conjunto de descrições; textos escritos, descrições físicas, psicológicas referentes ao enunciador .	<i>Êthos</i> discursivo	O enunciador, seja por meio da fala, seja por meio da escrita, assume uma identidade alicerçada na ideia que ele irá construir em seu enunciado.	Categórico	Papeis discursivos (narrador, contador de história, suplicante)
					Estatutos extradiscursivos (arauto, rei, deus)
				Exponencial (caracterizações sociopsicológicas estereotipadas)	
				Ideológico (posicionamentos dentro de um campo: inimigo, amigo, aliado, sofista)	
		<i>Êthos</i> pré-discursivo	O modo como o discurso é pré-concebido e realizado na perspectiva do discurso alicerçado em estereótipos específicos de uma época, de um lugar.	Estatuto institucional do enunciador: as funções e a posição social que ocupa e que conferem legitimidade ao seu discurso.	
				Ainda que o coenunciador não possua uma representação prévia do enunciador logo no primeiro momento, a formação discursiva ou o posicionamento ideológico expressos deduzem pistas características do <i>Êthos</i> do enunciador, e essas pistas, direcionam a construção do <i>Êthos</i> discursivo.	

Constitui-se, por meio do *êthos*, um lugar enunciativo que dá sentido ao discurso. A legitimação deste discurso é perceptível na evidência do corpo em movimento, da fala e da escrita. Conforme afirma (MAINGUENEAU, 2005, p. 99), “o poder da persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados”.

Levando-se em conta a ligação existente entre *êthos* e ato de comunicação, é de crucial importância ressaltar que as representações do *êthos* do enunciador se dão antes mesmo do ato de fala. Por isso, faz-se necessária a distinção entre *êthos discursivo* e *êthos* pré-discursivo,

¹⁸ Tabela extraída e adaptada da tese KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. Mulheres Masculinas, Homens Femininos: Representações e Identidade de Gênero no Teatro de Eurípidés. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2021, p. 71.

(MAINGUENEAU, 2008). O modo como o discurso é realizado está alicerçado em estereótipos específicos de uma época, de um lugar, que o autor chama de *êthos* pré-discursivo (MAINGUENEAU, 2008, p. 71). Em suma, “presume que o coenunciador disponha de representações prévias do *êthos* do enunciador” ou seja, o discurso realiza-se tendo em sua base as representações sociais construídas, as quais servem de alicerce composto de ideias e formas existentes antes do discurso.

O *êthos* discursivo, por sua vez, diz respeito ao modo como o discurso é construído no decorrer do percurso. Os elementos linguísticos utilizados pelo enunciador na construção da imagem de si mesmo no ato da enunciação distanciam-se ou aproximam-se do *êthos* pré-discursivo, proposital ou despropositadamente, produzindo assim efeitos nos interlocutores.

Outra análise proposta, faz referência a cenografia. O contexto de toda e qualquer obra é formado por uma narrativa e um narrador inscrito em um tempo e espaço compartilhados. A essa situação de comunicação dá-se o nome de cenografia. Nela ocorre a definição das condições de enunciador e coenunciador, bem como das noções de espaço (topografia) e tempo (cronografia) onde se desenvolve a enunciação. A noção de cenografia, nesta perspectiva, apoia-se na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende, de fato, enunciar. Portanto, não adquire sentido sem que esteja relacionada ao cenário, uma vez que seu dispositivo de fala se constitui à medida que a enunciação é desenvolvida.

Sua escolha não ocorre sem fins propositais, pois o autor possui autoridade enunciativa para determinar os lugares pelos quais os sentidos são construídos, isto é, não se dá de maneira pré-construída, mas fabricada de acordo com o discurso. Uma cenografia só se desenvolve inteiramente se o locutor puder controlar seu desenvolvimento;

Não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. (MAINGUENEAU, 2015, p.87)

A análise proposta neste trabalho com relação a cenografia é a seguinte:

Tabela 3: Análise da cenografia¹⁹

Análise da cenografia			
Cenografia	O contexto de toda e qualquer obra é formado por uma narrativa e um narrador inscrito em um tempo e espaço compartilhados. A noção de cenografia apoia-se na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende, de fato, enunciar. Portanto, não adquire sentido sem que esteja relacionada ao cenário, uma vez que seu dispositivo de fala se constitui à medida que a enunciação é desenvolvida.	espaço (topografia)-tempo (cronografia) não é simplesmente um quadro, um cenário, seu dispositivo de fala se constitui à medida que a enunciação é desenvolvida.	específico ou difuso

A linguagem tem uso efetivo na interação entre os sujeitos. Nos diálogos em estudo, presente em o *Econômico*, a interação permite com que os enunciados linguísticos possuam uma força capaz de produzir no interlocutor determinados efeitos, pois representam, majoritariamente, as questões que o enunciador deseja abordar, às quais delimitam temas e desvelam as suas intenções junto aos enunciatários (ou interlocutor).

O próximo passo será da análise pragmática. Ainda por meio da linguagem, atos de falas específicos são realizados pelos falantes de uma língua. No contexto interacional, os usuários da língua utilizam-se de atos peculiares para funções interpessoais tais como cumprimentos, desculpas, solicitações e reclamações.²⁰ Esses atos, que são cinco, podem ser estudados quanto à sua força ilocucional e primitiva:²¹ de asserção, de comissão, de direção, de declaração e de expressão. A força, denominada ilocucional, divide-se em seis componentes a saber:

Primeiro componente: ponto ilocucional (π), considera a língua como um meio para alcançar um fim comunicativo através de um ato não necessariamente dito, mas também se faz, como forma de [...] “estabelecer a relação linguagem-mundo, sendo os pontos propostos por Vanderveken o assertivo (correspondente à asserção), comissivo (correspondente à comissão), diretivo (correspondente à direção),

¹⁹ Tabela extraída e adaptada da tese KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. *Mulheres Masculinas, Homens Femininos: Representações e Identidade de Gênero no Teatro de Eurípidés*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2021, p. 73.

²⁰ Segundo Ellis, “*Speech acts constitute attempts by language use to perform specific actions, in particular interpersonal function such as compliments, apologies, requests or complaints*” (ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 159).

²¹ Afirma Searle: “*We can distinguish two (not necessarily separate) elements in the syntactical structure of the sentence, which we might call the propositional indicator and the illocutionary force indicator. The illocutionary force indicator shows how the proposition is to be taken, or to put it another way, what illocutionary force the utterance is to have; that is, what illocutionary act the speaker is performing in the utterance of the sentence. Illocutionary force indicators in English include at least: word order, stress, intonation contour, punctuation, the mood of the verb and the so called performative verbs.*” [“Podemos distinguir dois elementos (não necessariamente separados) na estrutura sintática da frase, que podemos chamar de indicador proposicional e indicador de força ilocucionária. O indicador de força ilocucionária mostra como a proposição deve ser tomada ou, dito de outra forma, que força ilocucionária o enunciado deve ter; isto é, qual ato ilocucionário o falante está realizando na enunciação da frase.

declarativo (correspondente à declaração) e expressivo (correspondente à expressão).” (KIBUUKA, 2021, p. 71)

Segundo componente: modo de realização (μ). O uso da linguagem é envolto de especificidades que possibilitam que enunciador e coenunciador (destinatários) relacionem-se através do pedido, da súplica, da ordem:

[...] ou em função da natureza da intervenção do enunciador, por meio de uma promessa, da revelação de um desejo ou pretensão; ou em função do modo pelo qual o enunciador está comprometido com um estado determinado por meio de um juramento, uma afirmação, uma conjectura; ou mesmo como a comunicação do enunciador persuade o coenunciador a agir. (KIBUUKA, 2021, p. 74)

Terceiro componente: condição do conteúdo proposicional (θ). Os acordos comunicacionais realizados no decorrer da interação entre o enunciador e seu coenunciador, relacionam-se com as ações futuras que serão desenvolvidas nos atos de fala de um ou de outro. As condições deste conteúdo proposicional são que determinam as formas linguísticas que serão utilizadas no ato. Este conteúdo trata, assim dizendo, “da ação futura do enunciador em pontos ilocucionais comissivos; e a ação futura do coenunciador em pontos ilocucionais diretivos”. (KIBUUKA, 2021, p. 75)

Quarto componente: condição preparatória (Σ). Também condizente aos acordos comunicacionais realizados no decorrer da interação entre o enunciador e seu coenunciador ou (destinatário), este componente chama atenção para existência de condições necessárias que os interlocutores precisam cumprir a fim de que um ato seja realizado.

Quinto componente: condição de sinceridade (ψ). A interação verbal é envolta por “[...] uma dimensão ético-moral que devemos supor como sendo um fundamento básico nas práticas de linguagem”²². Neste contexto, às condições psicológicas do enunciador são levadas em conta no momento de execução do ato. Conforme afirma (VANDERVEKEN, 1985, p. 177):

Por exemplo, um falante que afirma, expressa uma crença na verdade do conteúdo proposicional. Um falante que promete fazer alguma coisa expressa uma intenção de fazê-la. O falante é sincero se e somente se seu estado psicológico corresponde àquele expresso, e é por isso que falamos de condições de sinceridade de forças ilocucionais..

Sexto componente: marca, o sinal distintivo e linguístico. A marca diz respeito as marcas lexicais específicas para cada ato de fala, que cumprem finalidades específicas. Ele visa destacar os “marcadores básicos estruturais, lexicais, expressões performativas e idiomáticas, marcadores híbridos de base declarativa, de base interrogativa e de base imperativa”.

²² MARI, H. “Atos de fala: notas sobre origens, fundamentos e estrutura.” In: MACHADO, I. L. *et al.* (org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 93-132.

(KIBUUKA, 2021, p. 76). Mediante as perspectivas abordadas, a análise pragmática dos enunciados, desde os primórdios da força ilocucionária primitiva, quando esclarecidos, são alicerces fundamentais na identificação dos sentidos presentes em cada enunciado. No ponto ilocucional assertivo, advindo da asserção, para o enunciador crer na verdade do conteúdo proposicional ele precisa acreditar nelas, e acredita. Mas pra isso, as condições de sinceridade precisam convencê-lo. “Neste ponto ilocucional, estão os modos de afirmação, dúvida, negação; a principal marca deste ponto ilocucional é a utilização do modo indicativo.” (KIBUUKA, 2021, p. 76).

No ponto ilocucional comissivo, advindo da comissão, o enunciador é capaz e irá executar uma ação futura pretendida por ele. Neste ponto ilocucional, os modos assumidos são de recusa, aceite, desejo, expectativa, promessa; a principal marca deste ponto ilocucional é a utilização dos modos optativo e subjuntivo. (KIBUUKA, 2021, p. 76).

No ponto ilocucional diretivo, advindo da direção, o coenunciador é capaz e irá executar uma ação futura, esta ação diz respeito a pretensão do enunciador para o coenunciador. Neste ponto ilocucional, os modos assumidos são de ordem, pedido, súplica ou solicitação; a principal marca deste ponto ilocucional é a utilização do modo imperativo.

No ponto ilocucional declarativo, advindo da declaração, o coenunciador é capaz e irá produzir o que é demonstrado na enunciação, além de aclarar o estado das coisas e mostrar interesse em fazê-las. “A declaração pode ser de cunho formal de modo a relacionar-se as instituições ou status social em que motiva (casar, condenar, absolver *etc*)” (KIBUUKA, 2021, p.76) ou “de cunho menos formal (definir, despedir, declarar *etc.*)” (KIBUUKA, 2021, p.76) Neste ponto ilocucional, o modo assumido é indicativo em sentenças performativas.

No ponto ilocucional expressivo, advindo da expressão, marca-se por indicar aspectos como cumprimentos, saudação, surpresa, xingamentos e deboche.” Pode ser de cunho dubitativo se o enunciado indicar traços de opinião do enunciador; ou expressivo caso apresente percepções do enunciador.” (KIBUUKA, 2021, p.76).

O esquema da análise pragmática adotado é:

Tabela 4: Passos na análise pragmática dos atos de fala.²³

Análise pragmática dos enunciados						
Força iloc. primitiva	Ponto ilocucional (π)	Modo de realização (μ)	Condição proposicional (θ)	Condição preparatória (Σ)	Condição de sinceridade (ψ)	Marca
Asserção	Assertivo -Para o enunciador crer na verdade do conteúdo proposicional ele precisa acreditar nelas, e acredita. Mas pra isso, as condições de sinceridade precisam convencê-lo	Afirmativo: atestar, certificar. Testemunhal: depor, jurar. Preditivo: prever, adivinhar. Dubitativo: supor, duvidar. Negativo: negar, recusar.	Não há	O enunciador tem razões para acreditar no conteúdo proposicional.	O enunciador acredita no conteúdo proposicional.	Modo indicativo
Comissão	Comissivo enunciador é capaz e irá executar uma ação futura pretendida por ele.	Desiderativo: querer, ansiar. Expectativo: esperar. Recusativo: recusar, evitar. Aceitativo: aceitar, acatar. Promessivo: prometer.	O conteúdo proposicional diz respeito a uma ação futura que o enunciador fará.	O enunciador é capaz de realizar a ação	O enunciador intenta realizar a ação.	Modo optativo, modo subjuntivo ou performativos.
Direção	Diretivo O coenunciador é capaz e irá executar uma ação futura, esta ação diz respeito a pretensão do enunciador para o coenunciador.	Ordenativo: impor, ordenar. Peditivo: pedir, demandar. Solicitativo: requerer. Suplicivo: implorar.	O conteúdo proposicional representa uma ação futura a ser realizada pelo coenunciador	O coenunciador é capaz de realizar a ação	O enunciador quer ou intenta que o ouvinte coloque em prática a ação	Modo imperativo
Declaração	Declarativo O coenunciador é capaz e irá produzir o que é demonstrado na enunciação, além de aclarar o estado das coisas e mostrar interesse em fazê-las.	mais formal: casar, condenar, absolver etc. menos formal: definir, despedir, declarar etc.	Não há.	O enunciador é capaz de produzir o estado de coisas representado pelo conteúdo proposicional da enunciação	O enunciador acredita que produz o estado de coisas e que ele deseja produzi-lo	Indicativo em sentenças performativas.
Expressão	Expressivo Expressa um estado psicológico específico do conteúdo o qual se pretende atingir.	Exaltativo: -Animação: Vai! Coragem! -Surpresa: Ah! -Cumprimento: Salve! - Lamentação: Ai! Depreciativo: -Irritação: Sei, lá! -Xingamento: Merda!	Não há.	Não há.		Não há.

²³ Tabela extraída e adaptada da tese do Prof. Dr^o Brian Kibuuka. Kibuuka, Brian Gordon Lutalo. *Mulheres Masculinas E Homens Femininos: Representações E Identidade De Gênero No Teatro De Eurípidés*. 2021, p. 77

		-Deboche: Bobagem! Opinativo: acho, penso Sensitivo: vejo, sinto				
--	--	---	--	--	--	--

Estabelecidos os aspectos teórico-metodológicos que serão utilizados para a leitura de *Econômico*, especialmente interdiscurso, encenação discursiva, e estabelecidos os princípios de análise de cada um dos *êthos* discursivos e pré-discursivos para dar destaque aos sentidos dos discursos relacionados às intencionalidades subjacentes às suas próprias declarações, passa-se no próximo capítulo à análise discursivo-enunciativa.

O estudo visa submeter à análise de um dos fragmentos do livro III e, mais precisamente, o livro VII da obra, o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério, para colocar em destaque o discurso e os enunciados as instruções direcionadas ao feminino, e os seus sentidos.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DISCURSIVO-ENUNCIATIVA DE *ECONÔMICO* DE XENOFONTE VII

Este capítulo propõe a Análise Discursivo-Enunciativa de fragmentos da obra de *Econômico*. A abordagem aqui adotada converte o *Econômico* de Xenofonte em *corpus*, enfatizando o livro VII da obra, que apresenta o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério. Neste capítulo o *corpus* será, primeiramente, analisado discursivamente, em resposta aos quadros de análise, onde serão definidos os interdiscursos e encenação discursiva. Seguida a essa análise, será viabilizada a segmentação e análise pragmática de enunciados, que permitirão colocar em destaque aqueles enunciados que abordam o discurso, a educação da mulher e as instruções direcionadas ao feminino.

3.1 ANÁLISE DISCURSIVA DE CENAS DO *ECONÔMICO* SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER

A época e o local de encenação do diálogo apresentados nas cenas do *Econômico* serão submetidos à análise, além dos temas em debate relacionados à educação da mulher na época, em específico, da obra e suas respectivas implicações. As relações do diálogo com o público virtual, com o público específico e para quem foi escrito também serão abordadas, assim como as motivações e sentidos do diálogo de Xenofonte.

Proceder-se-á ainda a análise do espaço discursivo, dos subconjuntos das formações discursivas e do campo discursivo. O conjunto de formações discursivas demarcadas em uma região do universo discursivo também serão estudados. Após o tratamento dos intradiscursos, será tratada a cena englobante correspondente ao tipo de discurso, podendo este, remeter-se ao literário, político, publicitário, religioso ou outros categorizados mediante sua respectiva função social, a fim de situar o leitor para interpretação da narrativa analisada.

A cena genérica, que trabalha com a definição de papéis que serão desempenhados na cena de enunciação também será descrita, assim como a definição do gênero autoral que permeia a obra de Xenofonte: o diálogo. Também será abordado o gênero de rotina tratado diálogo e, por conseguinte, os gêneros conversacionais, que são menos institucionalizados por se mostrarem mais instabilizados.

As cenas de enunciação serão listadas e os critério para separá-las, destacados em seguida. Será feita a descrição de cada cena e dos papéis desempenhados. Depois da descrição,

será apresentado o êthos do discurso, ou seja, o conjunto de descrições relacionadas ao enunciador, assim como o êthos pré-discursivo de cada personagem, o espaço (topografia) e o tempo (cenografia). A próxima e última etapa da análise será a pragmática, que permite estudar o uso da língua em seu contexto de comunicação, seja oral ou escrito, de acordo com condições específicas para atender ao propósito comunicativo. Portanto, é perceptível que os sujeitos são influenciados historicamente e ideologicamente pelas normas e valores da sociedade.

3.1.1. Análise do discurso e encenação discursiva de *Econômico* de Xenofonte

A obra intitulada *O Econômico* de Xenofonte faz parte do grupo de escritos socráticos, com a presença de Sócrates como protagonista. Essa seção apresentará a análise do discurso a partir do contexto de *Econômico*. Serão destacadas as seguintes modalidades: época de encenação do diálogo, local de encenação do diálogo, temas em debate relacionados à educação da mulher na época, temas do *Econômico* e como eles eram tratados na época, implicações do tema na época, relações do diálogo com o público virtual, relações do diálogo com o público específico, motivações e sentidos do diálogo de Xenofonte, espaço discursivo de *Econômico* de Xenofonte, campo discursivo de *Econômico* de Xenofonte e o intradiscurso em *Econômico* de Xenofonte.

De acordo com a maioria de seus escritos, é impossível situar com precisão a época de encenação em que a obra *Econômico* foi produzida, mas sabe-se de seu local de encenação, Atenas. Os temas em debate na obra dizem respeito à arte de administrar bem o *oîkos*, o espaço em que o indivíduo age como membro da instituição familiar. O tema do diálogo evidencia pressupostos de autoridade masculina e das obrigações femininas delegadas na gestão doméstica, com vistas à aparente obtenção da boa administração do lar pelo casal.

O local e a época em que o *Econômico* se passa, a Atenas do final do século V a.C., cenário de uma nova consciência da distinção entre vida pública e privada e dos interesses divergentes das duas esferas. Dessa forma, o diálogo de Xenofonte, com sua determinação em negar que tal separação exista, é sem dúvida em parte uma resposta específica aos desenvolvimentos no ambiente de Xenofonte, uma resposta que reflete seus próprios interesses como membro da classe proprietária de terras.

Aristófanes, por exemplo, em peças como *Lisístrata* e *Assembleia de Mulheres*, mostrou que a esfera pública se tornou uma versão em larga escala da casa na qual os problemas políticos são resolvidos tão facilmente quanto os problemas domésticos (*Lisístrata* 567-86). As tramas

da nova comédia também costumam visar a eliminação de divergências incômodas entre interesses públicos e privados: um conflito gerado pela preferência pessoal de um jovem por uma mulher de baixo *status* social é resolvido pela descoberta de que ela é, na verdade, uma cidadã. *Econômico* e obras, que se identificam mais explicitamente como fantasias, apresentam o que é ostensivamente um retrato de realidades sociais. No caso de Xenofonte, a família ateniense patriarcal dos séculos V e IV a.C. é retratada a partir dos agenciamentos possíveis à esposa ateniense em uma perspectiva paradigmática (e, por isso, imaginária).

As relações entre o diálogo e o público virtual, encontram-se na construção de competências específicas para mulher a partir de uma série de conversas combinadas de questionamentos e exposições didáticas. As relações entre o diálogo e o público específico, por sua vez, é exemplificada a partir da famosa metáfora da esposa-abelha. Iscômaco descreve sua esposa como abelha rainha, conectando o diálogo de Xenofonte ao elogio de Semônides (fragmento 7.83-93 West) à mulher nascida na tribo das abelhas, sob a qual a vida de um homem prospera e cresce.²⁴ A base sobre a qual a esposa de Iscômaco merecerá esse elogio por ajudar a família a crescer é então definida de acordo com o modelo de Xenofonte para administração e liderança doméstica em geral, sob a influência de um *topos* mais antigo.²⁵

No que diz respeito as motivações e sentidos do diálogo, a fim de garantir uma boa recepção ao público de suas obras, em o *Econômico*, Xenofonte demarca a figura de Sócrates e a memória de suas lições para vida prática do cotidiano entre as linhas de seus diálogos. No mundo de Iscômaco, ensina-se e aprende-se menos para obter conhecimento e mais para buscar ganhos materiais e manter o que já se tem. Dessa forma, Iscômaco admite que governar é mais difícil do que cultivar, e que a educação é similarmente uma estratégia de (auto)conservação política, pois capacitar alguém a governar coopera para o bem da coletividade, desde que o governante em treinamento possua um “bom conhecimento” (21.11-12). Mediante este contexto, como o lar faz parte da cidade, deve-se educar seus membros, ou seja, filhos e esposas, para que sejam zelosos, responsáveis e respeitáveis e para que, por sua vez, a cidade também seja respeitável quanto a economia e estabilidade.

A relação entre as instâncias do discurso presente em *Econômico* perpassa pelo interdiscurso da subjugação da mulher ao poder masculino revelada desde os primórdios da

²⁴ Ver, por exemplo, POMEROY, S. B. *Xenophon: Oeconomicus. A Social and Historical Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1994, p. 277, citando também Focílides 6 W (F2 Diehl).

²⁵ Sobre a mulher-abelha e Xenofonte, ver GLAZEBROOK, A. “Cosmetics and Sôphrosunê: Ischomachos’ Wife in Xenophon’s Oikonomikos”. *The Classical World* 102 (3), 2009, p. 233-248.

formação da cultura ocidental, tornando como elemento norteador do diálogo, a mulher idealizada e criada pela sociedade ateniense.

O universo discursivo em que se desenvolve o diálogo, embora impossível de representá-lo em sua totalidade, elucida um universo de gênero, do qual participa o feminino, e que é construído pela e na sociedade ateniense, envolto de práticas sociais e cotidianas. Existe, em *Econômico*, um espaço discursivo marcado pela designação de uma fidelidade familiar exigida a mulher na sociedade ateniense, em que o espaço de administração pública é destinado ao marido e os espaços restritos de administração domiciliar para as esposas. Aos esposos, portanto, cabia a responsabilidade de oferecer a sua esposa uma educação cuidadosa para com a administração do *oikos*. O campo discursivo é literário, em que Sócrates, o prosador responsável por conduzir a discussão, se utiliza do recurso literário a fim de discorrer sobre temas que desvelam as suas intenções pedagógicas de Instrução as esposas.

Em relação ao intradiscorso, ele é ancorado no interior da rotina social de uma sociedade ateniense, em um tempo específico – a Atenas clássica dos séculos V e IV a.C. Neste período, o que é objeto de representação é muito mais que pensamentos ou comportamentos no caso de Xenofonte: registra-se o espaço para uma educação social firmada em condutas políticas, militar, administrativa e social de uma época. Todos esses aspectos resultaram na fundamentação do discurso que norteou o diálogo do *Econômico*.

No que tange a cena de enunciação, a cena englobante de *Econômico* é o texto literário. A cena genérica, apresenta-se o gênero autoral diálogo, que tem como objetivo, por meio da interação verbal entre Sócrates e Iscômaco, mostrar como educar a mulher para que ela administre o lar. O gênero de rotina está expresso no diálogo através da instrução. O discurso pedagógico xenofonteano objetiva, através de ensinamentos práticos, criar estratégias para a formação bons administradores do patrimônio familiar.

Em termos conversacionais, os gêneros conversacionais não são marcados por lugares institucionais, roteiros e papéis estáveis. Por essa razão, no *Econômico*, a temática também não é estável, pois os interlocutores ajustam a cena conforme os acontecimentos. A interação entre Sócrates e Iscômaco não ocorreu de modo tão claro assim. Sócrates enfatiza ser um ecônomo com poucas habilidades práticas de instrução na administração doméstica; no entanto, sua incoerência é revelada quando ele fornece todos os artifícios e mecanismos necessários a Critóbulo, para que ele instrua a sua esposa.

Os turnos conversacionais curtos incluem pequenos diálogos entre Sócrates e Iscômaco, que ocupam dois terços da obra. Nestes, também estão incluídos outros diálogos menores de maneira instável, com mudanças de narrador, tempo e espaço, a exemplo a presença de Sócrates

na primeira parte do diálogo como Mestre de Critóbulo, e na segunda, como discípulo de Iscômaco. Além disso, o diálogo se inicia com Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério, e Sócrates estimula Critóbulo a fazer uma exploração de temas por meio de perguntas e respostas, começando com uma tentativa de definição.²⁶ No entanto, logo Sócrates introduz uma conversa anterior com Iscômaco, a quem ele encontrou uma vez no lazer na stoá no templo de Zeus Eleutério na ágora ateniense (7.1).

3.1.2. Destaque de enunciados para a análise pragmática

O Econômico é um tratado prático sobre a economia, no que tange à arte de administrar o bem, o oikos, espaço em que o indivíduo age como membro da instituição familiar. A conversa encontra-se dividida em duas partes diferentes. A primeira, de I a VI, diz respeito a uma conversa sobre a administração do patrimônio familiar em um cenário não dividido, sem local definido ou pessoas específicas. Embora não dito claramente, Xenofonte é o narrador do diálogo que, na oportunidade, recorda uma conversa entre Sócrates e Critóbulo, seu amigo, um jovem proprietário de terras, bem-sucedido economicamente.

De modo geral, ambas as funções administrativas do espaço privado da administração do lar destinado às esposas e administração do espaço público destinado aos esposos exigem os mesmos atributos: amor ao trabalho, conhecimentos, ética, prudência, capacidade de delegar funções e, ao mesmo tempo, exercer autoridade. No jogo de rememoração que sustenta a obra, Sócrates, em meio ao diálogo com Critóbulo, relembra a conversa tida com Iscômaco na stoá, no templo de Zeus Eleutério, na ágora ateniense. O relato deste diálogo encontra-se na maior parte das linhas do *Econômico*, sobretudo no livro VII, onde, também, foram extraídos os enunciados para análise.

²⁶Para o método geral postulado para Sócrates por Xenofonte e sua aplicação em *Oeconomicus*, ver Natali 2001: 272–8.

3.1.3. Cenas da enunciação

As cenas descritas e analisadas serão:

- Cena I – Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a administração do patrimônio familiar;
- Cena II – Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a educação da mulher;
- Cena III – Sócrates e Iscômaco: uma conversa sobre a educação da mulher;
- Cena IV – Sócrates e Iscômaco: Iscômaco recorda uma conversa tida com sua mulher: assimetrias de gênero;
- Cena V – Sócrates e Iscômaco: a casa como espaço de submissão e trabalho;
- Cena VI – Sócrates e Iscômaco: Iscômaco recorda uma conversa tida com sua mulher: a virtude da ordem;
- Cena VII – Sócrates e Iscômaco: Iscômaco recorda uma conversa tida com sua mulher: o papel da esposa;
- Cena VIII – Iscômaco recorda uma conversa tida com sua mulher: submissão feminina;
- Cena IX – Sócrates e Iscômaco: Iscômaco recorda uma conversa tida com sua mulher: enganabilidade da formosura.

O critério de seleção desses enunciados diz respeito ao destaque daqueles que apresentam os homens como sujeitos e as mulheres como objetos; enunciados que apresentam mulheres como sujeitos; enunciados que apresentam homens como sujeitos; e enunciados que fazem alusão a normas, princípios, recomendações ou orientações relacionadas aos gêneros, com destaque às mulheres.

A) Cena I – Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a administração do patrimônio familiar (I.20-23)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

21. - Mas também outros há, Sócrates, disse, que por elas não são impedidos de trabalhar mas, ao contrário, são muito apegados ao trabalho e à busca de ganho para si mesmos. Até seu patrimônio, contudo, exaurem e ficam emperrados pela ausência de recursos. 22.- Escravos são também esses, disse Sócrates, e de senhoras muito duras, uns da gulodice, outros da libertinagem, outros da embriaguez, outros de ambições tolas e dispendiosas que tão duramente governam os homens sobre os quais têm o domínio que os obrigam, enquanto os veem jovens e aptos a trabalhar, a trazer-lhes o produto do trabalho e a pagar por suas próprias paixões, mas, quando os percebem incapazes de trabalhar por causa da velhice, deixam-nos envelhecer miseravelmente e, de novo, tentam usar outros como es cravos. 23. Ora, Critóbulo, contra isso é preciso lutar em defesa de nossa liberdade não menos do que contra os que, em armas, tentam escravizar-nos. Veja! até inimigos, quando são homens belos e bons, se na guerra escravizam adversários, chamando-os à razão, eles os obrigam a se tornarem melhores e os fazem viver vida menos penosa daí em diante. Tais senhoras, porém, não deixam de desfigurar os homens em seus corpos e almas, enquanto os têm sob seu poder. (XENOFONTE, Econômico I.21-23)

Sócrates, em seu diálogo com Critóbulo, apresenta, com predominância, os traços negativos de algumas, não todas, senhoras enganadoras e de má companhia que têm os homens belos e bons sobre seu poder, enganando-os e fazendo-os sofrer. Neste tópico, o diálogo discorre sobre as principais características de senhoras más que, além de fazer com que os homens se despendam exageradamente de seu dinheiro, levam os tais até a ruína, afastando-os das atividades que favorecem o futuro e, quando neles não existe mais força e vitalidade, eles são abandonados e essas senhoras passam a fazer outros mais novos de escravos.

A cena retrata Sócrates, engajando Critóbulo, em uma exploração do tópico concernente à riqueza, aos bens e à administração do patrimônio por meio de questionamento e resposta, começando com uma tentativa de definição. O tema evidenciado concerne à riqueza, em que o jovem pede para que Sócrates lhe ensine como administrar, da melhor forma, seus bens.

O filósofo, discorrendo sobre a riqueza e os bens, busca convencê-lo antes dessa passagem de que a administração do patrimônio é uma arte, assim como a medicina, carpintaria, metalurgia ou qualquer outra profissão (XENOFONTE, I.1-5), que precisam de conhecimentos específicos da área para obtenção do sucesso na gestão dos bens. Se não souber administrar corretamente, não irá tirar proveito dela, isto é, pois o acúmulo de algo só é riqueza se for possível tirar proveito do fruto do trabalho. Mais adiante, Sócrates enfatiza a Critóbulo que até

um inimigo, desde que tenha utilidade, torna-se proveitoso (XENOFONTE, I.15). Ainda neste contexto, Critóbulo indaga Sócrates sobre seu pensamento acerca das pessoas que, mesmo sabendo e tendo os meios de trabalhar e fazer crescer seu patrimônio, ainda assim não fazem, tendo em vista que, em suas palavras, de nada adianta o saber se de nada lhe é proveitoso.

Em resposta, Sócrates esclarece que estas pessoas até se gabam de serem felizes porque têm senhores dos quais são escravos, que lhes governam e não os impedem de fazer as coisas das quais tiram proveito. Critóbulo, curioso, indaga no intuito de saber quem são esses senhores invisíveis. O filósofo, por sua vez, enfatizando que não são invisíveis, mas visíveis, responde: a ociosidade, a fraqueza de alma e a negligência (XENOFONTE, I.20). Depois desta, completou a resposta enfatizando sobre as “senhoras enganadoras”, que se fazem de prazeres, a jogatina e má companhia, levando aos homens, sofrimentos disfarçados de prazeres, dominando-os e afastando-os das ações proveitosas.

Critóbulo abre um parêntese como forma de lembrar a Sócrates a existência de homens que, ao contrário dos ociosos, dos fracos de alma e dos negligentes, são apegados ao trabalho e a busca de interesses e ganhos para si próprios e mesmo assim seus patrimônios se esvaem pela ausência de recursos.

Sócrates afirma que os homens apegados ao trabalho e a ganhos para si próprios também são escravos, e escravos de senhoras muito duras. Na cena, aqui analisada, o filósofo enfatiza a Critóbulo que estas mulheres atraem os homens por meio de libertinagens, embriaguez e ambições, encantando-os cegamente, fazendo com que fiquem sobre seu poder enquanto os veem jovens e cheios de vigor para o trabalho. Mas, quando envelhecem e já não servem mais para o trabalho, são deixados na miséria, e outros mais novos começam a ser usados como escravos. Indignado com a escravização dos homens belos e bons, Sócrates enfatiza a Critóbulo a urgência da liberdade contra essa escravidão. No diálogo, o filósofo destaca a importância de ocupar os anos de vitalidade com alma forte e prudência, ou seja, com moderação nos prazeres e autodomínio sobre a vaidade a fim de impedir que se tornem governados por governantes invisíveis.

Os enunciados destacados têm Sócrates como locutor e Critóbulo como interlocutor principal. A cena genérica é o gênero autoral diálogo, como ocorre em quase todo o texto. O êthos discursivo categórico do enunciador Sócrates, quanto ao seu papel discursivo, é o de filósofo. Ele ocupa na passagem o lugar de professor, e seu estatuto extradiscursivo é o de mestre que conduz homens pelo caminho, dando-lhes instruções pedagógicas de como orientar a esposa para gerir o lar, através do relato de sua discussão com Iscômaco. Na passagem destacada, ele indica que mulheres não são aptas para se relacionar.

Uma vez que o êthos pré-discursivo de Sócrates tem por estatuto institucional a posição de sábio influente, há uma conexão íntima entre o êthos discursivo e pré-discursivo de Sócrates. A imagem prévia construída que os jovens tinham a seu respeito, era de um nobre sábio repleto de sabedoria para instrução dos ofícios da administração.

O co-enunciador, Critóbulo, é ouvinte do relato. Seu êthos discursivo categórico é de proprietário de terras, seu estatuto extradiscursivo é de um homem ambicioso em busca do sucesso e crescimento do seu *oikos*. Porém, o êthos pré-discursivo de Critóbulo tem por estatuto institucional a posição de um jovem inexperiente nos mecanismos e artifícios necessários para os negócios, embora ele seja um homem rico e seja proprietário de terras.

Quanto à cenografia do texto, nota-se que tal constitui um relato em que o enunciador, Sócrates, compartilha com o co-enunciador Critóbulo e seus amigos, o relato sobre sua discussão com Iscômaco, no que tange a administração doméstica, no pórtico do templo de Zeus Eleutério. Utiliza-se, portanto, a exploração do discurso em camadas: o diálogo tem, dentro de si, um outro diálogo.

B) Cena II - Sócrates e Critóbulo: uma conversa sobre a educação da mulher (III.10-15)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

10. Que outra arte apresenta aos deuses primícias mais à altura deles ou festas mais frequentadas? Que arte é mais cara aos servidores ou mais doce para a mulher ou mais desejada pelas crianças ou mais agradável aos amigos? 11. Seria de admirar, penso eu, se um homem possuísse algo mais agradável que isso ou se encontrasse uma ocupação mais agradável ou mais útil para a vida. 12. Ainda, sendo uma deusa, a terra ensina também a justiça aos que podem aprendê-la, pois aos que lhe prestam melhores serviços dá em troca muitos bens. 13. Se uma multidão de soldados os priva de suas lavouras, os que se dedicam à agricultura de forma rigorosa e viril são os que, bem preparados de corpo e alma, não os impedindo uma divindade, são capazes de invadir as terras dos que não os deixam colher os frutos para se alimentarem. Muitas vezes, na guerra, é até mais seguro buscar alimento com as armas que com os instrumentos agrícolas. 14. A agricultura ensina também a se ajudarem mutuamente, pois contra inimigos deve-se ir junto com outros homens e o trabalho da terra exige mais de um homem. 15. Bom agricultor será quem fizer de seus lavradores homens decididos e prontos a obedecer, e o que conduz seus homens contra o inimigo deve achar os meios para conseguir o mesmo, premiando os que cumprem o dever dos corajosos e punindo os indisciplinados. (XENOFONTE, Econômico III.10-15)

Nota-se de imediato, que a mulher ateniense existia apenas dentro do casamento e à sombra do seu esposo. As passagens do diálogo retratam um tipo específico de mulher educada,

desde menina, para exercer a função de complementaridade do lar e tornar-se a esposa ideal de um cidadão ateniense. Essa educação, iniciada pelos pais e complementada pelo esposo, tinha como objetivo formar uma mulher recatada, silenciosa, treinada para administração de seu *oikos*, gerência dos servos, dos escravos e educação de filhos.

A cena retratada trata do diálogo entre Sócrates e Critóbulo, diante de amigos. Critóbulo exige que Sócrates lhe prove o que disse a respeito do sucesso na administração dos patrimônios. Sócrates, então, discorre sobre patrimônios como casas, móveis numerosos e variados, servos, agricultura, criação de cavalos (XENOFONTE, Econômico III.1-9). Ao tratar sobre a administração de cada um destes, enfatiza ao seu interlocutor, Critóbulo, que mesmo com bons patrimônios, uns estão à míngua do que deveriam ter e outros se encontram muito bem de vida, cheios de lucro. Desta forma, de acordo com seus ensinamentos, o modo de administração difere, ou seja, a escolha de quem fará a administração e o preparo de como a administração será feita, resultará no sucesso do mesmo.

Há, no discurso, dois personagens principais em interação comunicativa, Sócrates e Critóbulo. Sócrates dirige as palavras a Critóbulo, que lhe responde dando continuidade à discussão. A cena genérica é o gênero autoral diálogo.

O êthos discursivo categórico de Sócrates continua a ser o de sábio nos assuntos de administração do *oikos*. Seu estatuto extradiscursivo, portanto, é de experiente. O êthos pré-discursivo não modula. Critóbulo, por sua vez, tem como êthos discursivo categórico não apenas o de espectador, que escuta os conselhos de Sócrates para pôr em prática e obter sucesso na administração de seus bens. Ele também se torna o inquiridor, que pode demandar do interlocutor que prove o ponto que defendera. Logo, o fato de Critóbulo ser um cidadão repleto de posses e de posição social privilegiada em busca de conselhos para aumento de seus patrimônios, parece gerar um tipo de obrigação naqueles com quem ele mantém uma relação de amizade, de *philia*.

A cenografia do texto é mais uma cena de instrução, em que Sócrates e Critóbulo, diante de amigos, dialogam, e Sócrates prova o que prometeu a respeito do sucesso na administração dos patrimônios. O filósofo, neste momento, atende seu pedido retrucando-lhe, com mais perguntas, para início da explicação, algo procedente do êthos pré-discursivo socrático: ele conduz diálogos fazendo perguntas.

Outro aspecto a se destacar é a questão das representações de gênero. Na configuração hierarquizada apresentada pelo filósofo a Critóbulo, o homem, como provedor, é responsável pelos ganhos; a mulher, por sua vez, cabe a missão de geri-los evitando assim o desperdício e a ruína dos patrimônios. Sobre a responsabilidade das mulheres estava a organização da casa e

sua administração, a qual deveria seguir conforme as orientações do marido. Mediante a educação cuidadosa recebida na casa dos pais e perpassada para o casamento, a esposa era amiga de seu marido, discreta, casta, silenciosa, reclusa ao lar e com obrigação de manter, nas rédeas, a economia doméstica.

3.2.3 Cena III - Sócrates e Iscômaco: uma conversa sobre a educação da mulher (VII.4-7)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

4. "Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber. Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem?" 5. "E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo. 6. Não pensas que era bastante chegar sabendo apenas pegar os fios de lã e tecer uma túnica e já ter visto como os trabalhos de tear são distribuídos às servas? Quanto ao controle da alimentação, disse, veio muito bem ensinada, o que, tanto para o homem quanto para a mulher, penso eu, é uma questão do maior interesse." 7. "Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem?" "Não, por Zeus! disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando, e ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos." (XENOFONTE, Econômico VII.4-7)

Sócrates rememora, na passagem, uma conversa anterior com Iscômaco, a quem encontrou uma vez no lazer na *stoá* no templo de Zeus Eleutério na *ágora* ateniense. O filósofo vai até Iscômaco, com intuito de observá-lo por ser considerado um homem *belo e bom*. O objetivo de Sócrates foi saber o que Iscômaco fizera para ser digno do nome *belo e bom*. Por isso, então, o procura. O filósofo se admira com a presença de Iscômaco sentado na porta do templo, pois não é de seu costume, por ser um homem sempre ocupado com seus negócios. Iscômaco responde-lhe afirmando que, de fato, em outra ocasião, não estaria ali se não tivesse marcado um encontro com estrangeiros.

Na oportunidade, Sócrates aproveita para perguntar o que faz Iscômaco quando não está fazendo negócios. Na mesma oportunidade, perguntou seu segredo para ser chamado, belo e bom, destacando que sua postura física evidenciava que seu tempo não era gasto dentro de casa. Iscômaco, satisfeito por ser elogiado, respondeu à pergunta declarando que de maneira alguma passa o tempo dentro de casa, pois sua mulher tinha capacidade suficiente de cuidar pessoalmente do *oikos*. Nesse momento, Sócrates lança o que realmente queria saber. Pergunta

a Iscômaco se ele mesmo educou sua mulher para que realizasse as tarefas de casa ou se a recebeu das mãos de seus pais experiente.

Em resposta à pergunta de Sócrates, Iscômaco retrata que sua esposa, quando chegou em sua casa, ainda não tinha quinze anos e vivia cercada de cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo. Iscômaco retrata também que o máximo esperado por ele, como marido, para com a esposa era que ela chegasse sabendo tecer lã em roupas, aprendendo a atribuir trabalhos de fiar aos servos e controlando o apetite. A esposa deveria estar sempre atenta aos atributos necessários para a administração de um lar. As atividades principais, aprenderia com ele, pois ele depositaria nela os ensinamentos.

Sócrates indaga a Iscômaco se ele mesmo educou sua mulher para ser capaz de desempenhar o restante das atividades, ou seja, as ocupações do interior do lar próprias da natureza feminina. Iscômaco, por sua vez, responde à indagação de Sócrates em tom exaltivo. Reconhecendo a autoridade divina dos deuses, Iscômaco deixou claro na resposta que nada fez antes de oferecer sacrifícios e fazer preces às divindades. Em sua prece, ele pediu que os dois, o marido ensinando e a mulher aprendendo, com a ajuda dos deuses, conseguissem o melhor para ambos. E assim aconteceu.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo, o que se mantém em todo o texto. O êthos discursivo categórico de Sócrates, neste contexto, não é mais o de instrutor, como nas duas passagens destacadas anteriormente. Aqui, Sócrates é um observador: ele decide observar Iscômaco a fim de saber o que fez para ser digno de ser nomeado *belo e bom*. Seu estatuto extradiscursivo, portanto, é o de observador, algo que o distancia de seu êthos pré-discursivo. Sócrates tem por estatuto institucional a posição de mestre, instrutor, inquiridor. Porém, após procurar na cidade alguém para tomar como modelo por suas qualidades de habilidade na gestão da propriedade, cordialidade e caráter, seu êthos é modificado, submetendo-o não apenas ao reconhecimento das habilidades de um cidadão exemplar, mas ao tema fundamental da obra de Xenofonte. O hiato entre o êthos discursivo e pré-discursivo de Sócrates dissolve qualquer dúvida sobre a culminância do diálogo xenofonteano: era indicar que até mesmo Sócrates se dobra diante de um cidadão que atinge a culminância na gestão dos seus negócios poliades e oikíades.

O êthos discursivo categórico, em relação ao papel discursivo de Iscômaco, é de excelente administrador (liderança bem sucedida), devido seu caráter, habilidades e sucesso no crescimento dos negócios, ele é procurado por Sócrates. Seu estatuto extradiscursivo é de modelo a ser seguido.

O êthos pré-discursivo de Iscômaco é muito distante da êthos discursivo. Iscômaco é provavelmente o homem cuja esposa Crisila se relacionara e teria um filho com seu genro Cálias, o que provocou o suicídio de sua filha (Andocides 1.124-127). Cálias se apaixonou por Crisila quando ele era “um velho machado de guerra” (Andocides 1.127). Tal história parece ecoar na cena em que Iscômaco promete à sua esposa que ela poderá manter seu *status* mesmo na velhice (Econômico VII.20). Os escândalos que assolariam Crisila e seus filhos podem esclarecer a estranha omissão de Iscômaco em falar muito sobre filhos no diálogo. Há outras ironias. Iscômaco não parece compartilhar do entendimento de Sócrates sobre a propriedade como algo que se sabe como usar. Além disso, Iscômaco cultiva não porque a agricultura é nobre, mas para ganhar dinheiro (Econômico XX.22-29), e que liderar homens, a habilidade que antes parecia dignificar a gestão do *oîkos*, requer, ao contrário da agricultura, educação e uma natureza divina (Econômico XXI.11-12). Como em Ciropedia e Constituição dos Lacedemônios, Xenofonte pode, como Platão, escolher interlocutores que são ironicamente inadequados para as virtudes que supostamente ilustram, como Calíades e Autólico, cujo relacionamento é idealizado no Banquete de Xenofonte, mas ridicularizado no Autólico de Êupolis.

O hiato entre o êthos discursivo e pré-discursivo parece indicar que a cenografia do texto, o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério para falarem a respeito da educação de esposas para o crescimento do *oîkos*, soa irônica. Por isso, há um peso diferente quando Iscômaco afirma que antes de qualquer coisa é preciso suplicar a ajuda dos deuses para que auxiliem no aprendizado das coisas necessárias para boa administração do *oîkos*. O pano de fundo para isso parece ser a profanação de seu lar.

C) Cena IV – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa: assimetrias de gênero (VII.22-30)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

22. Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. 23. Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, penso eu, por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa. 24. E, sabendo que dentro da mulher colocara o alimento dos recém-nascidos e lhe impusera o encargo de nutri-los, deu-lhe também uma porção maior do amor pelas crianças que ao homem. 25. E, visto que impusera à mulher a vigilância sobre o que está guardado dentro de casa, sabendo que em relação à vigilância não é inferioridade ser tímida de alma, deu à mulher uma porção maior de temor que ao homem. Sabendo, porém, que, em compensação, caso alguém cometa uma ação injusta, é àquele que tem em suas mãos os trabalhos de fora de casa que caberá a defesa, a esse deu uma porção maior de coragem. 26. Mas, porque ambos devem dar e receber, aos dois deu em partes iguais a memória e o zelo. Sendo assim, não poderias discernir qual sexo, o feminino ou o masculino, tem mais desses dons. 27. Fez também que fossem igualmente capazes de controle sobre si mesmos e deu-lhes licença para que quem fosse o melhor, homem ou mulher, assumisse para si parte maior desse bem. 28. E, pelo fato de que, por natureza, ambos não são igualmente bem dotados para tudo, precisam muito um do outro e a união é mais útil ao casal quando um é capaz daquilo em que o outro é deficiente. 29. Sabendo, minha mulher, disse-lhe eu, os deveres que a cada um de nós foram determinados pelo deus, é preciso que tentemos, cada um de nós, levá-los a termo da melhor forma possível. 30. Aprova-o, disse-me ter dito, também ao fazer cônjuges o homem e a mulher. E, como o deus os fez parceiros quanto aos filhos, assim também a lei os instituiu como parceiros na casa. E a lei declara nobre aquilo para o que os fez mais capazes por natureza. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. (XENOFONTE, Econômico VII.22-30)

Narrando a conversa com sua esposa, Iscômaco, menciona que, em sua opinião, a divisão das tarefas foi direcionada de modo a dotar a mulher, zelosa e de natureza frágil, as tarefas do interior do lar. Diferentemente, o homem foi dotado como aquele que é capaz de suportar com rigidez o frio, o calor, as longas caminhadas e atividades que exigem força, garra e coragem.

Iscômaco, ao responder Sócrates sobre a educação de sua esposa, explicou que nada fez sem antes oferecer sacrifício aos deuses, pedindo para que ele, ensinando e ela aprendendo, conseguissem o melhor para ambos, enfatizando que os dois, marido e mulher, participaram dos sacrifícios e preces. Admirado, Sócrates pede a Iscômaco que lhe conte o que ensinou a sua

mulher em primeiro lugar, pois para ele era muito mais inspirador ouvi-lo falar sobre o passo a passo dessa instrução do que sobre a mais bela competição de ginástica ou hipismo.

Iscômaco, ouvindo isto, respondeu-lhe que, ao observar que sua mulher estava dócil e se sentindo à vontade para conversar, perguntou-lhe se, em alguma vez, parou para pensar por que ele a tomou como esposa e por que seus pais lhe entregaram para ele. Respondeu ainda que ambos buscavam escolher o melhor para casa e para os filhos. Quanto aos filhos, explica que estes, quando a divindade conceder, devem ser educados da melhor forma possível a fim de que protejam e ampare-os na velhice.

Consequente a isso, ainda em relato da conversa com sua mulher, Iscômaco declara a sua esposa, a única coisa em comum dos dois: a casa. Em suas palavras, eles precisavam entender que o melhor parceiro é quem contribuiria com o que é de maior valor. Sua mulher, ouvindo-o, perguntou como poderia colaborar com o crescimento do patrimônio e que capacidade ela teria, tendo em vista que era sua dependente. Admirado com a pergunta, Iscômaco lhe pede que ela faça da melhor forma tudo aquilo que os deuses a fizeram capaz de fazer de acordo com sua natureza para que fosse aprovada pela lei.

Sobre isso, apresentou a ela seu pensamento, contando-a que, ao criar o casal de macho e fêmea, os deuses estabeleceram critérios para que tivessem o máximo de vantagens na convivência. Primeiro, de permanecerem juntos gerando filhos, segundo, para que os homens tivessem amparo na velhice e terceiro, para que os homens não vivessem ao ar livre, mas que tivessem um teto.

Discorrendo o diálogo, Iscômaco continua explicando que para ter o que levar ao interior abrigo, os homens precisam de quem realize as tarefas de lavrar, semear, plantar para obtenção dos mantimentos e, após colhidos, e levados para o abrigo, porém, ainda é necessário quem os conserve e realize os cuidados necessários que exigem o lugar coberto, ou seja, o cuidado dos filhos recém-nascidos, preparo dos grãos, e confecção das vestes com fios de lã. Dito isso, Iscômaco continua a explicação de que tanto as tarefas do interior, quanto as tarefas do exterior da casa exigem trabalhos e zelos, por isso, em sua opinião, deus preparou a natureza da mulher, por ser mais fraca, para os cuidados do interior da casa e o corpo e a alma do homem, por ser mais forte, para os trabalhos e cuidados do exterior da casa.

Iscômaco também poderá no diálogo que além do mantimento materno, a divindade pôs na mulher mais amor pelas crianças que ao homem. Ainda discorrendo sobre como educou sua mulher, Iscômaco explica que alertou a mulher sobre os deveres que a ela foram confiados pelos deuses, ressaltando que não deveria se descuidar de seus atributos para não receber punição divina, pois os deuses os instituíram como parceiros de casa, sendo para a mulher mais belo

ficar em casa, mas para o homem, agir assim é feio, uma vez que a lei declara nobre o instituído a ambos por natureza, e para natureza do homem é mais belo cuidar do que está fora.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo. O êthos discursivo categórico de Iscômaco é o de depoente. Ele responde às perguntas de Sócrates indicando aquilo que é positivo e negativo, o que tem por pano de fundo à adequação à moral pública. Seu estatuto extradiscursivo é o de mestre, sendo o de Sócrates, inquiridor.

O êthos pré-discursivo de Iscômaco foi tratado no ponto anterior: ele é aquele que é conhecido por deixar a mulher à mercê do adultério, o que provoca a morte de sua própria filha. Portanto, a distância entre o êthos discursivo e o pré-discursivo realça que ele fala sobre a adequação de sua vida doméstica, mas ele será condenado exatamente por sua ineficácia nela. O êthos pré-discursivo de Sócrates não é de ouvinte, mas via de regra é o de inquiridor. Por essa razão, Sócrates, ao se interessar pelas lições de Iscômaco, que lhe diz como a mulher deve conduzir a organização da casa e quais suas atribuições no interior do *oikos*, e ao não questionar a eficácia de Iscômaco, lança tal tarefa para quem lê o diálogo. Portanto, a obtenção de riquezas, de prosperidade econômica, soa como algo que pode culminar na tragédia se não ocorrer com uma atenta fiscalização do ambiente doméstico.

A cenografia do texto continua com o diálogo entre Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério, tratando a respeito da educação de esposas para o crescimento do *oikos* e, conseqüentemente, dos negócios. Corresponde, sobretudo, ao relato de Iscômaco sobre a conversa com sua mulher em que, ao instruí-la, delimitou papéis específicos para os gêneros de acordo com a natureza estabelecida pelos deuses.

D) Cena V – A casa, como espaço de submissão e trabalho (VII.35-36)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

35. 'Será, disse minha mulher, que também deverei fazer isso?' 'Deverás, sim, disse-lhe eu, ficar em casa, mandar que saiam de casa os servos cujo trabalho seja fora e tomar conta dos que devem trabalhar em casa; 36. deverás receber o que foi trazido de fora, separar o que for preciso gastar e, quanto às sobras, deverás pensar o que fazer com elas, cuidando que o gasto previsto para um ano não seja feito em um mês. E, quando a lã chegar às tuas mãos, deves cuidar que tenham túnicas os que delas precisam. Deves cuidar também que dos grãos de trigo resulte boa comida. (XENOFONTE, Econômico VII.35-36)

Nesta cena, Iscômaco descreve sua esposa como uma abelha rainha, por sua vez, fundamentada na metáfora da mulher-abelha. No decorrer de seu diálogo com Sócrates, Iscômaco descreve a observação feita de uma colmeia, e narra como desenvolveu, com base nesta observação, uma estrutura organizacional aplicável ao ambiente interno gerido pela mulher. Primeiramente, apresentou o exemplo da abelha rainha com o intuito de valorizar as atividades desempenhadas pela mulher, convencendo-a como responsável pelo fracasso ou sucesso da administração do lar.

Em seguida, Iscômaco argumenta que, do mesmo jeito que a divindade impôs agilidades peculiares à abelha-rainha para a boa administração e produção do mel necessário da colmeia para os homens, assim também o deus impôs à mulher atividades comparáveis para realizá-las. Ouvindo isso e, ao refletir, a esposa perguntou quais os trabalhos da abelha-rainha que se assemelham aos que devia realizar, e ele apresentou-as por meio de exemplos: ela evita deixar ociosas as abelhas sob sua responsabilidade, distribui as atividades segundo as funções específicas de cada uma, recebe e conserva os alimentos trazidos para dentro da colmeia até o dia de usá-los, distribui os alimentos necessários para sobrevivência de cada uma, fiscaliza a produção de favos de mel, cuida do crescimento dos filhotes para crescerem saudáveis e, quando prontas para o trabalho, envia para formação de uma nova colmeia, agora, sob a supervisão de outra abelha-rainha.

Após ouvir, mais uma vez, a esposa pergunta: deverei fazer essas coisas? Iscômaco, prontamente, responde que sim, apresentando-lhes suas funções: ficar em casa vigiando os servos que trabalham em casa e mandando que saiam os servos que trabalham fora; receber o que for trazido de fora, separar o que for gastar, calcular os gastos, evitar desperdícios, tecer lãs, cuidar das túnicas, cuidar para que os grãos de trigo resultem em bons alimentos. Os exemplos citados por Iscômaco foram aplicados estrategicamente, a fim de convencer a esposa

de sua utilidade mediante as funções estabelecidas, sem que haja dúvidas no momento de cada aplicabilidade no dia a dia.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador, no entanto, a análise em específico, a passagem retratada trata da fala de Iscômaco. A cena genérica é o gênero autoral diálogo – porém, é o diálogo entre Iscômaco e sua esposa, dentro do diálogo entre Sócrates e Iscômaco, dentro do diálogo entre Sócrates e Critóbulo. A cena genérica, portanto, se torna complexa, com replicâncias e reverberações dialogadas, para chegar até a mulher, que é de quem se fala, mas é quem jamais fala, a não ser pelo que dela é dito no diálogo.

A categoria do êthos discursivo de Iscômaco, co-enunciador, é de detentor da razão, por sua consciência administrativa e autoridade sobre a mulher no comando das atividades do lar. Através das instruções, Iscômaco convenceu sua esposa, tomando por base exemplos cotidianos, de que a organização da casa resultaria na prosperidade do marido e, conseqüentemente, do *oikos*. Seu estatuto extradiscursivo, neste sentido, é o de administrador.

Seu êthos pré-discursivo, porém, é de quem falhou em administrar a dimensão doméstica da vida. Se o objetivo da aristocracia ateniense é constituir uma família em que a esposa exerça as suas obrigações e gere filhos legítimos, o êthos discursivo da esposa anônima de Iscômaco é de que assume a natureza feminina estabelecida pelos deuses, conforme instruída por seu esposo. Porém, o êthos pré-discursivo da mulher anônima é ter seu nome conhecido no tribunal: Crisila. Era um fato conhecido que ela se relacionara e teve um filho com seu genro Cálías, e que sua própria filha teria morrido por causa disso (Andocides 1.124-127). Portanto, a dúvida sobre o que deve ser feito de Crisila é uma abertura para a ideia de que ela não tem tanta convicção de suas próprias *práxeis*, ao contrário de seu marido. Porém, a fala do marido a instiga a cuidar dos bens, mas não há instruções sobre o cuidado dos filhos, sobre a manutenção da castidade e sequer qualquer instrução sobre a necessidade de se precaver das influências de outras mulheres. Logo, a cenografia do texto é a de instrução, na qual Iscômaco educa sua esposa, determinando as obrigações que deverão ser cumpridas por ela na administração do lar. Ela, portando, escuta cada orientação, mas nada recebe a respeito da necessidade de manutenção da castidade.

E) Cena VI – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a virtude da ordem (VIII.1-3)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

1. "E a percebeste, Iscômaco, estimulada para seus afazeres por essas palavras?" "Por Zeus! disse Iscômaco, percebi também que ficou perturbada e ruborizada quando não soube trazer-me algo que lhe pedi. Eu, porém, vendo-a pesarosa, disse-lhe: 2. 'Minha mulher, não fiques acanhada por não me trazeres o que pedi. É evidente que faz falta não ter à mão algo que se está pedindo, mas essa carência, não poder pegar o que se busca, é menos dolorosa do que desde o início não buscá-lo por saber que não existe. Vamos! disse-lhe eu, não és tu responsável, mas eu que te entreguei essas coisas sem as ter colocado onde deviam ficar, para que soubesses onde debes colocá-las e onde busca-las. 3. Nada, minha mulher, é tão conveniente e belo para o homem quanto a ordem. Um coro é formado por homens, mas, quando cada um faz o que lhe vem à cabeça, parece-nos que está havendo um tumulto e até vê-lo é desagradável; mas, quando se apresentam e cantam de modo ordenado, embora sejam as mesmas pessoas, consideramos que vale a pena vê-los e também ouvi-los. (XENOFONTE, Econômico VIII.1-3)

A organização do *oikos*, a disposição dos móveis nos espaços, o planejamento de cada item nos lugares para que a mulher pudesse acessar, administrar e conservar era uma responsabilidade do marido. Iscômaco demonstra ser um senhor preocupado com a organização de sua casa e, portanto, aplica os conceitos aprendidos em seu cotidiano como cidadão da *pólis* para instruir sua esposa. Esse hábil administrador, com grande capacidade administrativa nas atividades cívicas de sua responsabilidade, ao conversar com Sócrates, fala sobre a ordenação, que é sua marca registrada em todas as atividades.

Há, no texto, no que diz respeito ao lugar de cada coisa no ambiente doméstico, uma fissura: as coisas estão fora do lugar, o que redundava no erro de Crisila, ainda mantida como anônima no diálogo. Ao discutir sobre a responsabilidade pelo erro, Iscômaco percebe que a responsabilidade é sua por causa da omissão. Logo, a mulher erra quando a orientação não é dada.

Iscômaco, ao rememorar o dia em que instruiu sua esposa com os princípios da ordem, indica sua falha e depois a compara com um coro não ensaiado, e outro ensaiado. Isso, relacionado com a narração a Sócrates do episódio em que pediu que sua esposa pegasse um objeto, mas não disse qual, nem onde estava, gera a culpa – tal como a culpa trágica, ou a culpa de um tragediógrafo quando não age bem como *didaskalos*. A esposa de Iscômaco, horrorizada, ficou sem saber o que fazer por não conseguir encontrar o que seu esposo havia pedido.

Neste momento, o próprio Iscômaco explica à mulher que dele deveria partir a instrução de onde os objetos deveriam ser dispostos, pois, como ela iria saber onde buscar ou onde colocar sem que tenha lhe instruído? Em seguida, para ilustrar a importância da ordem à esposa, Iscômaco relembra a Sócrates que lhe apresentou atividades cotidianas, como o coro composto por homens que cantam de forma harmoniosa e agradável, porque foi preciso constituir uma ordenação harmoniosa pela qual, sem ela, o arranjo do som não seria possível. A ordem, portanto, deve fazer parte da educação da esposa por parte do seu marido. O exercício das funções que serão desempenhadas, neste sentido, deve ser ordenado corretamente do homem para a mulher. Quando isso não acontece, o enredo se torna trágico. O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo. Porém, há uma descrição de uma cena doméstica em resposta à inquirição que torna Sócrates o inquiridor e Iscômaco o depoente. E no depoimento, ele é culpado por não orientar bem a esposa. Logo, no que diz respeito ao êthos discursivo categórico, em relação ao papel discursivo de Iscômaco, ele é depoente, e depõe a partir de suas memórias das faltas que sua esposa comete, e que são sua culpa. Para responder às perguntas de Sócrates, ele retoma às memórias de como conduziu sua esposa o caminho da ordem e falhou. Seu estatuto extradiscursivo advém do fato de que os leitores do diálogo sabem que ele falhará na administração, de forma que sua esposa gerará um filho de seu próprio genro e sua filha morrerá. Portanto, a cena que mostra a sua falha na capacidade de organização indica de igual modo a explicação para seu fracasso futuro. Isso parece evocar os conselhos de Sócrates atestando que a ordem é de fundamental importância para o homem, visto que um exército sem ordem é um emaranhado de confusões, porquanto a ordem evita a desordem e a confusão, seja na economia, na administração de bens, na agricultura, ou na guerra. Iscômaco, rico proprietário, não é exemplar na totalidade dessas áreas.

O êthos discursivo categórico de Sócrates, ouvinte que se converte em interrogador, indica que ele está apto para julgar as narrativas de Iscômaco a respeito da educação de sua mulher. Ele, ao mesmo tempo, interage com as lições tiradas dos feitos desse homem belo e bom. Seu estatuto extradiscursivo é de inquiridor, mas seu êthos pré-discursivo consiste em levar sabedoria conversando com as pessoas, o que não acontece no caso da interação entre ele e Iscômaco. Isso indica que a condição economicamente privilegiada de Iscômaco, somada aos seus erros na gestão do *oikos* e a falta de problematização de Sócrates, não-convencional, explica o desfecho da ruína da casa de Iscômaco.

No que tange à cenografia, ela ocorre no mesmo ambiente de interação entre Sócrates e Iscômaco, mas migra, no imaginário, a um grande navio cargueiro fenício. Iscômaco toma como

exemplo a organização do navio, o qual necessita da ordenação dos acessórios necessários para navegação, como armas para os homens, mantimentos para o armazenamento na navegação e para as refeições, além das encomendas que possibilitam o lucro. Neste cenário, o proprietário relembra uma conversa que teve com sua esposa sobre os princípios da ordem. A cenografia deslocada para um ambiente que Iscômaco não conhece tão bem – o navio é estrangeiro, e Iscômaco não é marinheiro, mas proprietário de terras – indica sua incapacidade de executar bem o plano de gestão do *oïkos* que, de fato, demonstra falhas.

F) Cena VII – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre o papel da esposa (IX.15-16)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

15. Portanto, aconselhei minha mulher, disse ele, a ser a guardiã das leis de nossa casa e a passar em revista, quando lhe parecesse bem, os objetos de casa como o comandante de uma guarnição passa em revista os guardas e os examina para ver se cada um está bem, como o Conselho examina os cavalos e os cavaleiros e também, dentro de suas possibilidades, a elogiar e honrar, como uma rainha, quem disso é digno e a repreender e punir quem disso carece. 16. Além disso, disse ele, expliquei-lhe que não é justificado ela sentir-se sobrecarregada se eu lhe imponho mais encargos que aos servos no que diz respeito ao que é nosso, porque, quanto aos bens de seus senhores, aos servos só cabe carregá-los, tratá-los e guardá-los, mas a nenhum deles a quem o senhor não o conceda é permitido usá-los. Tudo, porém, é do senhor e ele pode usar daquilo que quiser. (XENOFONTE, Econômico IX.15-16)

Nesta cena, em que Iscômaco continua a narrativa sobre como educou sua mulher com os princípios da ordem, Sócrates questiona-o se sua mulher deu atenção aos ensinamentos que lhe ensinara com tanto zelo, um indício claro de que está em operação algo relacionado ao contexto – tornando a pergunta, uma intervenção irônica. Em resposta, disse que ela apenas se preocupou em prometer que iria desempenhar as funções de bom grado, pois antes não sabia fazer e agora havia encontrado uma saída – não há nenhuma indicação de compromisso com deveres conjugais. Neste momento, a esposa de Iscômaco pediu para que ele a levasse aos cômodos instruídos para pôr em prática os ensinamentos.

Iscômaco, levou-a de cômodo em cômodo pela casa, mostrando a ordenação dos utensílios. No quarto para dormir, os tapetes e objetos decorativos; nos cômodos secos, cereais e vinho; nos cômodos frescos, objetos que precisam de luz. Destacou, também, que a casa deve estar voltada para o Sul, sendo refrescante no verão e aconchegante no inverno. O espaço das

mulheres é separado do espaço dos homens por uma porta com tranca. Iscômaco instruiu sua esposa a abrigar os escravos e escravas separadamente, a fim de evitar que tivessem filhos sem o consentimento de ambos – mais um indício de que a ordem sexual relacionada à fidelidade conjugal não é um lapso accidental. O destaque à ideia de que bons servos, quando têm filhos, permanecem fiéis, enquanto servos maus, ao terem uma companheira e filhos, adquirem na família os meios para prejudicar seus senhores é mais uma evidência que aponta para a ironia.

A esposa de Iscômaco também foi instruída sobre a organização dos objetos da casa em seus respectivos espaços, tais como: roupas utilizadas nos sacrifícios, objetos como fusos para fiar, objetos utilizados na preparação dos cereais; utensílios utilizados pelos servidores diariamente; utensílios usados para festas e recepções. Após percorrer os cômodos, foram apresentados os itens do mobiliário para que fossem separados de acordo o gênero: objetos usados para os sacrifícios, adornos femininos usados em festas, vestes masculinas para as festas e guerras, tapetes, calçados masculinos e femininos, utensílios utilizados na produção de pão, utensílios utilizados na produção de massa e as guarnições de mesa. Os alimentos deveriam ser dispostos de forma que os alimentos que seriam utilizados em um mês ficassem de um lado, e os alimentos que seriam utilizados durante o ano, dispostos do outro lado.

Os utensílios utilizados em ocasiões raras foram entregues à governanta, indicando-lhe seus respectivos lugares e feita a contagem para controle. A escolha da governanta se deu pela que parecia mais moderada ao comer e beber vinho, no sono e no se relacionar com homens, outra referência à preservação sexual da integridade do *oikos*. À esposa, cabe a responsabilidade de ensinar-lhe a lealdade para com os senhores, a compartilhar com eles tanto as tristezas quanto as alegrias e orientá-la para que fosse disposta a contribuir para que nenhum mal acontecesse à casa, sendo ela, uma auxiliadora e colaboradora no crescimento do patrimônio familiar.

Após cada explicação, Iscômaco alertou a esposa de que de nada adiantaria cada providência tomada para o bom andamento do patrimônio, se ela, como responsável pelo mantimento da ordem, não mostrasse sua capacidade de articulação para com suas atividades como guardiã do ambiente interno de seu *oikos*, aplicando a correção nos momentos necessários e agindo com autoridade. Era sua obrigação exaltar as virtudes da justiça e mostrar aos servos que com os justos há mais riqueza e liberdade.

Para concluir a cena, Iscômaco adverte a esposa de que não é justificável que se sinta sobrecarregada das funções que ele lhe impôs a mais que os servos, pois a eles foi dado os encargos de carregar, tratar e cuidar dos bens, mas de nada poderiam usar e usufruir, pois tudo era do senhor e somente ele podia usar daquilo que quisesse. A divisão das tarefas, portanto, era claramente definida conforme a constituição física dos gêneros pela divindade, que formou o

homem cheio de vigor para os trabalhos que exigem resistência e a mulher, por sua natureza frágil, para as atividades internas de cuidado e vigilância do lar.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo. A cena migra para a descrição da instrução, que tem Iscômaco no êthos discursivo categórico, em relação ao seu papel discursivo, de descritor. Na descrição, ele fala de si mesmo no papel de instrutor. Iscômaco descreve como educou sua esposa para tê-la como fiel auxiliadora na administração dos patrimônios. O êthos pré-discursivo de Iscômaco, porém, destaca que a ausência de instruções diretas sobre a fidelidade conjugal de sua esposa se tornará a razão da ruína do *oikos*. A sua capacidade administrativa organizacional tanto nas atividades administrativas, quanto nas atividades cívicas de responsabilidade de sua gestão, não será, ao fim, suficiente.

O êthos discursivo categórico em relação ao papel discursivo de Sócrates é de investigador. Através de seus questionamentos, ele lança luzes no caráter insuficiente das instruções de Iscômaco, mas o faz de forma sutil. Seu estatuto extradiscursivo também é de questionador, inquiridor, o que coincide com o êthos pré-discursivo de formador por meio da maiêutica, do método socrático de fazer parir ideias por meio das perguntas sucessivas que revelam a inexatidão das apreensões e da necessidade de ampliação da compreensão de sentidos. Mediante questões consistentes, Sócrates evidencia intenções comunicativas do convencimento de que o sucesso do homem, enquanto cidadão e político da própria pólis, depende da administração do patrimônio familiar, da boa administração deste patrimônio, mas também da pedagogia aristocrática sobre as esposas, servos, filhos e escravos sobre a fidelidade.

No que tange à cenografia, ela ocorre nos cômodos da casa, onde Iscômaco transmite instruções a sua esposa sobre a disposição dos objetos em seus respectivos espaços, seguindo o princípio da ordem estabelecido.

G) Cena VIII – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a submissão feminina (IX.18-19)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

18. "E então, Iscômaco? Tua mulher, ao ouvir essas palavras, dava-lhes atenção?" "Como não! disse. Só me falou que estaria errado se pensasse que lhe impunha obrigações penosas ao dizer-lhe que devia zelar por nossas coisas. 19. Falou-me, disse ele, que se eu exigisse que se descuidasse de seus próprios bens para ela seria mais difícil do que se seu dever fosse cuidar dos bens de sua casa. De fato, disse ele, parecia-lhe que, como para uma mulher de juízo é mais fácil cuidar de seus filhos do que descuidar-se deles, também considerava mais agradável cuidar de seus próprios bens, cuja posse lhe dava prazer, do que descuidar-se deles." (XENOFONTE, Econômico IX.18-19)

Após narrar, detalhadamente, como se deu a instrução dos encargos de sua esposa como guardiã do *oikos*, apresentando-a cômodo por cômodo, Iscômaco responde a mais um questionamento de Sócrates no que diz respeito à atenção recebida de sua mulher em cada ensinamento proferido.

Em sua resposta, com ar de satisfação, Iscômaco respondeu que sua esposa tanto estava satisfeita, que lhe respondeu que ele só estaria errado se em algum momento pensasse que requerer zelo das coisas era atribuir-lhe obrigações penosas. Iscômaco retrata que, conforme as palavras de sua esposa, a exigência de cuidar de seus próprios bens, não seria tão prazeroso como cuidar dos bens da casa dele. De acordo com o proprietário, uma mulher de juízo considera mais importante cuidar de seus filhos do que descuidar deles, mais agradável cuidar de seus bens com prazer por tê-los do que se descuidar deles.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo. Porém, a cenografia retorna à inquirição, à investigação socrática da procedência do que foi narrado por Iscômaco. Iscômaco se torna porta-voz de sua esposa, acentuando o acúmulo de bens e o cuidado com os filhos como forças promotoras do comportamento da esposa consoante as regras de boa ordem.

O êthos discursivo categórico, em relação ao papel discursivo de Iscômaco, é de depoente. Ele também se coloca em posição de autoridade em relação à sua esposa, autoridade confirmada na *pólis* e nos negócios econômicos da família. Ao mesmo tempo, ele exerce uma autoridade tida como inviolável, sobretudo, sobre sua mulher. Seu estatuto extradiscursivo é de um homem respeitável.

O êthos pré-discursivo de Iscômaco, conhecido de quem lê o diálogo, aponta para o sucesso de Iscômaco em seus negócios, e fracasso na proteção da integridade sexual de seu

oikos. Como esposo e patriarca do lar, ele atua sob uma perspectiva patriarcal, naturalmente destinado à vida pública, mas regulando a administração feita por sua mulher de modo no intuito de favorecer harmonia e prosperidade no lar. Esquece-se, porém, de gerir as relações entre os membros de sua própria família.

O êthos discursivo categórico, em relação ao papel discursivo de Sócrates, é de inquiridor, pois está sempre na expectativa das atitudes e respostas de Iscômaco sobre a sua mulher. Ao ouvir as descrições otimistas de Iscômaco, Sócrates demonstra interesse renovado nos resultados e eficácia da educação de sua mulher. Seu estatuto extradiscursivo, portanto, é inquiridor com o objetivo de demonstrar, diante do êthos pré-discursivo conhecido dos leitores, que Iscômaco na verdade falhou com os procedimentos tidos como ideais de uma esposa.

A cenografia da cena se desloca para o cômodo da casa, para a conversa privada de um casal. Iscômaco constata o prazer de sua mulher em realizar as tarefas que lhe cabem, nos limites da educação dada por ele – financeira.

H) Cena XI – Sócrates e Iscômaco: Uma conversa recordada entre Iscômaco e sua esposa sobre a enganiosidade da formosura (X.9-13)

O diálogo aqui analisado é o que segue:

9. "Pelos deuses! disse eu. Que respondeu ela a isso?" "O quê? Nunca mais fez nada disso, mas procurava apresentar-se sem artifícios e bem posta. Perguntou-me, porém, se poderia aconselhá-la como mostrar-se bela de verdade e não só de aparência. 10. E eu, Sócrates, dei-lhe estes conselhos. Não devia ficar sempre sentada como uma escrava, mas, com a ajuda dos deuses, postada diante do tear, devia ensinar o que soubesse mais que outrem e aprender o que sabia menos. Devia vigiar a padeira, ficar ao lado da governanta enquanto ela fazia as distribuições e também circular procurando ver se cada coisa está onde deve. Na minha opinião, isso era, ao mesmo tempo, demonstração de zelo e passeio. 11. 'Bom exercício, disse-lhe eu, é molhar a farinha, sovar a massa, sacudir as roupas e tapetes e dobrá-los. Fazendo esses exercícios, disse-lhe eu, comerás com maior prazer, terás mais saúde e, de verdade, mostrar-te-ás com cor melhor. 12. Tua aparência, comparada com a de uma serva, sendo tu mais despojada e estando mais convenientemente vestida, será mais atraente, principalmente quando a isso se aliar o favor prestado de bom grado em vez da ajuda dada sob coação. 13. As que ficam sentadas com imponência dão ensejo a que as ponham em pé de igualdade com as vaidosas e enganadoras.' E agora, Sócrates, disse ele, quero que saibas que minha mulher, já bem preparada, vive de acordo com o que lhe ensinei e como acabei de dizer-te." (XENOFONTE, *Econômico* X.9-13)

Na passagem descrita, Sócrates confessa a Iscômaco que ao ouvi-lo relatar a fala de sua esposa em que mais importante é zelar pelos bens de seu esposo, que por seus próprios bens,

sentiu-se admirado. Na mesma ocasião, Iscômaco retrata ao filósofo a grandeza da alma de sua mulher por sempre obedecê-lo prontamente, expondo-a com exemplos. Ele diz que certo dia, ao ver sua esposa adornos e maquiagem, perguntou a ele se seria mais digno mostrar o que verdadeiramente ele tinha sem se gabar e sem nada a esconder, ou se tentasse enganar demonstrando ter mais dinheiro do que realmente tinha, com joias e colares falsos.

Iscômaco lança essa reflexão à sua mulher, visando convencê-la de que nem a cor do carmim dava-lhe mais prazer que a sua cor, nem os olhos com sombra, seria melhor do que ela mesma. Ainda em suas palavras, ele alertou a sua mulher que tais trapaças de beleza podiam enganar os tolos, mas ao ter uma vida em comum não seria possível enganar-se, pois o levantar-se da cama, o suor, as lágrimas, ou os pós-banhos, encarregavam-se de denunciar a sua verdadeira face.

Com ar de espanto, Sócrates, mais uma vez, indagou Iscômaco. Dessa vez, sobre a reação de sua esposa após expor seu pensamento. Ele, respondendo, disse que nunca mais ela fizera isso, e que agora procurava apresentar-se bem posta e sem artificios. Perguntou-lhe, porém, como poderia mostrar-se bela de verdade, não apenas de aparência e ele aconselhou-lhe que a beleza da mulher não está nos enfeites, mas em seu progresso doméstico. Com a ajuda dos deuses, deveria ser negligente diante dos teares, vigiar o *oikos* circulando em uma vistoria criteriosa dos escravos ou objetos, ver e observar a governanta nos afazeres de suas atribuições. Tais atributos a fariam aflorar uma aparência mais bela.

Na concepção de Iscômaco, o bom exercício é seria portar-se seguindo os parâmetros que lhe foram estabelecidos pelo marido no momento de instrução, comprometida com o bom andamento da rotina na casa e consciente das suas atividades. De acordo com ele, com esses atributos, a esposa será mais atraente, mas, se sentada e prostrada, se iguala com as vaidosas enganadoras. Para concluir a cena, Iscômaco afirma que sua mulher, agora, já instruída, agora segue os ensinamentos transmitidos por ele.

O texto tem Sócrates como enunciador e Iscômaco, como o co-enunciador. A cena genérica é o gênero autoral diálogo, com camadas: um diálogo entre Iscômaco e sua esposa está dentro do diálogo entre Iscômaco e Sócrates, que está dentro do diálogo entre Sócrates e Critóbulo. O êthos discursivo de Sócrates, em relação ao seu papel discursivo, é de inquiridor. Ao observar atentamente cada palavra proferida por Iscômaco sobre como instruiu sua mulher, ele assume o seu estatuto extradiscursivo mais uma vez. A partir de suas observações, e questões suscitadas, sobre o método e os resultados obtidos por Iscômaco na educação de sua esposa, Sócrates constrói sua própria percepção sobre as características ideais para tornar-se belo e bom.

O êthos discursivo de Iscômaco, em relação ao seu papel discursivo, é mais uma vez de inquirido. Ele, culpado de incompetência na gestão de seu *oikos* no seu êthos pré-discursivo, indica em suas falas a tendência de sua mulher ao devaneio e à artificialidade, o que explicará em parte o seu adultério. Sua ideia de sucesso da influência de sua gestão masculina sobre sua esposa através da aprendizagem na forma como administrar o lar se choca com a realidade de traído no âmbito de seu próprio *oikos*.

A análise de discurso demonstra que a ironia socrática, própria dos diálogos platônicos, se instala aqui em uma outra dimensão. Um cidadão culpado pela má gestão oikiade, mas bem-sucedido em seus negócios, é exposto de forma sutil por Sócrates, que aprofunda os métodos de educação aplicados por Iscômaco, deixando em cada questionamento mais evidente seu foco no acúmulo de riquezas, mas seu fracasso constante na educação de sua mulher. O que sabemos do sucesso de Iscômaco é dito por ele, e não reconhecido por Sócrates. No que segue, portanto, será feita a indicação desses recursos discursivos e produção de sentido por meio da análise de alguns enunciados destacados nas cenas analisadas.

3.2 Análise de enunciados do *Econômico* sobre a educação da mulher

O passo analítico a ser dado no que segue é a análise pragmática de enunciados destacados em cada uma das cenas. Assim, por meio de atos de falas específicos emulados no diálogo literário, é possível identificar o contexto interacional, fundamental para a compreensão dos sentidos dos enunciados.

3.2.1. Cena I - Administração do patrimônio familiar (I.20-23)

A) Enunciado 1

20. (Sócrates) *E há umas outras senhoras enganadoras que se fazem de prazeres, a jogatina e a má companhia* [enunciado 1], que, com o correr do tempo, aos que foram enganados, revelam-se como sofrimentos disfarçados em prazeres e, dominando-os, os afastam das ações proveitosas.

A Força ilocucionária primitiva de asserção e ponto ilocucional (π) assertivo, modo de realização (μ) afirmativo, com condição preparatória (Σ) e condição de sinceridade (ψ) condizentes com a asserção. Sócrates, representa o papel discursivo de defensor dos homens belos e bons. Ele classifica não todas, mas a grande parte das mulheres como senhoras dominantes e escravizantes que prejudicam homens “belos e bons”.

O enunciador, Sócrates, está afirmando em seu modo de realização (μ) a existência de senhoras de má reputação, por meio do verbo “há”: (existir) na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo indica a sua presença. Elas são capazes de seduzir. Através de prazeres e libertinagem, escravizam os homens. A condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) estão satisfeitas na proposição, pois o enunciador, não apenas têm (como descreve) as razões para que o interlocutor acredite no enunciado, como ele crê no conteúdo da proposição. A marca do enunciado é a utilização do verbo no indicativo “fazem”. É interessante observar que tal comentário, genérico, representa especialmente aquilo que se sabe da esposa de Iscômaco. A perspectiva sedutora e sexual presente na cena mais genérica que abre o diálogo contrasta com a sua ocultação nos livros V-X, quando a educação da mulher é referida mas a questão é escamoteada.

B) Enunciado 2

21. (Critóbulo): *Mas também outros há, Sócrates, disse, que por elas não são impedidos de trabalhar, mas, ao contrário, são muito apegados ao trabalho e à busca de ganho para si mesmos.* [enunciado 2] Até seu patrimônio, contudo, exaurem e ficam emperrados pela ausência de recursos.

Força ilocucionária primitiva de asserção e ponto ilocucional (π) assertivo, modo de realização (μ) afirmativo, com condição preparatória (Σ) e condição de sinceridade (ψ) condizentes com a asserção. Critóbulo toma a palavra e indica que nem todos os homens são

impedidos pelas mulheres de trabalhar, pois estão sempre apegados ao trabalho em busca de riquezas e propriedades.

Critóbulo, nega que todas as mulheres são enganadoras, enfatizando a existência de homens que, por elas, não são impedidos de trabalhar, mas que, pelo contrário, são os próprios gananciosos apegados ao trabalho e em busca de riquezas para si próprios. Logo, a condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) estão satisfeitas na proposição, pois o enunciador apresenta as razões para acreditar no conteúdo proposicional.

As mulheres que não impedem os homens de trabalhar e acumular riquezas explicam aquilo que se manifestará na realidade de Iscômaco, indicando portanto a condição para acúmulo de riquezas, que não corresponde à condição para uma boa vida no *oikos*.

C) Enunciado 3

22. (Sócrates): Escravos são também esses, disse Sócrates, e de senhoras muito duras, uns da gulodice, outros da libertinagem, outros da embriaguez, outros de ambições tolas e dispendiosas que tão duramente governam os homens sobre os quais têm o domínio que os obrigam, enquanto os vêem jovens e aptos a trabalhar, a trazer-lhes o produto do trabalho e a pagar por suas próprias paixões, mas, ***quando os percebem incapazes de trabalhar por causa da velhice, deixam-nos envelhecer miseravelmente e, de novo, tentam usar outros como escravos*** [enunciado 3].

Força ilocucionária primitiva de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. O enunciador, Sócrates, afirma a existência de mulheres duras que, duramente, governam os homens fazendo-os de escravos, mantendo pelos seus domínios enquanto são jovens, mas deixando-os envelhecer miseravelmente quando chegam na velhice, trocando-lhes por outros escravos mais novos. Isso se relaciona com o fato da esposa de Iscômaco tê-lo traído em sua velhice, indicando que o enunciado prenuncia o sentido da fala sobre a educação de mulheres, ao mesmo tempo em que busca evidenciar as senhoras dominantes como responsáveis pelo declínio de honra dos homens. A asserção de condição preparatória (Σ), é confirmada pois o enunciador, de fato, acredita no enunciado proferido no decorrer de seu relato; no que diz respeito a condição de sinceridade (ψ), o enunciador crê em sua proposição apresentada.

D) Enunciado 4

23. (Sócrates): Ora, Critóbulo, ***contra isso é preciso lutar em defesa de nossa liberdade não menos do que contra os que, em armas, tentam escravizar-nos*** [enunciado 4].

Força ilocucionária primitiva de direção, e ponto ilocucional (π) diretivo, modo de realização (μ) preditivo. A intenção do enunciador, Sócrates é produzir em Critóbulo, seu interlocutor principal, a disposição em lutar em prol da liberdade dos homens belos e bons, indo de contra as armas sedutoras das senhoras dominantes. Ele utiliza-se dos mecanismos necessários através das ferramentas de linguagem para aceitação de sua súplica. A condição proposicional (θ) é representada pela ação futura que se espera; A condição preparatória (Σ) está satisfeita, uma vez que porque o co-enunciador é capaz de realizar a ação; e de sinceridade (ψ), pois o enunciador almeja que o co-enunciador realize a ação.

3.2.2. Cena II - Educação da mulher (III, 10- 11 - 12 - 13 - 14-15)

A) Enunciado 1

10. (Critóbulo) ***As suas mulheres uns tratam de forma que as tenham como colaboradoras no crescimento do patrimônio, outros, de maneira que, no mais das vezes, elas os arruinam.*** [Enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção e o ponto ilocucional (π) assertivo, e apresenta modo de realização (μ) afirmativo. O enunciador apresenta razões para acreditar, assim como acredita que os maridos, uns tratam as esposas de modo que contribuam para o sucesso do patrimônio e outros para que arruinem o mesmo. A condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) estão presentes no enunciado. O enunciado produz o sentido de indicar a ação da esposa de Iscômaco no auxílio para a expansão da riqueza de seu marido. Ao mesmo tempo, o enunciado concentra-se na questão do acúmulo da riqueza.

B) Enunciado 2

11. (Sócrates) ***Quanto à mulher, se, instruída pelo marido no que é bom.***[...] [Enunciado 2] mesmo assim age mal, seria ela talvez a responsável; mas, sem a instruir no que é belo e bom, se a tratasse como uma ignorante nessas questões, com justiça não seria o marido o responsável?

O enunciado 2 tem força ilocucionária primitiva de asserção e ponto ilocucional (π) assertivo, apresenta modo de realização (μ) afirmativo. O homem tem a missão de preparar a mulher e, de torná-la colaboradora para o crescimento do lar e não para a ruína dele. A condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) estão presentes no enunciado. De fato, quando instruída para o bom, a mulher contribui para o crescimento e sucesso do lar. O jogo enunciativo, porém, começa a ocultar a questão da instrução sexual, especialmente no que diz respeito à fidelidade da mulher.

C) Enunciado 3

12. (Sócrates) Em todo caso, Critóbulo, já que nós aqui somos amigos, digam-nos a verdade! ***Há outra pessoa a quem confies maior número de incumbências importantes que à tua mulher?*** [Enunciado 3]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de direção, e o ponto ilocucional (π) é diretivo com modo de realização (μ) ordenativo. O coenunciador (Critóbulo) é capaz e irá realizar a ação futura que o enunciador pretende pra ele, enquanto coenunciador. Ao perguntar se existe outra pessoa a quem ele confie as principais incumbências do lar que a própria esposa, ele espera que o coenunciador lhe forneça uma resposta. Critóbulo tem a função de gerar a questão, que será respondida pelo paradigma da *kalokagathia* de Iscômaco. A ideia central de que a mulher precisa ser educada aparece na questão como resposta direcionada para a afirmação que se desdobrará em uma argumentação.

D) Enunciado 4

12. (Critóbulo) - *Não há ninguém*, disse. [Enunciado 4]

A força ilocucionária primitiva é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo, modo de realização (μ) de afirmação. A condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) são satisfeitas. Há, nesta parte, uma afirmação, que serve de modo de realização (μ) do ponto ilocucional. Aqui, Critóbulo afirma que, de fato, não há outra pessoa a quem se confie o maior número das incumbências referentes ao lar. A condição preparatória (Σ) está satisfeita, pois Critóbulo, mesmo sabendo que existem outras pessoas capazes para realização destas incumbências, de fato tem razões para crer no conteúdo proposicional, de que a mulher foi feita para ser o braço direito de seu esposo, fazendo-o atender também a condição de sinceridade (ψ) do enunciado, cuja marca é a utilização do indicativo.

E) Enunciado 5

12. (Sócrates) - *Existe alguém com quem converse menos que com tua esposa?* [Enunciado 5]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de direção e ponto ilocucional, com ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) ordenativo. O comando de pergunta do enunciador, Sócrates, ao executar a pergunta referente a existência de outra pessoa com quem converse menos que com a esposa, emite a pretensão de uma resposta do coenunciador Critóbulo. Logo, a ordem, pressupõe que o co-enunciador, Sócrates, tem capacidade de realizar a ação: responder negativamente à pergunta, ou refletir sobre um possível desvio de conduta na instrução e relacionamento necessários com a mulher. A falta de atenção explicaria sua permanência fora do *oikos*. Explicaria ainda a ausência em casa, o que deixaria a esposa à mercê de outras relações.

F) Enunciado 6

12. (Critóbulo) - *Se existe, não serão muitos, disse.* [Enunciado 6]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo. O modo de realização (μ), porém, é dubitativo. A questão referente a existência de alguém que converse menos que a esposa, pressupõe a dúvida de Critóbulo a respeito da existência de outras pessoas. A condição preparatória (Σ) é satisfeita, porque ele tem razões para duvidar: não lembro, de fato, se existe, estou em dúvidas. E se existe, não serão muitos. A condição de sinceridade (ψ) também é satisfeita, pois ele não cogitou não ser sincero na resposta, ou seja, em apresentar dúvida sobre a existência de outro alguém que converse menos do que com sua esposa. A marca do enunciado é a utilização do indicativo.

A ideia de que a distância de um marido com a sua esposa explicaria porque mulheres ficam à mercê daqueles que devotam a elas maior atenção, bem como explica a incapacidade do marido de saber o que acontece no *oikos*.

G) Enunciado 7

13. (Sócrates) - Com ela casaste ainda bem menina, quando só podia *ter visto e ouvido muito pouco?* [Enunciado 7]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de direção, tendo ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) ordenativo. O comando de pergunta, mais uma vez, do enunciador, Sócrates, ao executar a perguntas, emite sua pretensão de respostas para com o coenunciador Critóbulo. O enunciador Sócrates ordena, mas sem tom imperativo, que o coenunciador Critóbulo lhe diga se ele casou com a esposa ainda menina, quando ela só podia ter visto e ouvido muito pouco. A indagação de Sócrates neste enunciado concerne a reclusão da mulher, que deve ser educada desde menina para o lar, ouvindo e falando apenas o necessário contribuir para seu uso na administração de seu *oikos*. A condição proposicional é (θ). O enunciado representa a ação futura do co-enunciador, Critóbulo, que é capaz de realiza-la respondendo a resposta que o enunciador, Sócrates, quer que ele execute, satisfazendo assim as condições preparatória (Σ) e de sinceridade (ψ).

H) Enunciado 8

13. (Critóbulo) – *Certamente* [Enunciado 8]

A força ilocucional primitiva do enunciado destacado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. Uma vez que a interrogação suscitava uma resposta por parte do co-enunciador, ele responde com o advérbio de afirmação. A condição preparatória (Σ) passa pelas razões que Critóbulo tinha para acreditar no conteúdo da proposição, e na condição de sinceridade (ψ): a crença de que com sua esposa casou quando ainda era menina e só podia ter visto e ouvido muito pouco. A força enunciativa, porém, destaca como era importante que o casamento fosse realizado com uma menina jovem, para que a sua instrução fosse eficaz. Essa maneira de controlar corpos femininos por meio da seleção de mulheres para o casamento indica uma cultura centrada não apenas no controle dos corpos femininos, mas de preparação das condições mais apropriadas para o exercício deste controle.

I) Enunciado 9

15. (Sócrates) Mas julgo que, sendo boa companheira, para o bem uma mulher pesa tanto quanto o marido; os bens entram na casa através dos atos do marido, mas são gastos, em sua maioria, através das despesas feitas pela mulher; ***sendo os ganhos e gastos bem administrados, crescem os patrimônios; mal administrados, diminuem os patrimônios.*** [Enunciado 9]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. No conteúdo apresentado em diálogo, Sócrates atesta que os ganhos que entram em casa são administrados pela mulher. De sua administração vem o sucesso e a ruína do patrimônio. A conversa aponta para temática do homem como provedor e da mulher como administradora. A condição preparatória (Σ) do enunciado assertivo é confirmada uma vez que o enunciador (Sócrates) tem razões para acreditar nas palavras por ele proferidas. A condição de sinceridade (ψ) se adequa, pois toda fala ele apresenta indícios que, de fato, acredita nas proposições que apresenta ao seu co-enunciador.

3.2.3. Cena III - Educação da mulher (VII. 4.5.7)

A) Enunciado 1

4. (Sócrates) Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber. ***Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem?*** [enunciado 1]

O enunciado 1 tem força ilocucionária de direção, ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) peditivo. Sócrates, educadamente, pede que Iscômaco lhe responda se ele mesmo educou sua mulher ou se recebeste ela das mãos do pai e da mãe já capaz de cuidar das tarefas cabidas ao gênero feminino. Repete-se assim a mesma temática dos enunciados 7 e 8 da cena II. A condição proposicional (θ) é representada pela ação futura do co-enunciador: a pergunta de Sócrates demanda uma resposta de Iscômaco, que se mostra capaz de realizar esta ação, satisfazendo, neste sentido, a condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ).

B) Enunciado 2

5. (Iscômaco) ***Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo.*** [enunciado 2]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção. O ponto ilocucional (π) é assertivo e o modo de realização (μ), afirmativo. No centro da afirmação está a frase: Ao chegar à casa, a esposa não tinha ainda quinze anos, e vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo. Iscômaco responde à pergunta de Sócrates com a afirmação de que sua esposa chegara a sua casa ainda nova, e submissa. Já é possível saber que a resposta não coincide com uma realidade que se mostrará eficaz: mesmo que a menina tenha chegado de fato muito nova e fosse subordinada e submissa, a esposa aqui anônima será conhecida em toda a *pólis* por engravidar do seu genro. Ainda assim, a condição preparatória (Σ), demonstra que Iscômaco tem razões para crer na proposição proferida, portanto, a condição de sinceridade (ψ) está satisfeita no discurso, cuja marca é a utilização do indicativo. Isso parece reforçar a mensagem do diálogo, fazendo seus leitores pensarem que a condição de prosperidade, boa fama e casamento bem estabelecido sejam insuficientes para a garantia de um *oikos* seguro.

C) Enunciado 3

7. (Sócrates) Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, *tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem?* [enunciado 3]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de direção, com ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) peditivo. A direção diz respeito ao pedido feito por Sócrates de que Iscômaco lhe contasse qual a primeira coisa que ensinou sua mulher sobre a administração do lar. A condição proposicional (θ) representa uma ação futura do coenunciador; Iscômaco, sendo ele capaz de realizá-la, visa a realização de uma ação futura do co-enunciador, que tem por condição preparatória (Σ), a capacidade do coenunciador de realizar a ação. A condição de sinceridade (ψ) é o desejo do Sócrates de que as coenunciador, Iscômaco, realize a ação de responder qual foi a primeira instrução direcionada, por ele, a sua esposa; assim, a marca se dá por meio da utilização do modo imperativo.

D) Enunciado 4

7. (Iscômaco) *Não, por Zeus! disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando, e ela, aprendendo conseguíssemos o melhor para nós ambos.* [enunciado 4]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de expressão, cujo ponto ilocucional (π) é expressivo. O modo de realização (μ) exaltivo. Neste enunciado, o coenunciador realiza a ação, cumprindo o pedido de Sócrates, respondendo que a função pedagógica em relação as esposas justificam-se às funções a elas atribuídas como próprias e adequadas a natureza feminina estabelecida pelos deuses. Logo, o pedido, pressupõe uma resposta do coenunciador, que é capaz de realizar esta ação. Iscômaco, o coenunciador, responde com uma resposta em que a força ilocucional primitiva é de expressão, cujo ponto ilocucional (π) é expressivo, e tem por modo de realização (μ) exaltação de negação mediante o questionamento. O objetivo é explicitar que por maior que seja o conhecimento de um indivíduo, os deuses determinam seu sucesso. A gestão do *oikos*, o ensinar e o aprender, devem ser acompanhados pelo cuidado com os deuses para o sucesso de ambos. Após a orientação dos deuses, iniciava então o processo pedagógico de instrução.

3.2.4. Cena IV - Assimetrias de gênero (VII. 22.23.24.30)

A) Enunciado 1

22. (Iscômaco) Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, ***na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa.*** [Enunciado 1]

A força ilocucional primitiva do enunciado é de expressão, com ponto ilocucional (π) expressivo e modo de realização (μ) exaltativo opinativo. O enunciador, Iscômaco, expressa sua opinião ao especificar que o conteúdo que desejava atingir: as assimetrias de gênero. Em sua opinião, os deuses prepararam a natureza da mulher para os cuidados com o interior do *oikos* e a natureza do homem para o trabalho com o exterior da casa. Essa cisão de funções, que se desdobra em espacialidades difusas e distintas, parece culminar na separação que deixa a mulher à mercê das más influências e do assédio. Portanto, os enunciados da cena III, que apontam para a vinculação próxima entre marido e mulher, não se mostram efetivos nos enunciados da cena IV. A naturalização da separação se dá pelo “esquecimento” de que o vínculo sexual e afetivo aproxima marido e mulher, criando um vínculo entre eles. Tal vínculo está ausente na fala de Iscômaco, o que explica o desdobramento que se conhece a partir do êthos pré-discursivo: a ruína do lar de Iscômaco.

B) Enunciado 2

23. (Iscômaco) ***Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas.*** [Enunciado 2]

A força ilocucionária primitiva é de asserção, e o ponto ilocucional (π) é assertivo, ou seja, nele, o enunciador, Iscômaco, apresenta um conteúdo proposicional: ele afirma que o corpo e alma do homem foi preparado pelos deuses pra suportar atividades de resistência como caminhadas e campanhas bélicas, definindo-os como mais firmes do que as mulheres. O pressuposto passa pela seguridade do enunciador com a crença de que as mulheres não são fortes, e que os homens estão mais preparados que elas. Este enunciado, portanto, é de força ilocucionária primitiva de asserção e ponto ilocucional (π) assertivo, cujo modo de realização

(μ) é afirmativo, em que a afirmação é: as mulheres são frágeis. A condição preparatória (Σ) e a condição de sinceridade (ψ) estão presentes no enunciado, cuja marca é a utilização do indicativo. A diferença de gênero, naturalizada na assimetria indicada, serve de justificativa para a restrição à circulação das mulheres.

C) Enunciado 3

24. (Iscômaco): Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, ***penso eu, por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa.*** [Enunciado 3]

Força ilocucionária primitiva de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo, modo de realização (μ), porém, exaltativo opinativo: o enunciador expressa mais uma vez que, em sua opinião, o corpo da mulher foi criado com habilidades menores e mais fragilidade e, por isso, lhe foi imposto as tarefas do interior da casa.

D) Enunciado 4

30. (Iscômaco) ***Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela.*** [Enunciado 4]

A força ilocucionária primitiva é de asserção. O enunciador atesta que é da natureza frágil da mulher o recato, submissão e reclusão ao lar, o que faz do ponto ilocucional (π), assertivo, e o modo de realização (μ) afirmativo. Ele tem razões para crer na proposição proferida: os gêneros foram constituídos pela divindade considerando os aspectos naturais de sua natureza (masculina ou feminina). As condições preparatórias (Σ) e de sinceridade (ψ) estão satisfeitas no enunciado.

E) Enunciado 5

30. (Iscômaco) *para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora.* [Enunciado 5]

A força ilocucionária primitiva é de asserção, o ponto ilocucional (π) é assertivo, e o modo de realização (μ) é afirmativo. O enunciador atesta que é da natureza viril do homem a resistência para as atividades duras realizadas em ambientes externos, a gestão, organização e eficiência para cuidar do que está fora de casa. Ele tem razões para acreditar que o homem organiza o *oïkos* mantendo a integridade, protegendo-o. Cabe, por outro lado, à mulher conservar o *oïkos*. As condições preparatórias (Σ) e de sinceridade (ψ) estão satisfeitas no enunciado. Os enunciados 3, 4 e 5 convergem na naturalização das distinções de gênero.

3.2.5. Cena V – A casa, como espaço de submissão e trabalho (VII – 35-36)

A) Enunciado 1

35. (Iscômaco) *Deverás, sim, disse-lhe eu, ficar em casa, mandar que saiam de casa os servos cujo trabalho seja fora e tomar conta dos que devem trabalhar em casa;* [Enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção. O ponto ilocucional (π) é assertivo, e o modo de realização (μ) é afirmativo. No cerne da afirmação está a frase: “Deverás, sim, disse-lhe eu, ficar em casa”. No conteúdo, o coenunciador afirma o recato da mulher ao lar. A temática de gênero aponta para a posição da mulher no *oïkos*: ficar em casa, cuidando da vigilância dos servos e ordenando-os quanto a execução de suas tarefas. A condição preparatória (Σ) desse modo, as razões para crer no conteúdo proposicional, são satisfeitas, visto que no enunciado, o co-enunciador apresenta as razões pelas quais a mulher deve ficar em casa. Portanto, está satisfeita também a condição de sinceridade (ψ), pois acredita nelas como ordem natural das coisas: para o homem, a vida social na esfera pública, onde adquire riquezas e o sustento do lar, e para a mulher, restrita ao ambiente interno, responsável pela economia doméstica. A marca da elocução é a utilização do verbo no modo indicativo. Porém, o fato de a relação entre a esposa de Iscômaco e o seu genro ter se dado no âmbito do *oïkos* indica o perigo desta condição de separação, de hiato. Tal condição é antevista nas falhas eventuais da mulher nas tarefas domésticas, ainda que ela seja educada pelo homem.

B) Enunciado 2

36. (Iscômaco) *Deverás receber o que foi trazido de fora, separar o que for preciso gastar e, quanto às sobras, deverás pensar o que fazer com elas, cuidando que o gasto previsto para um ano não seja feito em um mês. E, quando a lã chegar às tuas mãos, debes cuidar que tenham túnicas os que delas precisam. Deves cuidar também que dos grãos de trigo resulte boa comida.* [Enunciado 2]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção. O ponto ilocucional (π) é assertivo e o modo de realização (μ) é afirmativo. Iscômaco, co-enunciador, afirma a temática sobre a divisão das tarefas no *oikos* claramente demarcadas, considerando a natureza dos gêneros concedida pela divindade. Ao homem, o trabalho externo; a mulher, atividades internas, o cuidado com o *oikos*, a vigilância sobre o que está armazenado dentro de casa, a realização dos gastos necessários de maneira controlada, a composição de roupas e a preparação dos alimentos para a família. A colaboração da mulher colabora para o crescimento dos bens de seu esposo, o que coincide com o que foi visto na análise discursiva: Iscômaco é rico e certamente teve a cooperação de sua esposa para isto. A condição preparatória (Σ) está satisfeita: ele, Iscômaco, tem razões para acreditar nas proposições feitas. A mulher dotada, que preza pela organização do lar, auxilia no crescimento dos bens domésticos e cumpre o dever inato a sua natureza. Tais razões satisfazem a condição de sinceridade (ψ) desse enunciado, que tem por marca linguística o uso do indicativo.

3.2.6. Cena VI - A virtude da ordem (VIII – 1-2-3)

A) Enunciado 1

1. (Iscômaco): *Percebi também que ficou perturbada e ruborizada quando não soube trazer-me algo que lhe pedi.* [Enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção. O ponto ilocucional (π) é assertivo e o modo de realização (μ) é testemunhal. Ao testemunhar a ação da esposa, Iscômaco visa a testar que a esposa ficou perplexa e perturbada por não encontrar e não saber trazer o que lhe pediu. Estão atendidas, portanto, as condições preparatórias (Σ) e de sinceridade (ψ): o

enunciador acredita e tem razão para crer no enunciado, pois ele mesmo ainda não havia instruído a mulher no que diz respeito as habilidades organizacionais. O enunciado destaca a falha de Iscômaco, indicando que a sua mulher age no *oïkos* sob suas orientações, mas ao mesmo tempo ela não age bem. A responsabilidade de Iscômaco é afirmada por ele mesmo, isentando a esposa de culpa – ainda que ela demonstre se sentir culpada. Essa responsabilização indica a falta de atividade masculina no *oïkos*, e os desdobramentos de tal ação.

B) Enunciado 2

2. (Iscômaco): Minha mulher, não fiques acanhada por não me trazes o que pedi. É evidente que faz falta não ter à mão algo que se está pedindo, mas essa carência, não poder pegar o que se busca, é menos dolorosa do que desde o início não buscá-lo por saber que não existe. Vamos! disse-lhe eu, ***não és tu responsável, mas eu que te entreguei essas coisas sem as ter colocado onde deviam ficar, para que soubesses onde debes colocá-las e onde busca-las.***
[Enunciado 2]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. O enunciado reforça que a mulher não é responsável por pegar as coisas sem a orientação de onde colocá-las. A responsabilidade do esposo para com a esposa passa pela atividade marital no *oïkos*. As condições preparatórias (Σ) e de sinceridade (ψ) também estão satisfeitas no enunciado cuja marca é a utilização do indicativo.

C) Enunciado 3

3. (Iscômaco): ***Nada, minha mulher, é tão conveniente e belo para o homem quanto a ordem.*** [Enunciado 3] Um coro é formado por homens, mas, quando cada um faz o que lhe vem à cabeça, parece-nos que está havendo um tumulto e até vê-lo é desagradável; mas, quando se apresentam e cantam de modo ordenado, embora sejam as mesmas pessoas, consideramos que vale a pena vê-los e também ouvi-los.

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de direção, com ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) solicitativo. No conteúdo, por meio da alegação à esposa de que nada é tão conveniente e belo para o homem quanto a ordem, está presente não apenas a constatação, mas o apelo à ordem, o alerta à mulher. A temática aponta para a responsabilidade

do esposo de educar a mulher para que seja ciente de seu serviço, organizando-o de forma ordenada. No entanto, para isso, ela deve submeter-se ao crivo do marido para o aprendizado e execução plausível das tarefas. Sendo assim, a condição do conteúdo proposicional (θ) pressupõe uma ação futura do co-enunciador: instruir a mulher para estar ciente de seu serviço; a condição preparatória (Σ) pressupõe que ele pode realizar a ação de educar, e a condição de sinceridade (ψ) é desiderativa: Iscômaco deseja realizar a ação.

3.2.7. Cena VII – O papel da esposa (IX – 15-16)

A) Enunciado 1

14. (Iscômaco): ***Depois disso tudo, Sócrates, disse ele, eu falei à minha mulher que de nada adiantariam essas providências se ela própria não cuidasse que a disposição de cada coisa fosse mantida.*** [enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. Na afirmação da frase “de nada adiantariam essas providências se ela própria não cuidasse que a disposição de cada coisa fosse mantida”, reitera-se a ideia que perpassa o diálogo entre os interlocutores: a obrigatoriedade da esposa de Iscômaco em manter a ordem e a vigilância, pois todo ensinamento de seu esposo sobre a organização dos objetos em critérios bem definidos só tem funcionalidade mediante a administração precisa da esposa. Ela precisa, sobretudo, elogiar os bons e castigar os que de castigo precisam. A condição preparatória (Σ), a existência de razões para crer no conteúdo da proposição, está satisfeita no curso do discurso de Iscômaco, bem como as condições de sinceridade (ψ) nesse enunciado, que é a crença do locutor no conteúdo do enunciado. Por essa razão, a marca do enunciado é o verbo no indicativo

B) Enunciado 2

15. (Iscômaco): Portanto, *aconselhei minha mulher, disse ele, a ser a guardiã das leis de nossa casa* [enunciado 2] e a passar em revista, quando lhe parecesse bem, os objetos de casa como o comandante de uma guarnição passa em revista os guardas e os examina para ver se cada um está bem, como o Conselho examina os cavalos e os cavaleiros e também, dentro de suas possibilidades, a elogiar e honrar, como uma rainha, quem disso é digno e a repreender e punir quem disso carece.

A força ilocucionária primitiva do enunciado é asserção, com ponto ilocucional (π) diretivo. A asserção diz respeito a uma ordem dada à esposa. O verbo “aconselhar” indica uma hierarquia consciente. A esposa de Iscômaco recebe os conselhos do marido na consciência de que precisa submeter-se a eles, pois é obrigação do esposo educá-la e sua obrigação, como esposa, acatar cada ensinamento. A condição proposicional (θ) aponta para a ação futura da esposa de Iscômaco, à qual tem a condição preparatória (Σ) de executar a ação demandada por seu esposo, de ser guardiã das leis da casa e dos bens ambos. A condição de sinceridade (ψ), a crença do enunciador, de que sua esposa é capaz de realizar a ação, também pode ser atestada.

C) Enunciado 3

16. (Iscômaco): Além disso, disse ele, *expliquei-lhe que não é justificado ela sentir-se sobrecarregada se eu lhe imponho mais encargos que aos servos no que diz respeito ao que é nosso* [enunciado 3], porque, quanto aos bens de seus senhores, aos servos só cabe carregá-los, tratá-los e guardá-los, mas a nenhum deles a quem o senhor não o conceda é permitido usá-los. Tudo, porém, é do senhor e ele pode usar daquilo que quiser.

A força ilocucionária primitiva é de direção, com ponto ilocucional (π) diretivo e modo de realização (μ) ordenativo. Iscômaco impõe a sua esposa que não se sinta sobrecarregada com os cargos que lhe são impostos a mais que os servos. Logo, a ordem pressupõe que a esposa tem a capacidade de não se queixar das sobrecargas a ela atribuídas no lar sendo, portanto, capaz de realizar a ação. O enunciador, Iscômaco deseja que ela a execute, satisfazendo assim as condições preparatória (Σ) e de sinceridade (ψ).

3.2.8. Cena VIII - Submissão feminina (IX – 18-19)

A) Enunciado 1

18. (Sócrates): "E então, Iscômaco? Tua mulher, ao ouvir essas palavras, dava-lhes atenção?" "Como não! disse. ***Só me falou que estaria errado se pensasse que lhe impunha obrigações penosas ao dizer-lhe que devia zelar por nossas coisas.*** [Enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. A asserção diz respeito a atestação de Iscômaco em relação à pergunta de Sócrates, sobre a reação de sua esposa após as instruções. O modo de realização (μ) é afirmativo. Iscômaco tem razões para crer no que narra: sua mulher não tinha como penosas as obrigações de zelar pelas coisas do lar, pois compreende seu papel como colaboradora do esposo na administração do *oikos*. A disposição da esposa cumprir com as obrigações que lhe cabem atende à condição preparatória (Σ) e à condição de sinceridade (ψ). A marca é a utilização do indicativo.

B) Enunciado 2

19. (Iscômaco): Falou-me, disse ele, que se eu exigisse que se descuidasse de seus próprios bens para ela seria mais difícil do que se seu dever fosse cuidar dos bens de sua casa. De fato, disse ele, parecia-lhe que, ***como para uma mulher de juízo é mais fácil cuidar de seus filhos do que descuidar-se deles, também considerava mais agradável cuidar de seus próprios bens, cuja posse lhe dava prazer, do que descuidar-se deles.*** [Enunciado 2]

A força ilocucionária do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) e assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. Iscômaco sempre obteve respostas positivas de sua esposa com relação as suas orientações pedagógicas. A condição preparatória (Σ) está satisfeita: Iscômaco, o enunciador, tem razões para acreditar nisso: uma mulher de juízo que cuida de seus filhos e não descuida deles, assim também fará com os bens do patrimônio, a prioridade será o cuidado de suas posses. Porém, não há nada sobre a educação dos filhos – o casal os tem. Isso, de certa forma, provoca um efeito irônico: o relacionamento extraconjugal da esposa de Iscômaco e o filho que será resultado de tal relacionamento provocará a morte da filha do casal. Logo, a ausência de instruções sobre filhos, e a demasia nas instruções sobre bens, desequilibra

a vida oikiáde, como pressupõe as muitas perguntas feitas por Sócrates no decorrer do diálogo. Ainda assim, tais razões satisfazem a condição de sinceridade (ψ) desse enunciado que tem por marca linguística o uso do indicativo.

3.2.9. Cena IX –Enganosa é a formosura (X-9-10-11-12-13)

A) Enunciado 1

9. (Iscômaco): *Perguntou-me, porém, se poderia aconselhá-la como mostrar-se bela de verdade e não só de aparência.* [Enunciado 1]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) testemunhal. O contexto de enunciação, aponta para o diálogo de Sócrates e Iscômaco no pórtico do templo de Zeus Eleutério. Ainda no relato de suas memórias no que cerne a educação de sua mulher Iscômaco, enunciador, declara a Sócrates que sua esposa lhe perguntou se poderia dar a ela conselhos sobre como tornar-se bela não apenas de aparência. A preocupação com a beleza indica não apenas a condição feminina e a artificialidade com que as mulheres adquirem formosura, mas aponta para a oposição entre realidade e aparência que gravita o lar de Iscômaco. O modo de realização (μ), portanto, é testemunhal, e as condições estão presentes: tanto a condição preparatória (Σ), a existência de razões para crer na declaração – o desejo de tornar-se bela aos olhos do esposo; quanto a condição de sinceridade (ψ): o enunciador, acredita no conteúdo proposicional. A marca do enunciado é a utilização do modo indicativo.

B) Enunciado 2

10. (Iscômaco): E eu, Sócrates, dei-lhe estes conselhos: *não devia ficar sempre sentada como uma escrava, mas, com a ajuda dos deuses, postada diante do tear, devia ensinar o que soubesse mais que outrem e aprender o que sabia menos.* [Enunciado 2]

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção. O ponto ilocucional (π) é assertivo, e o modo de realização (μ) é afirmativo. No diálogo com Sócrates, Iscômaco atesta

que aconselhou sua esposa enfatizando as virtudes que deveria ter para tornar-se bela não apenas de aparência. O modo de realização (μ), portanto, é afirmativo, e as condições estão presentes na condição preparatória (Σ), com a existência de razões para acreditar que o alcance da verdadeira beleza está, em primeiro lugar, na ajuda dos deuses, posteriormente, na diligência com as tarefas do *oikos*; e na condição de sinceridade (ψ), em que o enunciador acredita que o compromisso com as responsabilidades do lar exalta a verdadeira beleza, que vai além de uma aparência repleta de adornos. A marca do enunciado é a utilização do modo indicativo.

C) Enunciado 3

10. (Iscômaco): ***Devia vigiar a padeira, ficar ao lado da governanta enquanto ela fazia as distribuições e também circular procurando ver se cada coisa está onde deve.*** [Enunciado 3] Na minha opinião, isso era, ao mesmo tempo, demonstração de zelo e passeio.

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. O enunciado em questão traz para a discussão a forma correta de administrar o *oikos*, administração oriunda da orientação pedagógica masculina transmitida à mulher. Iscômaco afirma que é de obrigação da esposa o cuidado com a disposição dos objetos em seus respectivos cômodos, bem como a vigilância dos servos e governantas no momento das distribuições, logo, o modo é afirmativo. Falta, contudo, compromissos de fidelidade e *philia*, ou cuidado com os filhos. A condição preparatória (Σ) desse modo, as razões para crer no conteúdo proposicional, são satisfeitas, uma vez que os enunciados prévios do co-enunciador são reflexos da orientação pedagógica masculina. Portanto, está satisfeita também a condição de sinceridade (ψ), sendo a marca da elocução a utilização do verbo no modo indicativo.

D) Enunciado 4

11. (Iscômaco): ***Bom exercício, disse-lhe eu, é molhar a farinha, sovar a massa, sacudir as roupas e tapetes e dobrá-los.*** [Enunciado 4] Fazendo esses exercícios, disse-lhe eu, comerás com maior prazer, terás mais saúde e, de verdade, mostrar-te-ás com cor melhor.

A força ilocucionária primitiva do enunciado é de asserção, com ponto ilocucional (π) assertivo e modo de realização (μ) afirmativo. Há, nas linhas desse discurso, aspectos naturais da natureza específica do gênero feminino: cumprir e executar atribuições específicas de senhoras no *oïkos*, com consciência das partes que lhe cabem como esposa e dona de casa. De acordo com Iscômaco, o exercício da beleza e da saúde, na verdade está nos bons exercícios de molhar farinha, sovar a massa, sacudir tapetes e dobrá-los. O modo de realização, portanto, (μ) é afirmativo, com condição preparatória (Σ), as razões para crer no conteúdo proposicional, estão postas, satisfazendo a condição de sinceridade (ψ), bem como a marca, o verbo no indicativo.

E) Enunciado 5

12. (Iscômaco): ***Tua aparência, comparada com a de uma serva, sendo tu mais despojada e estando mais convenientemente vestida, será mais atraente,*** [Enunciado 5] principalmente quando a isso se aliar o favor prestado de bom grado em vez da ajuda dada sob coação.

A força ilocucionária primitiva é de asserção, o ponto ilocucional (π) é assertivo, e p modo de realização (μ) é afirmativo. O estereótipo da beleza da impecável da mulher é desconstruída por Iscômaco ao instruir sua esposa de que enganosa é a formosura, pois adornos e artificios não te deixam transparecer quem realmente é. No enunciado, afirma-se que a aparência da mulher mesmo quando cansada, embora bem vestida, sempre será mais atraente quando ela, ciente de suas atribuições, se prontifica a fazer de bom grado ao invés de repressão. A condição preparatória (Σ) está satisfeita: o enunciador tem razões para crer no conteúdo proposicional, e acredita nele, satisfazendo a condição de sinceridade (ψ). A marca do enunciado é o indicativo.

F) Enunciado 6

13. (Iscômaco): **As que ficam sentadas com imponência dão ensejo a que as ponham em pé de igualdade com as vaidosas e enganadoras.** [Enunciado 6]

A força ilocucionária primitiva é de asserção, ponto ilocucional (π) é assertivo, e o modo de realização (μ) é afirmativo. Iscômaco afirma que esposas negligentes, sem controle do *oikos*, e que não priorizam a família, tornam-se vergonhosas e abrem espaço para comparações com senhoras enganadoras que sugam as forças de homens belos e bons, levando-os à ausência de recursos. Note que os primeiros enunciados da cena I apontam para a condição dessas senhoras. A diferença é que a disposição para a condição adúltera não está presente aqui: Iscômaco simplesmente elimina qualquer hipótese de desvio sexual de sua esposa, não obstante todas as dificuldades dela apontarem para essa direção *in absentia*. Quanto a condição preparatória (Σ), o enunciador tem razões para crer no conteúdo proposicional e acredita na preposição de que a falta de negligência, tornam iguais senhoras esposas de homens belos e bons, com vaidosas enganadoras, atendendo as condições de sinceridade (ψ) do enunciado, cuja marca é o uso do indicativo.

G) Enunciado 7

13. (Iscômaco): E agora, Sócrates, disse ele, quero que saibas que ***minha mulher, já bem preparada, vive de acordo com o que lhe ensinei*** [Enunciado 7] e como acabei de dizer-te.

A força ilocucionária primitiva é de asserção, o ponto ilocucional (π) assertivo, e modo de realização (μ) é afirmativo. No enunciado, por meio da excelente administração econômica do *oikos* e dos negócios, Iscômaco é nomeado como *belo e bom*. Para alcançar esse objetivo, ele educou sua esposa estabelecendo funções específicas para os membros do *oikos*, cabendo ao homem a função pedagógica em relação a esposa, e administrativa com relação ao campo e aos escravos. As orientações sobre a manutenção da integridade sexual do *oikos* e da criação de filhos não é abordada. A condição preparatória (Σ) está satisfeita: as orientações pedagógicas de Iscômaco prepararam sua esposa para dirigir seu *oikos*, incluindo servos e filhos, de forma próspera e ordenada. Iscômaco tem, portanto, razões para acreditar no conteúdo proposicional, e acredita nele, satisfazendo assim a condição de sinceridade (ψ). A marca do enunciado é o indicativo.

As análises discursiva e enunciativa indicam como Sócrates, em seu diálogo com Critóbulo, apresenta senhoras enganadoras e de má companhia, preparando a perspectiva do que será apresentado no decorrer do diálogo. Sócrates explora ainda o tópico concernente à

riqueza, aos bens e à administração do patrimônio por meio de questionamento e resposta. Porém, o filósofo enfatiza a Critóbulo a existência de mulheres que atraem os homens por meio de libertinagens, embriaguez e ambições, encantando-os cegamente

As cenas dedicadas à educação da mulher desde menina para exercer a função de complementaridade do lar e tornar-se a esposa ideal de um cidadão ateniense também enumera, no diálogo entre Sócrates e Critóbulo, a administração do *oikos*, a gerência dos servos, a orientação dos escravos e a educação dos filhos, bem como a condição de recato.

A partir da cena III analisada, em que Sócrates rememora uma conversa com Iscômaco na stoá no templo de Zeus Eleutério na ágora ateniense, Iscômaco, retratado como homem *belo e bom*, elogiado por cidadãos, afirma que educou sua mulher para que realizasse as tarefas de casa. Desaparecem as alusões à educação de filhos e fidelidade, e aparecem em seu lugar enunciados que tem Sócrates como inquiridor. Iscômaco, que responde sempre de forma otimista, demonstra em suas respostas as falhas que aqueles que leem o diálogo já sabem que serão a ruína da casa do ateniense. A análise discursiva das cenas e pragmática dos enunciados demonstrou as suspeitas sutis de Sócrates, e a tentativa de Iscômaco de demonstrar a eficácia de sua atuação. Porém, já se sabe, de partida, que Iscômaco não logrou êxito exatamente pela falha nas áreas que não são mencionadas no diálogo.

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO

Este capítulo é dedicado às conclusões advindas das análises enunciativos-discursivas. Os sentidos, intencionalidades e estratégias discursivas, uma vez elucidados, permitem a abordagem particular a respeito da identidade feminina, das estratégias de “educação”, e submissão em *Econômico VII*.

A posição da mulher na Antenas Clássica não era restrita ao *oikos* – mas havia pressões para que fosse. Por isso, a educação feminina tinha início desde a infância sobre a guarda da mãe e amas na instrução das tarefas domésticas, objetivando oferecer a formação de uma esposa ideal sob a perspectiva masculina. Essa formação era continuada pelo esposo que, após o matrimônio, tinha a função de como chefe de família e cidadão ateniense preparar a mulher com intuito de torná-la colaboradora para o crescimento do lar e não para ruína dele.

É importante destacar que após o casamento a esposa assumia a responsabilidade de administrar o *oikos*. As atividades prescritas para a mulher interior do ambiente doméstico eram: fiação, tecelagem, supervisão dos escravos, preparação dos alimentos, criação dos filhos, armazenamento de alimentos, limpeza da casa. As tarefas domésticas exigiam trabalho e zelo, e a obrigação era reforçada pela ideia de naturalização dos corpos femininos, de disposição dos mesmos para os trabalhos e cuidados do interior, e do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. Assim, a arte de administrar o interior do *oikos* diz respeito a ocupação humana de natureza feminina, as quais o feminino sobressai o masculino, visto a educação transmitida de mãe para filha como preparo para o casamento. (LESSA, 2004, p. 57)

O diálogo demonstra que o objetivo de Iscômaco era fazer de sua mulher a abelha rainha que residia na colmeia para assegurar a administração adequada que seu lar precisava. (*Econômico VII.17-18*). Porém, foi no âmbito da casa que a esposa real de Iscômaco, Crisila, engravidou de seu genro e causou a morte da própria filha. Logo, o diálogo entre Sócrates e Iscômaco dentro do diálogo entre Sócrates e Critóbulo, que começa em VII.3, revela as raízes desta tragédia na ignorância de Iscômaco, evidenciada vez por outra nas perguntas de Sócrates.

A análise de discurso e pragmática permitiram neste trabalho observar por traz das perguntas ao marido se ele educou sua nova esposa para que ela fosse capaz de administrar a casa os limites da didática da esposa, e dos maridos no seu papel de 'professor'.

Iscômaco também demonstra como as convenções da didática conjugal e a retórica convencional da economia que a justifica poderiam ser eficazes para causar uma boa impressão em contexto poliáde, mas não evitava danos ao *oikos*. O aspecto convencional do tema da

mulher restrita ao ambiente dentro de casa se torna base e fundamento para a indicação de que a experiência e o conhecimento da nova esposa devem ser limitados, porém o cuidado e controle das esposas deve seguir até mesmo quando elas se tornam senhoras. Se a jovem vê, ouve e fala o mínimo possível (Econômico VII.4-6), e o máximo que Iscômaco diz que pode esperar como marido é que sua esposa possa tecer lã em roupas e atribuir o trabalho de fiar a servos, isso não controla seus apetites. O marido a princípio inscreve implicitamente sua nova noiva dentro das ansiedades misóginas sobre a esposa como o recipiente vazio e consumidor, a fim de deslocá-la com a imagem dela como uma página em branco sobre a qual ele inscreverá seus ensinamentos. Mas as mulheres fogem ao controle. Crisila fugiu ao controle de seu marido, considerado por todos como homem *belo e bom*.

Outro estereótipo que ecoa no texto é que a esposa deve ser moderada (Econômico VII.14) e Iscômaco entende que isso implica que ele e sua esposa ajam de modo que sua riqueza aumente tanto quanto possível por meios justos (VII.15). Marido e mulher agora constituem uma parceria cooperativa que divide a responsabilidade para o maior benefício de ambos os envolvidos. Mas ao fim, a riqueza não adianta. Quem lê Xenofonte sabe disso, e nota a ironia de Sócrates, sua desconfiança e a cegueira de Iscômaco. E o leitor é preparado para isso nos livros I e III, em que os regramentos para a conduta feminina são mais amplos.

O resultado imediato da didática da esposa de Iscômaco é tornar a casa um espaço de produção, ou talvez mais precisamente, um espaço que complementa a produção. O marido comenta que, se ninguém guardasse os mantimentos trazidos, seria como se ele estivesse colocando água em uma jarra furada. Ele invoca, a fim de deslocar de sua esposa, a imagem do vaso vazio, Iscômaco afirma que a ordem ou estrutura é um aspecto importante do recurso em que, se há alguma pobreza, essa consiste em não poder usar o que é pedido. A falta é tanto mais lamentável quando não se pode recuperar o que é pedido (VIII.2). Além disso, propriedades em geral são úteis e boas, como um coro bem ordenado (VIII.3), uma campanha militar bem disciplinada (VIII.4), um exército em batalha (VII.5-7) e um navio mercante fenício (VIII.12-14) o são. Mas cada uma dessas metáforas oculta um perigo: a falta é possível, o coro pode ser ordenado para encenar uma tragédia, o exército treinado pode perder e o navio mercante fenício – logo, estrangeiro – não atende às demandas de dignidade próprias para um ateniense dono de propriedades.

No decorrer do diálogo, a esposa de Iscômaco é assimilada ao espaço masculino, em vez de ter sua autonomia concedida, e no que diz respeito à propriedade e sua administração, a pedagogia não é tanto um processo de desenvolvimento intelectual quanto um modo de socialização para um papel comunitário. Na Atenas clássica, o casamento é em si um aspecto e

subordinação às relações e estruturas cívicas. Até mesmo a invocação do exemplo político por Iscômaco reforça a ideia de que a pedagogia é um modo de regulação e disciplina da mulher como figura contida no lar. As cidades elaboram boas leis, elogiam os que obedecem e pune os transgressores. Da mesma forma, como chefe de família, o marido nomeia a esposa para garantir que a ordem seja mantida, implicando sua própria posição de legislador (IX.14). Mais tarde, Iscômaco explicará que a instrução cria escravos produtivos, tornando-os conscientes do interesse próprio e da vantagem pessoal para eles se comprometam a serem produtivos (XIII.9), ou, nesse caso, a boa esposa ou governanta, fazendo-os também perceber os benefícios de cumprir suas funções adequadamente.

O problema todo é que no mundo de Iscômaco, muito foi investido na produção e na riqueza. Em sua pedagogia, aprende-se menos para obter conhecimento e mais para buscar ganhos materiais e manter o que já se tem. Iscômaco admite que governar é mais difícil do que cultivar, mas passa a traçar uma analogia entre os princípios de interesse próprio envolvidos em ambas as atividades. Ele diz que a educação é similarmente uma estratégia de (auto)conservação política, pois capacitar alguém a governar coopera para o bem da coletividade, desde que o governante em treinamento possua um “bom conhecimento” (XXI.11-12). O utilitarismo da educação da esposa é ecoado por Aristóteles, que declara que como o lar faz parte da cidade, deve-se educar seus membros, ou seja, filhos e esposas, para que sejam respeitáveis e para que, por sua vez, a cidade também seja respeitável (Aristóteles, *Política* 1.1260b15-18).

O interlocutor de Sócrates se apresenta como o governante ideal do *oikos*, onde este deve ser considerado como um microcosmo político. Mas ele falha. Ele e seu *oikos* sucumbem, mostrando que a esposa é tudo menos um vaso vazio a ser preenchido com os ensinamentos de seu marido ou com os recursos do *oikos*. De fato, o ensinamento do marido na verdade é um palimpsesto de ensinamentos anteriores, refazendo, por exemplo, a instrução anterior de sua sogra para que sua filha fosse moderada (VII.14-15). Em 9.1 o marido lembra que sua esposa prometeu seguir todas as suas instruções. Mas ela age com liberdade exatamente naquilo que ele não instruiu.

Logo, pode-se inferir a partir do diálogo xenofonteano que a abordagem de gênero de fato consiste numa construção de ordem social e histórica entre os sexos nas relações sociais. Estas construções refletem em condutas e diferenças entre masculino e feminino haja vista que as relações tomam fundamento no âmbito social, o que torna as identificações correspondentes a cada gênero presentes nos discursos entre enunciadores ou locutores, co-enunciadores ou interlocutores. Os atributos tradicionais da mulher na Antenas Clássica claros na fala dos interlocutores, por exemplo, são de reclusão doméstica, ou seja, restritas ao âmbito familiar

como boas mães, esposas e administradoras do lar, logo, o aspecto mais geral da mulher era a subordinação pelos homens. Porém, esse é o discurso hegemônico apenas. As práticas, porém, são muito mais difusas.

Ainda que a formação social da mulher ateniense fosse constituída pelos papéis atribuídos a ela socialmente, o discurso educacional proferido por Iscômaco a Sócrates, figuras masculinas, servia aos propósitos masculinos de sucesso na esfera pública. Xenofonte, propositalmente ou não, mostra em seu diálogo que a demarcação dos gêneros e a separação dos papéis sociais empurravam as mulheres para a vida reclusa ao lar. Mas isso não garantia que a relação seria bem-sucedida. Nesse sentido, concordamos com a concepção de Bourdieu (2003), apresentando as construções sociais de dominação e exploração instituídas entre os gêneros, que normatizam os sujeitos nas relações sociais:

As relações de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma da *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre masculino e feminino. (BOURDIEU, 2003, p. 18)

A dicotomia estabelecida entre o masculino e o feminino como raças separadas atuantes de esperas distintas cobra o seu preço. E cobrou o seu preço de Iscômaco. O papel das mulheres atenienses reiterado pelos ideais normativos que impunham seus lugares na gestão do *oikos* fez desse espaço, lugar de transgressão. O crivo normativo das ordens do marido não foi, não é e nunca será capaz de restringir absolutamente a liberdade das mulheres. Em uma sociedade patriarcal, a obra *Econômico*, de Xenofonte traz uma ideologia de ordem dominante do homem (esposo) como patriarca do lar naturalmente destinado a atuação pública – mas traz consigo um resultado inesperado, subentendido: o homem *falha*, e a mulher *vive*.

REFERÊNCIAS

- AMBLER, W. H. “**On the Oeconomicus**”, In BARTLETT, R. C. (ed.). *Xenophon: The Shorter Socratic Writings*. Ithaca: Cornell University Press, 1996, p. 102-131.
- AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do êthos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOWEN, A. J. (ed.) *Xenophon: Symposium*. Warminster: Aris and Phillips, 1998.
- DELEBECQUE, E. **Essai sur la vie de Xénophon**. Paris: C. Klincksieck, 1957.
- ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FLORENZANO, M. B. B. **Pólis e oikos, o público e o privado na Grécia Antiga**. São Paulo: Labeca – MAE-USP, 2001.
- GLAZEBROOK, A. “**Cosmetics and Sôphrosunê: Ischomachos’ Wife in Xenophon’s Oikonomikos**”. *The Classical World* 102 (3), 2009, p. 233-248.
- HOBDEN, F. “**Reading Xenophon’s Symposium**”, *Ramus* 34 (2), 2005, p. 93-111.
- HUSS, B. “**The dancing Sokrates and the laughing Xenophon, or the other ‘Symposium’**”, *AJP* 120 (3), 1999, p. 381-409.
- JOHNSON, W. A. “**Towards a sociology of reading in Classical Antiquity**” *AJP* 121, 2000, p. 593-627.
- KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. **Mulheres Masculinas, Homens Femininos: Representações e Identidade de Gênero no Teatro de Eurípidés**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2021.
- KOCH; I. V.; ELIAS, W. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRONENBERG, L. **Allegories of Farming from Greece and Rome: Philosophical Satire in Xenophon, Varro and Virgil**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LANE FOX, R. (ed.). **The Long March: Xenophon and the Ten Thousand**. New Haven: 2004.
- LESSA, Fábio de Souza. **O feminino em Antenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- LORAUX, N. **The Invention of Athens: The Funeral Oration in the Classical City**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do Discurso**. Parábola. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. Enunciação, escritor, sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Êthos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do êthos*. São Paulo: Contexto, 2008, p.69-92.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Contexto: São Paulo, 2006.
- MARI, H. “**Atos de fala: notas sobre origens, fundamentos e estrutura**.” In: MACHADO, I. L. *et al.* (org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 93-132.

MITCHELL, L.; MELVILLE, C. (eds.). **Every Inch a King: Comparative Studies on Kings and Kingship in the Ancient and Medieval Worlds**. Leiden: Brill, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

POMEROY, S. B. **Xenophon: Oeconomicus. A Social and Historical Commentary**. Oxford: Clarendon Press, 1994.

ROMEYER DHERBEY, G.; GOURINAT, J.-B. (eds.). **Socrate et les Socratiques**. Paris: Vrin, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SEARLE, J. R. **Speech acts: an essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. (eds.). **A Companion to Socrates**. Malden, Oxford: Routledge, 2006.

TOO, Yun Lee. “**The Economies of Pedagogy: Xenophon’s Wifely Didactics**”. *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 47, 2001, p. 65-80.

VANDER WAERDT, P. A. (ed.). **The Socratic Movement**. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

VANDERVEKEN, D. **O que é uma força ilocucional?** *Cadernos de Estudos Linguísticos* 9, 1985, p. 173-194.

XENOFONTE. **Econômico**. Trad. de Ana Lia A. Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.